



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**Estudo exploratório dos comportamentos interativos
Mãe – Filho(a) e Pai – Filho(a)
aos 15 meses de vida.**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de Mestre em Intervenção Precoce

Maria João Mendonça Alves

2013

Estudo exploratório dos comportamentos interativos
Mãe – Filho(a) e Pai – Filho(a)
aos 15 meses de vida

Sob a orientação da Professora Doutora Marina G. Gonçalves Fuertes
Dionísio e da Professora Doutora Otília da Encarnação Costa e Sousa

Maria João Mendonça Alves

2013



Aquarela "Mother & Child" 1938;
Paul Klee

*"on ne connaît que
les choses que l'on apprivoise"*

Saint Exupéry ; *Le Petit Prince*.

RESUMO

O presente estudo exploratório teve como objetivo comparar os comportamentos interativos maternos e paternos, em crianças de 15 meses. Os comportamentos diádicos são os alicerces da qualidade da relação entre os pais e a criança, e estas relações precoces são determinantes para a organização da personalidade e para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, pretendemos descrever os comportamentos diádicos detalhadamente e em seguida categorizá-los no intuito de comparar os modos (tipo de jogo usado, respostas verbais, tipo de contato físico) e as funções (qualidade da comunicação) da interação mãe-filho(a) e pai-filho(a).

A amostra foi constituída por 10 díades com bebês de termo e sem condições assinaláveis de risco (5 meninos e 5 meninas). As díades foram filmadas em situação de jogo livre, mãe-filho(a) e pai-filho(a) independentemente. As interações foram transcritas, segundo o método de narrativas, que constituíram o suporte de trabalho. Construímos uma grelha de análise, para uma síntese quantitativa, e posteriormente procedeu-se ao estudo qualitativo das interações verbais.

Os resultados do nosso trabalho apontam para a existência de características diferentes nas interações dos pais e das mães quando brincam com os seus filhos, sendo as de maior relevo: *a)* as mães utilizam mais a linguagem verbal que os pais; *b)* os pais utilizam mais a linguagem não verbal que as mães; *c)* as mães têm uma comunicação não verbal mais expressiva; *d)* as mães têm tendência a estruturar o ambiente de jogo; *e)* os pais têm tendência para dar instruções verbais sobre o funcionamento dos brinquedos.

Os modos das interações tendem a ser diferentes, mas as funções que elas cumprem atingem os mesmos objetivos, que são a qualidade da comunicação pais-filhos. A sensibilidade materna tem sido largamente estudada em suas características. Este trabalho permite indagar se a comunicação não verbal dos pais, pelo efeito positivo que encontramos nas interações com os filho(a)s, será uma especificidade da sensibilidade paterna.

Sabendo que as perturbações da vinculação foram incluídas como critério de inclusão na Intervenção Precoce, julgamos que o nosso trabalho oferece à intervenção e à investigação um a descrição microanalítica dos comportamentos e das trocas diádicas entre pais e filhos podendo, deste modo, ser mais um aporte para a promoção de relações seguras.

ABSTRACT

The present exploratory study wants to compare the maternal and paternal interactive behaviours with 15 months old children. The dyadic behaviours are the foundations for a good maternal/paternal relationship to the child, and these early relationships are crucial to the formation and development of the child's personality. In this sense, we intend to describe this behaviours in detail and then categorize them expecting to compare the methods (games used, verbal answers, physical contact) and the functions (communication's quality) of parent-child interaction.

The sample consisted of 10 dyads, with babies born at term, with no special conditions of risk (5 boys and 5 girls). All the dyads were videotaped in free play situation, mother-child (a) and father-child (a) independently. The interactions were transcribed according to the method of narratives, which were the work support. We built an analytical grid, for a quantitative synthesis, and subsequently proceeded to the qualitative study of verbal interactions.

The results of our study point to the existence of different characteristics between the interactions of fathers and mothers when playing with their children. From all, the most evident tell us that: *a)* mothers use more verbal language than fathers; *b)* fathers use more non verbal language than mothers; *c)* the non verbal communication of mothers is more expressive; *d)* mothers tend to structure the game environments; *e)* and fathers tend to give verbal instructions about the way toys work.

The interactions' methods tend to be distinct, but the functions that they serve do fulfill the same goals, which are the quality of parents-children communication. Maternal sensitivity has been largely studied in its characteristics. However, the present study allows considering if non verbal communication of fathers, through the positive effect we encounter in their interactions with their children, is a specificity of the fatherhood sensitivity.

Knowing that the disturbances of bonding were included as a criterion of inclusion in the Early Intervention, we think that our work provides to the intervention and to the research a microanalysis' description of the behaviours and dyads' exchanges between parents and children, and, thus, it may be a contribution to promote safe relations.

RÉSUMÉ

L'étude exploratoire à laquelle nous nous sommes consacrés a eu pour objectif de comparer les comportements interactifs maternels/paternels envers des enfants de 15 mois. Les comportements dyadiques sont les fondements de la qualité de la relation parents-enfant, et ces relations précoces sont déterminantes pour la formation de la personnalité. En ce sens, nous avons voulu, en premier lieu, décrire ces comportements en détail et les classer ensuite par catégories, dans le but de comparer les modes (type de jeux utilisés, réponses verbales, type de contact physique) et les fonctions (qualité de la communication) de l'interaction mère-enfant et père-enfant.

L'échantillon a été constitué par 10 dyades, avec des bébés à terme, sans conditions constatables de risque (5 enfants et 5 filles). Les dyades ont été filmées en situation de jeu libre, mère-fils (fille) et père-fils (fille) indépendamment. Les interactions ont été transcrites selon la méthode narrative, lesquelles ont constitué le *corpus* de ce travail. Nous avons construit une grille d'analyse pour une synthèse quantitative, et ensuite nous avons procédé à l'étude qualitative des interactions verbales.

Les résultats de notre travail confirment l'existence de caractéristiques distinctes dans les interactions des pères et des mères quand ils jouent avec leurs enfants, notamment : *a)* les mères utilisent plus le langage verbal que les pères ; *b)* les pères utilisent plus le langage non verbal que les mères ; *c)* les mères ont une communication non verbal plus expressive ; *d)* les mères ont tendance à structurer le environnement de jeu ; *e)* les pères ont tendance à donner des instructions verbales sur le fonctionnement des jouets.

Les modes d'interaction ont tendance à être différents, cependant les fonctions qu'ils remplissent atteignent les mêmes objectifs, que sont la qualité de la communication parents-enfants. La sensibilité maternelle a été largement étudiée en ce qui concerne ses caractéristiques. Ce travail permet de questionner si la communication non verbal des pères, dû l'effet positif que nous trouvons dans les interactions avec leurs enfants, sera une spécificité de la sensibilité paternelle.

Sachant que les perturbations de l'attachement ont été incluses dans les critères d'inclusion en l'Intervention Précoce, nous croyons que notre travail offre à l'intervention et à la recherche une description micro-analytique des comportements et des échanges dyadiques entre parents et enfants, pouvant ainsi constituer un apport de plus pour la promotion des relations de sécurité.

AGRADECIMENTOS

Os meus primeiros agradecimentos dirigem-se à Professora Doutora Marina Fuertes Dionísio, por todo o seu saber científico com que orientou e acompanhou este estudo, mas ainda por toda a sua qualidade de pessoa que, na relação humana, confere bem estar e segurança a seu lado. Quero agradecer toda a confiança que me transmitiu nas diferentes etapas deste trabalho.

Agradeço à Professora Doutora Otília Sousa que soube comunicar-me o seu entusiasmo com tema da tese e trazer o seu saber de longos anos para este estudo. Sobretudo, na fase final deste trabalho, apesar das condicionantes que se abateram sobre ela, não cessou de me ajudar.

O meu *muito obrigada* também a Professora Doutora Anabela Faria, que disponibilizou os vídeos por ela realizados para o seu estudo sobre os processos de vinculação da criança à mãe e ao pai durante os primeiros 15 meses de vida.

Os meus agradecimentos dirigem-se ainda aos meus familiares e amigos, em especial à Teresa Almeida e ao meu irmão Miguel, pelo encorajamento a perseverar apesar das vicissitudes da vida.

A minha mais sentida gratidão dirige-se ao meu Esposo, que fielmente me ensina sobre o amor enquanto relação genuína de entrega de vida.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
CAPÍTULO 1 – A TEORIA DA VINCULAÇÃO.....	13
1.1 A CRIANÇA COMO AGENTE ATIVO NO SEU PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO.....	13
1.2 DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS PRIMÁRIOS AOS SISTEMAS COMPORTAMENTAIS.....	15
1.3 A DÍADE RELACIONAL.....	19
CAPÍTULO 2 – ORGANIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	24
2.1 O PAPEL DO MEIO E A ABORDAGEM BIOECOLÓGICA.....	24
2.2 OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO E NOÇÃO DE ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL.....	27
2.3 DAS RELAÇÕES AO DESENVOLVIMENTO.....	30
2.4 A INTERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	33
PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO.....	37
2.1 MÉTODO.....	38
2.2 INSTRUMENTOS.....	39
2.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	45
2.3.1 ESTUDO COMPARATIVO DAS INTERAÇÕES MÃE-FILHO E PAI-FILHO.....	45
2.3.2 CARACTERIZAÇÃO DO TIPO DE BRINCADEIRAS DAS MÃES E DOS PAIS.....	50
2.3.3 SITUAÇÕES ILUSTRATIVAS.....	52
2.4 CASO ILUSTRATIVO: PROTOCOLO 1.....	61
NARRATIVA 1M.....	62
SÍNTESE ANALÍTICA 1M.....	67
ANÁLISE QUALITATIVA 1M.....	68
NARRATIVA 1P.....	73
SÍNTESE ANALÍTICA 1P.....	79
ANÁLISE QUALITATIVA 1P.....	80
2.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	96
ANEXOS.....	100
ANEXO 1 - DESCRIÇÃO ESQUMÁTICA DA “SITUAÇÃO ESTRANHA”.....	100
ANEXO 2 - NARRATIVAS COTADAS.....	101
ANEXO 3 - SÍNTESES ANALÍTICAS.....	190
ANEXO 4 - SÍNTESE QUANTITATIVA DAS INTERAÇÕES MÃE-FILHO(A): MÉDIAS.....	225
ANEXO 5 - SÍNTESE QUANTITATIVA DAS INTERAÇÕES PAI-FILHO(A): MÉDIAS.....	227
ANEXO 6 - GRÁFICOS COMPARATIVOS DAS INTERAÇÕES MÃE-FILHO(A) E PAI-FILHO(A).....	229

INTRODUÇÃO

Os estudos do desenvolvimento infantil têm suscitado um interesse crescente desde as últimas décadas. Para esses estudos muito contribuíram os modelos teóricos de Bronfenbrenner (1979, 1999,2004), de Tronick (2000, 2008), de Sameroff (1993), e de Crittenden (2000), entre outros. Os contributos destes modelos teóricos conduziram à situação actual em que se pretende conhecer melhor a qualidade das relações entre pais e filhos, numa perspetiva ecológica, sistémica e de maturação dinâmica do desenvolvimento da criança.

A investigação na área da vinculação aponta para existência de diferenças na vinculação infantil mãe-filho(a) e pai-filho(a), indicando que vinculação segura é mais provável nas díades mãe-filho(a) do que nas díades pai-filho(a) (Belsky et al. 1984). A criança estabelece relações seguras a partir das interações contínuas e duradouras que mantém com os pais, e a dimensão lúdica está presente em muitas delas. O jogo infantil, enquanto sistema exploratório, é um sistema comportamental que funciona quando o sistema de vinculação não está ativado. Quando a criança ativa o sistema de vinculação, ela procura proximidade e proteção (base segura). Mas quando brinca com o adulto ela procura um parceiro interactivo atento, presente, recíproco, afetivo e sensível às suas respostas, capaz de seguir e guiar os seus interesses oferecendo novidades e estimulando o seu desenvolvimento. Este conhecimento traz à comunidade científica um interesse crescente sobre os modos e os tipos de interações que caracterizam as relações de brincadeira entre pais e filhos, desde as fases mais precoces da vida.

Igualmente, os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças, sublinham a centralidade das interações para a aquisição das competências linguísticas. Como brincam os pais com os seus filho(a)s, e como brincam as mães com os seus filho(a)s? Onde se situam as diferenças e as semelhanças?

O presente estudo tem como objetivo principal comparar as diferenças na interação em díades mãe-filho(a) e pai-filho(a), em situação de jogo livre. Para isso, partimos de uma amostra nacional de 10 díades, filmadas em situação de jogo livre durante 3 minutos. Essas filmagens foram transcritas sob forma de narrativas, que constituíram o *corpus* de trabalho.

Para a análise dos comportamentos diádicos, elaboramos uma grelha constituída por sete categorias: episódios de jogo, sequências verbais interativas, sequências não verbais interativas, afetos verbais, afetos não verbais, dimensões do jogo e tipo de jogo. A cotação das narrativas obedeceu a um critério multidimensional, onde o comportamento de cada interveniente é cotado de acordo com a prestação do seu interlocutor, *i.e.*, de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto. Este aspeto confere pela sua minúcia de análise uma visão mais integral dos processos implicados nestas trocas. Os dados quantitativos foram analisados e comparados: díades mãe-filho(a) com díades pai-filho (a). O estudo qualitativo visa sobretudo os aspetos semióticos presentes nas interações, e para tal consagramos o protocolo 1 (díade mãe-filho e pai-filho) para esta análise.

O trabalho está dividido em duas parte, a primeira dedicada ao enquadramento teórico do estudo e a segunda à apresentação do estudo empírico.

Na parte teórica apresentamos a teoria da vinculação, abordando a temática de um ponto de vista centrado na criança como agente ativo do seu próprio desenvolvimento, pessoa competente, cujo funcionamento psicológico lhe permite ajustamentos crescentes à medida que se desenvolve, e cuja adaptação se opera na medida crescente das suas competências maturacionais e possibilidades que o meio lhe oferece. Os comportamentos das crianças não são apenas adaptativos tanto em termos evolutivos, mas também em termos das vantagens individuais que encontram nos contextos em que se inserem. Eles são por isso o produto de processos de adaptação diádica, em que os parceiros em relação se organizam e ajustam mutuamente, e interagem considerando as suas experiências anteriores.

Apresentamos no segundo capítulo a organização do desenvolvimento infantil, onde expomos as premissas e os conceitos chaves do modelo bio-ecológico de Bronfenbrenner, e do modelo transaccional de Sameroff e Fiese (2000). Fazemos uma exposição sobre o desenvolvimento da linguagem, numa perspectiva chomskiana, atualmente aprofundada por Snow e Thomasello (2003, 2009, 2011). Para estes autores, o desempenho da criança na aquisição da linguagem é organizado não apenas em termos biológicos mas também de acordo com as interações sociais que ela estabelece, nomeadamente com os pais. Avém, por esta razão, a necessidade de colocar um olhar atento às interações enquanto partilha de conhecimentos e atenção conjunta como base da atividade de construção e reconstrução da significação que, neste estadio, é multimodal (linguística e não linguística).

A segunda parte concerne o estudo empírico e está subdividida em três capítulos. O primeiro visa o tratamento das narrativas a partir de uma grelha de análise, construída por nós para o efeito. O segundo apresenta os resultados quantitativos desses dados e alguns recortes de narrativas para exemplificar as características encontradas. Seguidamente, apresentamos o estudo qualitativo do *Protocolo 1*, a título ilustrativo. Por fim, a discussão dos resultados obtidos, numa perspetiva comparativa. Os resultados comparativos visam as diferenças na interação mães-filho(a)s e pais-filhos(a)s. Na discussão dos resultados procuramos pôr em perspetiva alguns elementos que possam justificar as diferenças encontradas e apresentar as conclusões a que chegamos.

Parte I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – A Teoria da Vinculação

A teoria da vinculação tem, nas últimas décadas, suscitado um interesse particular na comunidade de investigadores que estudam o desenvolvimento humano. As perspetivas do desenvolvimento socio-emocional da criança, das relações de amizade e até das relações de casais, decorrem de conceitos provenientes da teoria da vinculação.

1.1 A criança como agente ativo no seu próprio desenvolvimento

John Bowlby (1958) propõe pela primeira vez uma teoria da vinculação que marca determinantemente o trabalho de investigação e intervenção nas relações pais-filhos. Na altura, a compreensão da criança pelas várias áreas de saber convergiam nas ideias de imaturidade, passividade, isolamento relativamente ao exterior. Considerava-se que o recém nascido e o bebé deveriam atingir uma certa maturidade biológica e cerebral para conseguir aprendizagens e desempenhos eficazes, mesmo a nível das interações sociais. Os seus comportamentos eram desconsiderados quanto ao seu significado, e não se pensava na repercussão dos mesmos no desenvolvimento. Para estudar a natureza da vinculação da criança com a mãe, e não satisfeito com esta compreensão da criança, Bowlby procurou respostas na área da etologia, nomeadamente em Harlow.

Harlow (1958) interrogou a comunidade científica da altura acerca da natureza do amor, por não acreditar que o amor e o afeto da criança pela mãe fossem impulsos secundários, ou derivados da aprendizagem que a criança faz da redução dos impulsos primários (e.g. fome, sede, dor) através da pessoa da mãe. Na sua experiência com macacos rhesus criados em isolamento social, Harlow coloca à disposição da cria duas figuras maternas, uma revestida de arame mas com um biberão de leite onde ela pode mamar, outra revestida de peluche mas sem biberão. Constatou que a cria recorria à mãe de arame para se alimentar mas passava o resto do tempo no “colo” da mãe de peluche (cerca de 17h por dia), onde explorava objetos e de onde saía para exploração do meio. Acresce ainda, que face a uma situação ameaçadora (e.g. barulho súbito) a cria corria para a figura de peluche, à qual se agarrava como se esta a pudesse proteger. Com base nestes resultados, Harlow concluiu

que a proximidade com a figura da mãe nos primatas não deriva necessariamente da satisfação alimentar e, que a principal função da mãe é a de proporcionar à criança um clima de segurança nos momentos em que esta se sente em perigo e tem medo.

Os etologistas, pelas suas observações no mundo animal, chegaram à conclusão que muitos comportamentos inatos dos mamíferos não têm por finalidade a satisfação das necessidades básicas mas, a promoção da interação social entre os indivíduos. Apoiado nestes dados, Bowlby (1969) avançou com a tese que a criança nasce com uma necessidade social primária, que geralmente é satisfeita pelos contatos sociais com a mãe. Esta necessidade, segundo o autor, é uma resultante de predisposições biológicas não ligadas à satisfação de necessidades básicas mas sim à manutenção do contato e proximidade com uma pessoa adulta. Para responder a esta necessidade social, a criança dispõe de um conjunto de *respostas instintivas* (e.g. chupar, agarrar, seguir, chorar, sorrir) que se ativam para desencadear ou aumentar a proximidade da pessoa adulta que cuida dela, em geral a mãe. Este sistema comportamental que recebe de Bowlby a designação de vinculação, tem por fim a proximidade com a figura parental principal que lhe confere proteção e conforto, e que se ativa em situações que a criança apreende como potencialmente ameaçadoras.

Todo um corpo de dados da etologia (para além dos de Harlow, destacam-se os de Lorenz (1957) com patos e gansos) e das ciências cognitivas, permitiu a Bowlby colocar a possibilidade dos comportamentos de vinculação dos bebés (supra citados) juntamente com outros, como o interesse especial dos bebés pela face e pela voz humana, formarem um conjunto de comportamentos inatos orientados para uma função de interação social. Nesse caso, o bebé seria um agente ativo nas interações, com competências até então desconsideradas, e conseqüentemente um agente ativo no seu próprio desenvolvimento. Em 1969 o autor definiu vinculação como sendo, para a criança, uma necessidade social primária e inata de entrar em relação com a sua mãe. Posteriormente, acrescentou que outras pessoas próximas da criança, que lhe asseguram regularmente os cuidados básicos e lhe conferem uma experiência de segurança quando ela se sente em perigo (e.g. dor ou medo) podem tornar-se figuras de vinculação, em particular o pai (Bowlby 1973/1978). Prosseguindo os seus estudos, concluiu que sendo verdade que as crianças se vinculam a mais do que uma figura familiar, e que “é raro uma criança aos 18 meses ter apenas uma figura de vinculação” (1969/1982, p. 304), o seu número porém é limitado (1980). E, ainda

que elas procurem estabelecer contatos com várias pessoas, não familiares até, para obterem conforto e segurança preferem geralmente a mãe, como figura de vinculação. Esta preferência, dentro de uma hierarquia de figuras de vinculação, Bowlby designa de “monotropia” (1969/1982). Ainsworth (1967), e posteriormente também Belsky, Gilstrap, & Rovine (1984), verificaram que o pai também pode ser a figura de vinculação da criança. Dos numerosos estudos sobre as razões desta preferência por parte da criança, geralmente do pai ou da mãe, Faria numa revisão de literatura refere cinco dimensões: 1) tempo que a criança passa com cada prestador de cuidados; 2) qualidade dos cuidados prestados; 3) investimento emocional; 4) repetição dos contatos; 5) papéis definidos pela cultura da sociedade (2011, p. 30). Neste sentido, a literatura da vinculação substitui a expressão mãe pela expressão “figura materna”, a qual se refere à figura que desempenha um papel materno, podendo ser a mãe biológica, o pai, outro familiar ou adoptante.

Uma premissa assente, a partir daqui, é que o comportamento da figura de vinculação joga um papel fundamental na construção da relação de vinculação. E outra, igualmente assente, é que a criança com as suas próprias características individuais contribui para a construção da relação de vinculação.

1.2 Dos processos psicológicos primários aos sistemas comportamentais

A escola behaviorista dos comportamentos humanos e do desenvolvimento olhava as interações afetivas pais-filhos, e a resultante relação de vinculação, como sendo o resultado de um condicionamento. Ele seria um condicionamento clássico, ligando as situações agradáveis e necessárias (alimentação e cuidados básicos) à pessoa que as providenciava, ou operante em que os sinais indiciadores da presença dessa pessoa já constituiriam um estímulo associado à diminuição de um mau estar de privação (e.g. fome, sono, dor). A vinculação dependeria essencialmente de processos psicológicos primários (Lamb, Thompson, Gardner, & Charnov, 1985).

Na psicologia dinâmica, procuravam-se explicações para a vinculação através da teoria das relações objetais. Inspirados sobretudo nos escritos de Klein (1930/1940), os teóricos

atribuíam à relação mãe-bebé o núcleo duro do seu desenvolvimento, sendo as representações internas da criança acerca dos objetos (pessoa da mãe inclusive) mais importantes do que os próprios objetos. Pelos cuidados alimentares e outros que a criança recebe da mãe, ela constrói no seu interior uma representação destes objetos e das situações envolventes (e.g. a mama da mãe). A primeira relação significativa para a criança seria assim objetal, e a relação com a mãe um desenvolvimento secundário a partir do mundo interior da própria criança. Outros grandes teóricos da mesma época, como Winnicott e Spitz, apresentavam o bebé como essencialmente dependente, isolado neste seu mundo, incapaz de distinguir a realidade interna da realidade externa, e bastante passivo nas interações.

Bowlby, psicanalista da escola das relações objetais, ao estudar o comportamento de crianças órfãs (da Segunda Guerra Mundial) obteve dados que o surpreenderam. Verificou que na ausência de relações sociais estáveis com adultos, mesmo sendo garantidos os cuidados básicos de alimentação e de medicação, as crianças não adquiriam a segurança emocional necessária ao seu desenvolvimento. Tanto os pressupostos da psicologia da aprendizagem, como as teorias psicodinâmicas pareciam não ir ao encontro dos dados destas primeiras observações naturalistas de crianças. Aos argumentos de ordem ambiental para justificar os estados de perturbação infantil por ele encontrados (e.g. más condições físicas da creche e/ou hospital, ambiente não familiar), ele contrapõe que “a única variável efetiva era, inequivocamente, a ausência materna” (Fuentes, 2005; p. 24).

Esta descoberta conduziu-o a aprofundar os seus conhecimentos sobre a importância de figuras estáveis na vida das crianças e a procurar respostas sobre os processos de vinculação.

Bowlby (1969/1982) vai integrar na teoria da vinculação a noção de *sistema comportamental*, que foi buscar à etologia. Na etologia, um sistema comportamental diz respeito ao modo como várias ações se organizam em ordem a uma função (e.g. alimentação, exploração, reprodução, proteção). Aplicando esta noção à vinculação, o sistema comportamental de vinculação comporta uma organização de comportamentos que visam a proximidade espacial da criança com a figura de vinculação, e que se ativam em situações percebidas como ameaçadoras. Soares (2001, pp. 78-79) apresenta sumariamente os princípios dos sistemas comportamentais definidos por Bowlby e mais tarde por Cassidy & Shaver (1999), do seguinte modo:

- 1) incluem comportamentos que estão coordenados para atingir um objetivo específico e uma função adaptativa, que se estendem por longos períodos de tempo;
- 2) envolvem a progressiva integração de comportamentos em sequências comportamentais cada vez mais complexas e sofisticadas, que se tornam funcionais ao longo do tempo como resultado da interação organismo-ambiente;
- 3) são corrigidos em função do objetivo, isto é, os comportamentos necessários para atingir um objetivo são ajustados de modo flexível, não ao acaso, a uma ampla variedade de ambientes e ao desenvolvimento do indivíduo;
- 4) são ativados e determinados por sinais internos do organismo e sinais externos, ambientais; guiados ao nível biológico por um sistema de feedback que monitoriza os sinais internos (atividade do sistema nervoso central, hormonas) servindo os sinais externos para a ativação ou o terminar do sistema;
- 5) estão relacionados e interagem com outros sistemas comportamentais;
- 6) estão organizados e integrados em sistemas de controlo cognitivo específicos (representações mentais).

Esta noção permitiu a Bowlby compreender que a mesma criança utilize diferentes comportamentos para atingir o mesmo fim, por exemplo, gatinhar ou andar para conseguir a proximidade com a mãe quando se sente assustada. O que conta na verdade é atingir o objectivo ainda que as entidades comportamentais variem. Definiu por isso a vinculação como um sistema comportamental, que tem por finalidade a proximidade espacial da criança com a figura de vinculação, e cuja função biológica é de proteção do indivíduo e sobrevivência da espécie (Bowlby, 1969/1982). A par do sistema comportamental de vinculação estão outros sistemas comportamentais, que se relacionam e interagem com ele, sendo os mais importantes o sistema comportamental de exploração e o sistema comportamental do medo.

Mais tarde, o autor introduz a noção de *regulação* destes comportamentos em função das circunstâncias exteriores. Este mecanismo que ocorre quando o sistema nervoso central da criança processa essas circunstâncias como significativas, obtendo ela uma maior eficácia das suas respostas (1982). A medida que a criança se torna mais competente na leitura dos sinais exteriores, mais eficientes se tornam as suas estratégias de vinculação e, ao poder antecipar as condições externas, maior é o seu autocontrolo e a eficácia do seu controlo sobre os outros (Fuertes, 2005). Ressalva porém, que o objetivo visado pela vinculação não

é um objeto em si (e.g. a mãe ou uma outra figura de vinculação) mas o próprio estado de segurança, alcançado a certa proximidade da mãe (Bowlby, 1969/1982).

Também as diferenças individuais das crianças resultam em diferenças de resposta face aos mesmos estímulos (e.g. um ruído pode ser uma ameaça para uma criança e um foco de interesse para outra). Aquilo que cada criança recebe como sinais exteriores, mas também como sinais interiores vai determinar os comportamentos que ela escolhe dentro do seu repertório, segundo as suas possibilidades do momento, as suas capacidades motora, cognitiva e emocional. Se nos primeiros tempos de vida estes comportamentos requerem uma organização muito simples, já que são pouco articulados ou diferenciados em função do objetivo (e.g. chorar, palrar, sorrir), com o desenvolvimento, os mesmos tornam-se mais diferenciados, articulados, e complexos. Isto permite ajustamentos individuais em função dos fins pretendidos, e abre o leque das diferenças de respostas entre crianças face às mesmas circunstâncias (Bowlby, 1969/1982).

Bowlby debruçou-se igualmente sobre os comportamentos parentais nas relações com o seu bebé. Também os pais agem diferentemente perante os comportamentos de procura de proximidade por parte do seu bebé, consoante a sua própria leitura da situação para além de condicionantes pessoais (e.g. cansaço, doença). O sistema comportamental da criança vai funcionar de modo interligado com o sistema comportamental parental (Bowlby, 1980). É no desenrolar das interações com os pais que a criança forma uma *representação interna* das respostas parentais (uma para cada relação), que vai orientar o seu comportamento de vinculação. Assim, a mesma criança terá reações diferentes consoante é o pai ou a mãe a que ela tenha acesso, no caso de se sentir numa situação ameaçadora. Os processos de vinculação estabelecem-se e manifestam-se em função da díade relacional em permanente articulação com as circunstâncias exteriores (Bowlby, 1982).

À representação interna das respostas dos pais, que a criança vai formando no decorrer das interações com eles, e que vai orientar o seu comportamento, Bowlby deu a designação de *modelo cognitivo operante* (1973). Tratam-se de representações cognitivas dos pais, mas também de si mesma e da própria relação de vinculação. Muito embora a criança não seja capaz de construir estruturas simbólicas a partir das interações que estabelece com os pais, ela consegue interiorizar sequências de acontecimentos que lhe permitem ajustar o seu comportamento tendo em conta as experiências anteriores (Bowlby, 1969/1982). E porque

estes modelos cognitivos não pertencem ao campo da consciência, eles podem ser ativados sem que a criança esteja particularmente atenta, e também modificados pela assimilação de novas informações. Quando acontece contradição entre os modelos cognitivos de que a criança dispõe e as situações de vida (alteradas) estes têm que se acomodar (Bowlby, 1980). Main, Kaplan & Cassidy (1985) consideram que não obstante esta adaptação, os modelos cognitivos não mudam constantemente, aliás, tendem à estabilidade. Estes modelos cognitivos surgem por volta do primeiro ano de vida da criança (Bowlby, 1982; Ainsworth, 1989), na fase da aquisição da permanência do objeto (Piaget, 1954) e do início da linguagem. Tanto para Bowlby como para Ainsworth, é necessário que as capacidades cognitivas atinjam um certo nível de complexidade para que as crianças os consigam elaborar. No entanto, Main & al. (1985) teorizam que estes modelos se desenvolvem desde os primeiros meses de vida. Partindo do pressuposto que o sistema de vinculação faz parte do “equipamento” da criança ao nascer, estes autores atribuíram as diferenças individuais na organização dos modelos cognitivos operantes aos padrões de resposta dos pais. Isto é, a partir dos resultados habituais das suas tentativas de procura de segurança e conforto junto dos pais, a criança estabelece como que um conjunto de regras conscientes e inconscientes. Estas regras vão por um lado, organizar a informação, e por outro, como um “motor de busca”, encontrar na informação que já possuem ao nível da memória a adaptação das suas respostas.

O modelo cognitivo da vinculação é um dos vários modelos cognitivos que a criança constrói, os quais lhe permitem uma representação mental do mundo que a ajuda na percepção e interpretação dos acontecimentos, na regulação dos seus próprios comportamentos, bem como a antecipar e fazer planos de ação. Admirável “mundo interior” da criança, que tem nas relações precoces a matriz do seu desenvolvimento, e que os conhecimentos da psicologia dinâmica e comportamental não alcançavam.

1.3 A díade relacional

Os escritos de Bowlby impulsionaram a comunidade científica para as metodologias de observação de comportamentos interativos pais-bebé na procura de conhecer como se organizam as interações e as relações parentais.

Ainsworth, psicóloga canadiana, já estudava as interações pais-bebê quando toma conhecimento dos enunciados de Bowlby sobre vinculação. As observações em contexto naturalista que a investigadora tinha feito no Uganda (1963, 1967), bem como em Baltimore (1977) levaram-na a criar uma situação laboratorial para estudar e analisar as diferenças individuais dos processos de vinculação, denominada *Situação Estranha* (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). A situação estranha é constituída por uma sequência de 8 breves episódios, semiestruturados, durante os quais a figura de vinculação e uma figura desconhecida interagem com a criança, depois deixam-na e em seguida vêm novamente ao seu encontro (*vide* Anexo 1, p. 84). Tratando-se de uma situação eliciadora de stress moderado para a criança, os cerca de 20 minutos de duração desta experiência são suficientes para que se revele a organização dos comportamentos de vinculação. Este procedimento permitiu identificar uma tipologia de vinculação mãe-bebê, em função do modo como a mãe confere segurança ao bebê e estrutura o meio em que decorre a interação. Os tipos encontrados foram:

1) vinculação segura: a criança explora livremente a sala em presença da sua mãe, através de olhares ou vocalizações mantém o contato com ela e partilha as suas descobertas. Quando a mãe se ausenta a exploração diminui e, as crianças manifestam-se mais ou menos desagradadas com esta ausência (umas mais do que outras). Quando a mãe regressa a criança manifesta-se de maneira positiva, procurando contato e/ou conforto de modo a poder retomar a exploração.

2) vinculação insegura ou evitante: a criança explora a sala sem se referenciar à mãe. Quando a mãe se ausenta manifesta-se pouco desagradada e, quando ela regressa, ignora-a ou olha para ela “de longe”. Pode inclusivamente manifestar-se mais à vontade com a pessoa estranha do que com a mãe.

3) vinculação resistente, ou ambivalente: a exploração da sala pela criança é muito reduzida mesmo na presença da mãe e, quando esta se ausenta, a criança fica muito transtornada. Quando a mãe regressa, procura o contato com ela mas também a evita. Demora muito tempo a ser consolada e já não se separa dela para explorar a sala.

Um quarto tipo, foi encontrado mais tarde (Main & Solomon, 1990), a vinculação desorganizada, mas porque foi observado e analisado exclusivamente em amostras de

crianças em condições de risco (e.g. maus tratos, depressão materna) não nos detemos nele para este trabalho.

Vários teóricos e investigadores nesta área preconizam que as respostas das crianças (modelos comportamentais) refletem as expectativas que elas têm acerca das respostas das mães. Cassidy (1999) apresenta como elemento determinante no tipo de vinculação a história interativa passada, tal como foi percebida pela criança. Ou seja, no caso da vinculação segura, a criança aprendeu ao longo das interações passadas a poder contar com o conforto da mãe (e.g. quando esteve com dores, ou assustada) e isso confere-lhe a confiança para explorar livremente o meio envolvente quando está na sua presença, interagir com ela e aceitar o seu conforto. Já quando a vinculação é evitante, a criança viveu nas interações passadas com a sua mãe uma história caracterizada pela falta de atenção e rejeição maternas. Aprendeu que a sua mãe não responde às suas necessidades de proteção e conforto e por isso, reduz a expressão das mesmas evitando igualmente a rejeição. Quanto à vinculação insegura, segundo Cassidy & Berlin (1994), a criança tem um histórico relacional onde as respostas maternas são sobretudo incoerentes face às suas necessidades. Aprendeu que só uma expressão prolongada ou exagerada das suas necessidades suscita a atenção da mãe. Assim, para garantir que a mãe estará disponível e acessível numa situação em que precisa de proteção e conforto, ela reproduz este padrão de resposta.

As respostas infantis são então estudadas segundo a qualidade de interação diádica, resultante da mútua afetação entre as respostas maternas e infantis. Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall (1978) verificaram que as mães de crianças que apresentavam uma vinculação do tipo seguro, demoravam menos tempo a responder ao choro dos seus filhos, eram mais afectuosas no modo como pegavam neles ao colo, revelavam menor aversão ao contacto físico e evidenciavam maior contingência nas respostas diádicas (Fuentes, Faria, Soares, Oliveira-Costa, Corval, & Figueiredo, 2009, p. 128). Estes comportamentos maternos interativos têm vindo a ser teoricamente organizados dentro de quatro construtos principais: sensibilidade, responsividade, diretividade e intrusividade (Aguar, C.; 2009, p. 31). De todos eles, a sensibilidade materna tem sido o mais estudado. Ainsworth, Bell, & Stayton (1974) definiram a *sensibilidade materna* segundo as seguintes componentes: 1) a tomada de consciência dos sinais dados pela criança; 2) a interpretação correta desses sinais; 3) a resposta adequada (que considera os estados emocionais da criança e o seu

nível de desenvolvimento); 4) a prontidão da resposta (que possa ser percebida pela criança como contingente). A estes componentes, os estudos metanalíticos de De Wolf & Van IJzendoorn (1997) acrescentam outras dimensões, das quais duas são fortemente diádicas: 1) a mutualidade, ou grau em que ambos os parceiros atendem ou se orientam para o mesmo objetivo; 2) a sincronia, ou grau em que as transações diádicas são recíprocas e mutuamente gratificantes; (Fuertes & al., 2009, p. 128). Van den Boom (1997) considerando estes estudos aponta para a elevada complexidade do constructo e propõe uma leitura da sensibilidade materna enquanto dimensão relacional, i.e. fruto de um desempenho diádico mãe-bebé, em que os dois dinamicamente se influenciam, se ajustam, co-construindo a interação.

Crittenden (1997), dando continuidade às investigações de Ainsworth, propôs um modelo que designou de *maturação dinâmica*, que integra os conhecimentos da psicologia evolutiva e da neuropsicologia com os conhecimentos da teoria da vinculação. Segundo a autora, a evolução filogenética privilegiou as estratégias de vinculação que sustentem a adaptabilidade da criança à figura materna, conferindo-lhe o conforto e segurança de que ela precisa. Assim, “todo o comportamento atual comporta uma vantagem ancestral e foi, graças a ela, selecionado” (Fuertes, 2005; p. 73). Para Crittenden, todos os padrões de vinculação são por isso *in senso lato* adaptativos. Também, em termos individuais, e de acordo com as condições ambientais, as estratégias de vinculação podem flexibilizar-se. Pondere-se o caso de uma figura materna negligente e pouco acessível, o padrão de vinculação ansioso pode ser o que traz mais vantagens à criança, porque mais eficazmente lhe confere o “pretendido”. A criança exagerando a sua expressão emocional (e.g. choro agudo, agitação motora, olhar de medo) tem um maior impacto sobre o adulto que só assim repara e atende ao que ela precisa. A autora sustém que organização do tipo de vinculação pode evoluir devido à maturação cerebral da criança e quando as estratégias anteriormente utilizadas se revelam ineficazes, e esta flexibilidade é também adaptação. Citando Fuertes (2012, p. 5) “os tipos de vinculação não são apenas adaptativos em termos evolutivos, mas também comportam vantagens individuais”.

Numa perspetiva piagetiana podemos dizer que a criança vai assimilando as informações e experiências de vinculação através dos esquemas já construídos, até ao momento em que uma incongruência obrigue à acomodação desses esquemas (ou representações internas

segundo Bowlby). Esta adaptação pode funcionar como um “trampolim” para uma nova organização socioemocional.

A par do modelo de maturação dinâmica, Crittenden elaborou um instrumento de avaliação dos comportamentos do adulto (geralmente a figura materna) e da criança no tocante ao processo de adaptação mútua (Crittenden, 1988a/2003b). Para a prestação infantil estabelece quatro categorias (cooperativa, compulsiva, difícil ou passiva) e para a prestação materna três categorias (sensibilidade, controlo/intrusividade ou passividade/ambivalência). Sem correspondências lineares entre as categorias maternas e infantis, a investigadora prevê uma associação entre elas: a) sensibilidade do adulto e cooperação infantil; b) controlo/intrusividade do adulto e submissão infantil; c) passividade ou ambivalência do adulto e liderança infantil da interação. As prestações da mãe, segundo a investigadora, devem ser lidas em função da interação diádica (e não apenas em função dos seus atributos pessoais) e ainda em função da cultura e da condição socioeconómica da família (Crittenden, 1999). As prestações da criança devem ser lidas em função da interação diádica, e ainda do seu nível desenvolvimental, para além dos seus estados de regulação e ciclos fisiológicos (e.g. sono, fome). Sobressai nesta perspetiva, uma modalidade de análise que visa a incorporação de todos estes fatores (sistémicos), e uma interpretação das interações no contexto dinâmico da relação e segundo o quadro do desenvolvimento infantil (Crittenden, 2003b). A vinculação é tida como um processo de adaptação diádica, e o padrão de vinculação manifestado como um padrão de organização mútua, em que mãe e filho interagem considerando as suas experiências anteriores.

Capítulo 2 – Organização do desenvolvimento infantil

Após décadas de debate *nature-nurture*, em que se ultrapassavam já os pressupostos nativistas ou inatistas do início do século XX, Piaget por um lado e Vygostky surgem como pioneiros na consideração da importância do meio no desenvolvimento da criança (Almeida, 2008, p. 41). Começa então a perspectivar-se o desenvolvimento como produto de processos psicológicos individuais e de fatores sociais. Outros passos teóricos foram ocorrendo e, atualmente, as várias áreas científicas confluentes no estudo do desenvolvimento infantil, ou mais amplamente no estudo do desenvolvimento humano, são em geral consensuais quanto à necessidade de considerar as características individuais e contextuais em que o mesmo ocorre. Todas elas, desde os contextos culturais, históricos e sociais, às características da própria pessoa, passando pelas características da sua família, mudam continuamente ao longo do tempo. Todas elas, igualmente, funcionam de maneira interrelacionada, dinâmica e interdependente, produzindo no seu conjunto um resultado (desenvolvimento) que é distinto da soma de resultados de cada dela em interação com o indivíduo. Advém assim, de toda esta complexidade sistémica, que a trajetória do desenvolvimento de um indivíduo é única e pessoal.

2.1 O papel do meio e a Abordagem bioecológica

Bronfenbrenner (1979) é um dos investigadores que está na origem dos modelos ecológicos do desenvolvimento humano. O seu modelo, atualmente intitulado bioecológico, salienta a importância das trocas organismo-meio, tratando-se de uma “rede complexa de interrelações através das quais o desenvolvimento se processa, não podendo, portanto, ser compreendido independentemente dos contextos em que ocorre” (Almeida, 2009, p. 55). Duas grandes premissas, de forte inspiração sistémica, estão na base de toda a sua teorização: 1) o desenvolvimento implica processos de uma complexidade crescente, compreendendo as interações recíprocas entre o organismo humano biopsicológico ativo e as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato; e 2) a forma, a força, o conteúdo e a direção do efeito destes processos varia sistematicamente como função conjunta a) das características da pessoa, b) do seu contexto remoto e imediato, c) da

natureza dos resultados do desenvolvimento e d) das continuidades e mudanças que ocorrem ao longo do tempo, durante o curso de vida e durante o período histórico em que ela se inscreve (Bronfenbrenner & Morris; 1998). Cada um destes aspectos da ecologia da criança vai agir na trajetória do seu desenvolvimento, que Bronfenbrenner (1992) considera como um produto sinérgico de quatro componentes e das relações entre elas: processo (P), pessoa (P), contexto (C) e tempo (T). O processo é o mecanismo que inclui as interações entre a pessoa em desenvolvimento e o meio envolvente. A pessoa é o indivíduo com as suas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. Os contextos são os ambientes proximais ou distais da pessoa, bem como as relações entre estes ambientes. O tempo é o período de ocorrência das interações.

A pessoa está inserida em diferentes níveis ambientais que recebem de Bronfenbrenner a imagem de “estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas” (1996, p. 5) em constante interrelação e interdependência. No primeiro nível ambiental, que envolve a criança desde que nasce e a integra nas suas relações está a família, alargando-se porém a pessoas que diretamente se relacionam com a criança (e.g. cuidadores, educadores). Este microsistema, segundo o autor, é capital para o desenvolvimento intelectual, emotivo, social e moral da criança, pois nele ocorrem os processos proximais, que são os principais motores do desenvolvimento. Os processos proximais são formas duradouras de interação da criança no seu ambiente imediato (Aguiar, 2009) e, serão mais influentes quando ocorrem regularmente, durante um período de tempo alargado, envolvendo a criança numa atividade que progressivamente se tornará mais complexa (Bronfenbrenner & Morris, 1998). As atividades em que a criança se envolve, nos primeiros meses de vida são bastante simples e relativamente padronizadas (e.g. alimentação, conforto, jogo) e acontecem com pessoas que têm um papel importante no seu bem-estar e desenvolvimento. Mas à medida que as características da criança vão mudando, como também mudam as características das pessoas, objetos ou símbolos que interagem com ela, a própria interação muda. Numa recente formulação acerca da mudança, Bronfenbrenner & Evans (2000) referem esta tanto pode ser efetuada numa só direção da interação, como em ambas, separada ou simultaneamente.

Recorrendo a uma outra imagem para ilustrar o desenvolvimento Fuertes e colegas (2009) falam de uma dança entre dois parceiros. Na troca dos primeiros passos eles apreendem o elementar do seu aporte e do aporte do parceiro, a um ritmo lento, e à medida que os aportes de ambos se tornam interrelação e interdependência, vão-se introduzindo desafios novos, desde a complexidade dos passos, ao ritmo, ou ao uso de objetos acessórios à

dança. Estes desafios tanto podem provir da díade relacional, como de fatores exteriores a ela mas que agem sobre ela. Continuando com a imagem da dança, um exemplo de fator individual pode ser a estatura física ou a flexibilidade motora que condiciona a prestação comum. Um fator de contexto, suponha-se por exemplo a introdução de um outro estilo musical, ou alguém que cai e se magoa ao lado do par de dançarinos, certamente o curso da interação sofre um processo de acomodação aos novos fatores. Transpondo a analogia para as interações precoces mãe-criança. Nesta díade, os processos proximais promotores de desenvolvimento vão ser afetados por acontecimentos *ad intra* (caraterísticas individuais de cada elemento da díade), ou *ad extra* (caraterísticas dos ambientes imediatos a que pertencem ou provenientes de ambientes mais afastados mas que se repercutem na interação). Uma mãe sensível e responsiva numa atividade que faz regularmente e de duração prolongada (e.g. amamentar, acarinhar a criança, brincar) pode introduzir novos elementos (e.g. objetos, linguagem) que sendo adaptados ao grau de desenvolvimento da criança são facilitadores do mesmo. Mas se a mesma mãe passa por um acontecimento que lhe impede a disponibilidade temporal junto da criança, ou lhe impede a criatividade de introduzir novos elementos à interação, o desenvolvimento da mesma vê-se condicionado. Estas condicionantes serão mais marcantes no desenvolvimento da criança quando se trata da relação de vinculação, por ser uma interação duradoura, significativa e no contexto imediato da criança (cf. capítulo 1). No nível microssistémico estão, para além da família, todos os contextos imediatos em que a criança participa diretamente e.g. a creche, a casa dos avós. As experiências interativas repetidas nestes contextos, caracterizadas por laços afetivos fortes e duradouros, vão permitir à criança “aventurar-se” na exploração do meio, na manipulação e até na reorganização do mesmo. Os objetos (dimensão física) como posteriormente a linguagem (dimensão simbólica) vão permitir interações mediadas e progressivamente mais complexas em termos desenvolvimentais.

Os outros níveis ambientais, integrados e relacionados, são porém mais distais da criança em desenvolvimento. O primeiro deles encontra-se ainda em relação com o microssistema por intermédio da própria criança, e recebe a designação de mesosistema. Ele inclui as interrelações e processos que se estabelecem, num dado momento, entre dois ou mais sistemas em que a criança participa (e.g. família-creche, família-avós). Quanto mais fortes e diversos são os processos e interrelações entre estes microssistemas maior a sua influência no desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 1996, p. 5). O nível seguinte é o *exossistema*, que comporta os ambientes onde a criança não se encontra presente (pelo menos num deles), mas cujas interações e processos afetam seu desenvolvimento (e.g.

emprego dos pais-família, grupo eclesial-família). Sendo ambientes mais distais neles ocorrem eventos que influenciam os processos dentro do sistema que contém a criança (*op.cit.* p. 80). Aguiar (2009) refere-se a Bronfenbrenner (1999) para salientar a importância deste nível ambiental sobre o desenvolvimento, dado que os efeitos dos processos proximais diferem em função da qualidade dos ambientes, nomeadamente quanto aos recursos disponíveis e o seu grau de estabilidade e consistência ao longo do tempo. Num alargamento da sua teorização, Bronfenbrenner (2004) expõe que a qualidade dos ambientes reporta-se a propriedades objetivas (condições físicas e acontecimentos objetivos) mas também ao modo como essas propriedades são subjetivamente experienciadas pelas pessoas que vivem nesses ambientes. Elementos objetivos e elementos subjetivos influenciam o desenrolar do desenvolvimento, sendo “importante compreender a natureza de cada uma destas forças dinâmicas, a começar pelo lado fenomenológico ou experiencial” (p. 6965) Por fim, o *macrossistema*, abrange os sistemas de valores e crenças presentes em todas as culturas, e que são vivenciados e assimilados no decorrer do processo de desenvolvimento. Apesar de ser o nível ecológico mais afastado da criança, aquando de modificações significativas (e.g. crises políticas ou económicas) “a estrutura dos ambientes numa sociedade pode ser nitidamente alterada e produzir mudanças correspondentes no comportamento e desenvolvimento” (*op.cit.* p. 6). Nas sociedades ocidentais atuais, promover o desenvolvimento humano a nível do macrossistema significa, de modo particular, conceber estratégias políticas e económicas que tornem possível a conjugação entre o mundo da família e o mundo do trabalho, (Bronfenbrenner, 1992, p. 191)

O modelo bioecológico abrange toda diversidade que caracteriza o desenvolvimento da pessoa, partindo das suas características individuais com os seus processos biológicos e psicológicos, ponderando toda a sua participação dinâmica nos vários ambientes, e a sua participação ativa na construção histórico-sócio-cultural.

Considerando a temática do estudo exploratório da presente tese, torna-se pertinente citar Bronfenbrenner na seguinte exposição,

especialmente nas fases mais precoces, mas também através do curso da vida, o desenvolvimento humano desenrola-se através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexos, entre um organismo ativo que evolui biopsicológicamente e as pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente imediato. Para ser eficaz, esta interação deverá ocorrer numa base regular por períodos de tempo

alargados. Estas formas duradouras de interação no ambiente imediato são referidas como processos próximos. Exemplos destes padrões duradouros de processos próximos podem ser encontrados no alimentar ou confortar o bebê, no brincar com uma criança, nas atividades criança-criança, no jogo solitário ou de grupo, na leitura, na aprendizagem de novas competências (Bronfenbrenner & Morris, 1998, p. 996).

2.2 Oportunidades de desenvolvimento e noção de zona de desenvolvimento proximal

O interesse da criança pela exploração do meio (físico e social), a sua capacidade de manipular os objetos e lhes conferir uma significação, passa pelas relações interpessoais contínuas e duradouras, de forte teor afetivo, que são primordialmente a relações com os pais e outros adultos significativos que quotidianamente cuidam dela. A estes adultos pertence uma das tarefas fundamentais que consiste em proporcionar-lhe um ambiente adequado às suas necessidades desenvolvimentais.

Piaget (1896-1980) foi dos primeiros autores a reconhecer o desenvolvimento cognitivo da criança como uma construção, resultante da relação binária entre ela (organismo) e o seu ambiente. Na sua teorização, Piaget postula que a criança, na necessidade de se adaptar ao ambiente, *assimila* a informação que lhe chega através de esquemas cognitivos. Porém, quando está perante novas experiências, precisa *acomodar* os esquemas de conhecimento que já possui às novas informações que agora recebe. Esta *equilibração cognitiva* (feita de assimilação e acomodação) permite-lhe atingir um novo estadio de desenvolvimento. Os adultos (contexto) são os que através das interações proporcionam as experiências promotoras de mudanças na criança (organismo), mudanças essas que visam atingir uma estabilidade de estadio ou patamar de desenvolvimento. (Almeida, 2009). Trata-se de uma corrente de pensamento construtivista, interativa e estruturalista, na qual “organismo e meio interagem mas são sempre considerados como entidades separadas” (*op.cit.* p. 42).

A par de Piaget, outro autor que incorpora na sua teoria a importância dos adultos (contexto) nas interações que promovem com as crianças é Vygotsky. Para o autor, desenvolvimento significa interpenetração de processos psicológicos individuais com fatores sociais (*op.cit.* p. 41). A criança ao interagir com adultos mais competentes do que

ela, ou com outras crianças mais competentes do que ela, vai realizando tarefas por imitação ou por meio de ajuda (e.g. indicações verbais, auxílio físico) que sozinha ainda não seria capaz. Este nível de desenvolvimento é designado por *potencial*, enquanto o nível de desenvolvimento em que a criança já realiza tarefas sozinha e sem precisar de um modelo é designado por *real*. A distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial recebe o nome de *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP) e é um conceito central na teoria de Vygotsky (1999). O autor apresenta a ZDP como sendo o mecanismo pelo qual a criança se desenvolve, “funções que ainda não amadureceram mas que estão em processo de maturação” (p. 112). O autor considera quatro estadios neste mecanismo: 1) a criança só executa uma tarefa quando auxiliada por alguém mais competente do que ela; 2) a criança consegue realizar a tarefa sozinha autorregulando-se; 3) a criança interioriza a tarefa de tal modo que o seu desempenho é automático e inconsciente; 4) a criança progride no seu desenvolvimento (mantém ou melhora as habilidades aprendidas) quando mantém ligações contínuas ao estadio 2 (Magalhães, 2007, p. 35). “Aquilo que uma criança é capaz de fazer hoje com ajuda dos outros, amanhã conseguirá fazê-lo sozinha. (Vygotsky, 1998, p. 113).

Vygotsky, (1999) sem negar a existência de fatores individuais, biológicos e genéticos, centra no entanto a sua teoria do desenvolvimento infantil na importância das interações, seja para a possibilidade de *internalização*, seja para o aparecimento das funções mentais superiores (e.g. raciocínio, memória, atenção, planificação, representação simbólica). Para se desenvolver a criança precisa de *mediadores*, que são em primeiro lugar as pessoas que interagem com ela e também os instrumentos que estas pessoas introduzem nas relações (e.g. linguagem, objetos). À medida que a criança se desenvolve a sua relação com o mundo passa a ser cada vez mais mediada por símbolos, dos quais a linguagem assume grande importância.

A forma como ocorre o desenvolvimento da criança, segundo o Vygotsky (1999), está condicionada pelas competências dos adultos e pelo modo como eles consideram as tarefas de educação (assentes nas suas próprias experiências e moldadas pela história e cultura circunvizinha) mas também pelas próprias experiências da criança que influenciam as suas competências e convicções e condicionam os seus desempenhos futuros noutros contextos (Magalhães, 2007, p. 13). Estamos perante uma visão construtivista e interativa do desenvolvimento, onde o contexto histórico-social é tomado como fator participante do mesmo.

Quando os contextos (e.g. adultos, pares, vivências) proporcionam experiências situadas na ZDP, elas são promotoras de desenvolvimento, pois os processos ativados, “uma vez internalizados, tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança” (Vygotsky, 1999, p. 118).

No desenvolvimento precoce, as interações frequentes da criança com pessoas significativas, nomeadamente os pais, podem estimular os referidos processos internos de desenvolvimento, consolidando as funções psicológicas superiores, que vão servir diferentes áreas desenvolvimentais (e.g. cognitiva, social, emocional). A linguagem como sistema simbólico básico a todas as sociedades humanas, socialmente construído, é de sobremaneira importante na representação que a criança faz da realidade. Esta mediação possibilita a compreensão e organização da realidade, cada vez mais internalizada pela criança até chegar a ser parte dela, ao mesmo tempo que é parte daqueles que interagem com ela, tornando eficaz a comunicação. A linguagem que o adulto dirige à criança, pressupondo a qualidade desta prestação, quando situada na ZDP das suas competências (atuais), atua como alavanca de desenvolvimento ao permitir à criança imitar ou tentar aproximar-se de uma maior compreensão da realidade. O adulto geralmente associa à linguagem gestos, atitudes ou objetos que ilustram a verbalização, permitindo à criança uma semiologia (e.g. fazendo pressão sobre uma tecla que produz som diz “com força”; ou coloca uma expressão facial desagradada quando diz “assim não”; ou levanta um objeto e nomeia “o carro”). Assim, as prestações verbais do adulto poderão ser promotoras de desenvolvimento na criança quando possam ser por ela imitadas e/ou cuja semiologia lhe seja acessível, isto é não distal relativamente à semiologia já adquirida.

Para Vygotsky (1998) as interações promotoras de aprendizagens são as que se situam na zona proximal de desenvolvimento, isto é, que assentam nas capacidades já adquiridas pela criança para realizar sozinha certas tarefas, mas que também introduzem dados que exigem vários processos internos, operativos apenas com a ajuda de outrem já competente. “A zona proximal de desenvolvimento define aquelas funções que ainda não amadureceram mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (Vygotsky, 1999, p. 113). Os pais, através de demonstrações, instruções, suporte físico, confirmações ou reforços verbais, entre outros meios, vão funcionar como mediadores para a consolidação de processos mentais que, uma vez internalizados, fazem parte das aquisições da criança. A construção de conhecimentos,

segundo Vygotsky (1999), emerge assim da “ação partilhada”, acontece na relação do sujeito com o objeto do conhecimento mediado por outrem.

2.3 Das relações ao desenvolvimento

No intuito de descrever teoricamente a relação entre indivíduos em desenvolvimento e contextos sociais em mudança, surgem as teorias transacionais do desenvolvimento. Sameroff (1993) no seu modelo transacional, postula que o desenvolvimento humano é produto de uma interação dinâmica e contínua entre o indivíduo e as experiências que lhe são disponibilizadas pelo ambiente (família e contexto social mais alargado) em que está inserido. Tanto ambiente como indivíduo concorrem para o produto desenvolvimental, numa dinâmica contínua. Aplicando às interações precoces enquanto matriciais do desenvolvimento infantil, isto significa que o aporte que a criança traz para uma interação depende do aporte do ambiente para a mesma interação, e vice-versa, i.e. existem efeitos bidirecionais nos processos interativos. O desenvolvimento da criança inscreve-se numa continuidade desenvolvimental e ambiental, em interação dinâmica, de modo que “o resultado da criança em qualquer ponto no tempo não é nem uma função do estado inicial da criança, nem do estado inicial do ambiente, mas uma função complexa da ação combinada da criança e do ambiente ao longo do tempo” (Sameroff & Fiese, 1990, p. 122). No modelo transacional do desenvolvimento, devem ser igualmente consideradas: a) as características pessoais da criança como são os processos maturacionais, o crescimento e aparência física, o temperamento; b) a qualidade física dos ambientes, e ainda os valores, crenças e níveis cognitivos do seu meio social proximal. Para o resultado das interações (desenvolvimento) são igualmente importantes as características da criança e as dos ambientes (Sameroff & Fiese, 2000). Os autores agregam ao seu modelo a noção de processos de regulação criança-ambiente e ambiente-criança, devido à interdependência constante entre os dois: 1) Microregulações: comportamentos automáticos e inconscientes nas interações diádicas; 2) Miniregulações: sobretudo as rotinas diárias; 3) Macroregulações: mudanças nucleares e duradouras na experiência interativa (cf. fatores culturais). Interações contínuas, dinâmicas, bidirecionais, pautadas por processos de regulação, são a trama do processo de desenvolvimento que se vai construindo ao longo do tempo.

Retomando a imagem do par de dançarinos, o que de particular veicula este modelo transacional, é que o aporte de um dos parceiros tem efeitos não somente no outro parceiro mas no próprio processo de dança. Sendo aportes bidirecionais, o que um parceiro traz para a dança já é produto da interação anterior, que se inscreve numa continuidade e mudança de processos. A dança é produto dos dois parceiros que se ajustam continuamente, mas também se desafiam em função da experiência, no tempo. Esta regulação do próprio comportamento e contribuição para a regulação do comportamento do parceiro, pode acontecer a qualquer momento. O despoletar desta regulação pode estar nas características individuais da criança (seu genótipo/fenótipo) ou nas características do ambiente (seu mesótipo: código cultural, código familiar, e código individual) e ocorre por meio das transações fenótipo-mesótipo (Sameroff & Fiese, 2000). Nas interações precoces, uma criança com boa saúde e aparência, com um temperamento fácil, em interação dinâmica com a mãe vai tender a manter os seus padrões de resposta enquanto o aporte da mãe “dançar” com ela. Aguiar (2009), citando Maccoby e Martin (1983) e Maccoby (1992), destaca o papel das cognições e expectativas mútuas dos parceiros, construídos ao longo da história de interação mútua, “cada parceiro adquire um conjunto de experiências em relação ao comportamento do outro e um conjunto de formas estereotipadas de interpretar as reações do outro” (p.19). No modelo transacional de Tronick (1989) a qualidade do processo de regulação mútua nas interações (díade mãe-filho) define-se a partir de duas características principais: sincronia e mutualidade. A partir dos estudos metanalíticos de De Wolf e van IJzendoorn (1997) por sincronia entende-se “o grau em que as transações diádicas são recíprocas e mutuamente gratificantes” e por mutualidade grau em que nas “trocas interativas mãe e filho atendem ou se orientam para o mesmo objetivo” (Fuertes, & al, 2009, p. 128). Quando o processo de regulação mútua permite aos parceiros corresponder às necessidades afetivas, emocionais, e aos comportamentos do outro, então elas estão a ser promotoras de processos de desenvolvimento (socio-emocional, linguagem ou cognitivo). Brazelton & Cramer (1991) verificaram que os bebês têm ciclos de atenção e de evitamento, estando o evitamento ao serviço desta autoregulação do bebê face a uma estimulação excessiva. Os pais, por sua vez, regulam também a interação com o bebê reduzindo os seus próprios comportamentos de estimulação, correspondendo assim às necessidades e ao nível de possibilidades deste seu bebê. Pelo facto desta regulação acontecer frequentemente, o bebê pode formar uma representação interna de uma determinada interação com a mãe como “ajustável” às suas necessidades e desejos. Assente que as representações da criança se vão construindo a partir das suas percepções do

mundo exterior e nomeadamente das experiências interativas com pessoas significativas, é de salientar que também as representações dos adultos se atualizam (modificam) a partir das suas perceções e experiências interativas com a criança, inscrevendo-se assim todo este processo numa dinâmica contínua e sistémica.

Criança e pais interagem em função das suas expectativas criadas ao longo da sua “história relacional”. A importância de considerar as expectativas dos pais nas interações foi largamente estudada por Brazelton. Com a criação da *Escala de Avaliação do Comportamento Neonatal*, Brazelton (1973) permitiu aos pais acederem a conhecimentos acerca das competências dos seus bebés, nomeadamente interativas, e ao maravilharem-se com essas competências serem parceiros de interação mais ajustados e co-constructivos do desenvolvimento.

Bailey & Wolery (1992) em síntese teórica salientam que não se pode afirmar que o desenvolvimento é a resultante cumulativa de todas as interações e transações vividas pelo indivíduo, porque muito depende da perceção, definição e interpretação que ele faz das experiências vividas.

2.4 A interação no desenvolvimento da linguagem

Fundamental no processo de desenvolvimento em geral, a interação é, para Tomasello (2003), o motor do desenvolvimento da linguagem nos humanos. Ao contrário de posições anteriores de inspiração chomskiana, mais inatistas, a linguagem é tratada não como uma adaptação biológica específica da nossa espécie, mas antes como uma forma de cognição que a criança desenvolve através da interação regular com falantes adultos. Neste sentido, a investigação na área da linguística e da psicolinguística tem-se debruçado particularmente sobre os padrões de comportamento verbais e não verbais das mães ou figuras maternas, que asseguram a maioria das interações significativas para os bebés.

Chomsky (1973) defende a sua teoria de matriz inatista pelo facto dos seres humanos serem os únicos a possuir linguagem, que nem mesmo os chimpanzés possuem, e ainda pelo facto dos adultos falantes apresentarem à criança uma linguagem mal formada,

limitada e com hesitações não podendo, assim, constituir uma fonte externa de aprendizagem. Esta teoria tem vindo a ser contestada por investigadores e teóricos posteriores, de que destacamos Snow e Tomasello. Para Snow (1977) a simplicidade sintática da fala materna pretende a adequação ao nível linguístico da criança. Para o autor, é necessário que a criança compreenda a mãe, mas para isso a mãe precisa ir ao encontro dos interesses da criança e ajustar-se às suas capacidades cognitivas e socioemocionais. Os aspectos maturacionais associados à cognição e ao próprio desenvolvimento socioemocional são de fulcral importância. Já para Tomasello (2003), a não existência de linguagem nos chimpanzés não é indicador de que esta seja uma característica inerente aos humanos, antes indica que os chimpanzés não possuem capacidades cognitivas e interpessoais que serão pre-requisitos para o desenvolvimento da linguagem. Nas palavras de Tomasello, linguagem “is cognition packaged for purposes of interpersonal communication” (Tomasello, 2008, p. 150). Nesta perspectiva, a linguagem entendida como comunicação antecede o surgimento das palavras.

Os trabalhos de Villa (1995) evidenciaram a existência de intenções comunicativas nos bebés quer através dos olhares, das expressões faciais e até de gestos que, numa fase posterior se associam com vocalizações e entonações diferenciadas. Esta *protoconversa* ou *protolinguagem* é acompanhada por parte do interlocutor adulto de uma série de especificidades que visam o envolvimento da criança na interação. Dessas especificidades, que abrangem várias dimensões comportamentais, Snow (1972/1977) salienta: a) o adulto utiliza procedimentos facilitadores da compreensão, enfatiza as palavras essenciais numa frase, abrandando o ritmo da fala, repete a frase quando a criança não compreende; b) o adulto tem uma fala sintaticamente mais simples e com um vocabulário e complexidade preposicional limitados; c) a linguagem restringe-se ao presente e refere-se a objectos visíveis; d) o adulto exibe uma série de características especiais com objectivo de envolver a criança (*motherese*). Quanto a este *motherese* (fala “abebezada”) Snow enfatiza o seu aspeto conversacional, dado que a mãe pretende falar com a criança, e não falar para a criança. Ela utiliza todo um conjunto de comportamentos verbais e não verbais que em investigação devem ser tomados em conta com uma abordagem multidimensional (Snow, 1977).

A linguagem - sistema simbólico - e os signos linguísticos - convenções sociais - permitem aos indivíduos partilharem estados mentais, sentimentos ou objetos de mundo ausentes. Esta dimensão cognitiva, mental dos signos linguísticos confere-lhes um poder

comunicativo sem paralelo, pois permite nomear e predicar diferentes perspectivas sobre objetos, eventos e situações do mundo. O conceito de *convenção* explica por um lado a variação linguística e, por outro, o pacto social necessário para a construção conjunta de significação. É o conhecimento das convenções do grupo social em que a criança está inserida que lhe permite falar a língua desse grupo (e.g. português, japonês, coreano), e esse conhecimento relaciona-se directamente com as interações com os adultos ou pessoas mais competentes que ela como sendo os irmãos, parentes, amigos.

Um elemento capital que se observa nas interações adulto-criança é que o adulto promove episódios de *atenção conjunta*, buscando o face a face e comunicando através de comportamentos verbais e não verbais (e.g. sorrisos, gestos) em torno de uma mesma atividade. Estes episódios de atenção conjunta são espaços de interação, diálogo, construção de significação. A aprendizagem da linguagem seria um caso particular da aprendizagem cultural. A criança é ativa tentando discernir as intenções dos adultos através das interações destes com os objetos do mundo. São centrais no processo de aprendizagem da linguagem os conceitos de *atenção conjunta*, compreensão da *intencionalidade* do outro e da *utilidade* das suas ações, da *natureza intersubjetiva do símbolo* linguístico e de *imitação* com inversão de papéis (Tomasello, 2003).

O adulto, ao interpretar os comportamentos da criança, transformando-os em gestos e palavras (ex.: em resposta ao pedido do brinquedo a criança esconde-o atrás das costas; o adulto verbaliza “Não queres! Então eu tiro outro do cesto é?”), ao solicitar a verbalização da criança fornecendo modelos (ex.: Queres outro? Queres? - fixa o olhar e acena com a cabeça) favorece a aprendizagem utilizando várias dimensões. Quando a criança verbaliza ou vocaliza imitando o adulto, mostra-lhe que ele está a ser compreendido, e este feedback alimenta a continuidade da interação. Portanto, a compreensão do ponto de vista da criança, supõe que ela compreende, mas também que tem o conhecimento de estar a ser compreendida. Do ponto de vista do adulto, este precisa da confirmação por parte da criança de que ela está a compreendê-lo. Este vai e vem recíproco é na realidade um sistema dinâmico, em que ambos dão o seu contributo para o curso da interação, estabelecendo uma relação recíproca e bidireccional. Sempre que o adulto entra no pacto comunicativo de imitar a criança, mostra que a compreendeu, reforça a importância da compreensão mútua, e ajuda-a a estabelecer o encaixe semiótico que se verifica entre significante (e.g. Muuu! - para vaca) e significado - objeto de mundo referido. Mas

comportamentos como o apontar e designar um objeto, transformar as ações das criança em palavras ou expressões faciais, ou ainda verbalizar as suas próprias ações, desempenham o mesmo papel no percurso de aprendizagem da linguagem. O adulto ao envolver a criança em comunicação e linguagem, constantemente solicita comportamentos que visam trazer a criança para esse pacto semiótico (e.g. *olha, diz...*). Quando a criança verbaliza, o adulto manifesta a sua compreensão retomando o que a criança diz, por vezes imitando, por vezes expandindo a sua verbalização (ex.: *pó* - ao que o adulto responde - *é o carro*) ou ainda estendendo a sua verbalização (ex.: *é o carro dos bombeiros*). Além de manifestar compreensão, ao retomar a verbalização da criança, integrando-a na sua fala (e.g. *Piu piu* para se referir ao pintainho), aumenta a probabilidade dessa verbalização ocorrer e quando expande ou estende essa verbalização age como motor desenvolvimental para a criança. A posição de Tomasello é influenciada por Bruner (1997) que defende que as crianças adquirem linguagem em contextos familiares regularizados que “andaimam” (scaffolding) a experiência da aprendizagem. A criança nestes contextos é um participante ativo, motivado para ir construindo comunicações cada vez mais funcionais e mais elaboradas, através do domínio das formas linguísticas com finalidades comunicativas. Quando o contributo do adulto é sensível ao nível linguístico da criança, às suas capacidades cognitivas, sociais e motivacionais, então ele constitui um *scaffolding*. A noção de Vygotsky de ZDP aplica-se a este processo. O adulto mais competente, ao estruturar a interação nesta zona proporciona à criança aproximar-se do seu nível de desenvolvimento potencial.

Os momentos de atenção conjunta em que se desenvolve a interação propiciam o entendimento do propósito comunicativo, isto é, a oportunidade de a criança compreender e ser compreendida. Possibilitam, igualmente, o processo de aprendizagem da língua já que fornecem um contexto mais próximo para o aprendente compreender novas formas linguísticas. O contexto de comunicação assinala o que é relevante para a interação, sendo a capacidade para perceber a relevância um pré-requisito para aprender língua. Mundy e Newell (2007, p. 269) definem assim a atenção conjunta: “It is an expression of the exquisitely honed human capacity to coordinate attention with a social partner, which is fundamental to our aptitude for learning, language, and sophisticated social competencies.” Sublinhe-se que se a atenção conjunta é uma capacidade que subjaz aos comportamentos de aprendizagem em geral, a imitação é fundacional na aprendizagem da linguagem já que promove estabilidade da significação entre indivíduos e contextos situacionais. O adulto,

ao mostrar que compreendeu o que a criança disse imitando-a, contribui para a construção de um léxico conjunto, mutuamente compreensível. Na verdade, ao retomar o que a criança diz, tal como esta o diz, o interlocutor ajuda a estabilizar a relação (convencional e arbitrária) entre o significado e o significante. Tomasello defende que a linguagem é aprendida pelo sujeito que ouve uma frase, por exemplo, tenta decifrar a significação pretendida pelo falante e, então, de forma a comunicar o mesmo significado, intencionalmente produz a mesma forma. A estabilidade das formas linguísticas é uma característica primordial no processo de comunicação. A aprendizagem da linguagem é considerada uma instância de um processo mais geral de aprendizagem cultural. Com efeito, através de interações verbais, a criança tem acesso a papéis, estatutos, valores, crenças, regras e modos de agir que a introduzem na sua cultura.

Saliente-se ainda que a expressão não verbal do gesto é, por um lado, uma forma de construção de relevância e, por outro, uma instância de construção referencial. Existe assim um contínuo de significação entre o gesto (ostensão) e a palavra, um meio de destacar um objeto de mundo. A construção de referência ocorre, por exemplo quando a criança (ou a mãe) agarra um objeto e ambas dirigem o olhar para esse objeto.

A contingência da fala do adulto enquanto facilitadora do desenvolvimento da linguagem na criança tem sido salientada por vários autores. Rice (1989) define-a como a articulação imediata da resposta/expressão do adulto ao conteúdo da resposta/expressão da criança, de maneira a proporcionar uma continuidade de conversação. Todas as solicitações e os feedback dados à criança, desde as imitações, às expansões ou extensões, variam segundo o nível desenvolvimental em que ela se encontra, e são considerados por Snow (1994) fundamentais no processo de aquisição da linguagem, eliciando e apresentando versões corrigidas ou alternativas às suas produções.

A teoria da interação social no desenvolvimento da linguagem articula assim dimensões biológicas e maturacionais com dimensões ambientais. A articulação entre as características intrínsecas do indivíduo e as características do seu meio revelam-se necessárias nesta área de estudo e sublinham uma visão também ela sistémica do desenvolvimento da linguagem.

Parte II. ESTUDO EMPÍRICO

2.1 Método

Sujeitos

A amostra é constituída por 20 díades interativas, 10 mãe-filho(a) e 10 pai-filho(a), tendo as crianças 15 meses de vida. As díades foram recrutadas no Hospital do Espírito Santo, de Angra do Heroísmo (Açores), no ano de 2008, para uma investigação com vista ao Doutoramento realizada pela Doutora Anabela Faria.

Para evitar a existência de fatores de risco biológico ou ambiental, foram definidos os seguintes critérios de inclusão da amostra: a) todos os bebés nasceram com mais de 37 semanas; b) o peso dos bebés à nascença variou entre 2400g e 3615g ($M = 3252.50$; $d.p = 338.516$); c) inexistência de psicopatologia ou comportamentos aditivos (e.g. álcool ou drogas) nos pais.

Para além destas características, e no sentido de homogeneizar a amostra, acresce que: a) todos os bebés são caucasianos, portugueses, apresentando em média um índice de Apgar de 7.67 ($d.p = 1.658$) ao 1º minuto e de 8.90 ($d.p = 1.792$) ao 5º minuto; 5 deles nasceram por parto distócico e 5 por parto eutócico;

b) todas as mães co-habitavam com os pais dos seus bebés, a escolaridade das mães foi em média de 11.25 anos ($d.p = 3.079$) e dos pais foi em média de 10.33 anos ($d.p = 3.822$), e pelas profissões – tendo em conta o sistema da Classificação Nacional de Profissões – a amostra apresenta um estatuto de classe média ou média baixa; a idade das mães variou entre 19 e 43 anos ($M = 29,58$; $d.p = 7.501$) e a dos pais entre 20 e 45 anos ($M = 32$; $d.p = 7.058$); todas as mães e todos os pais aceitaram bem a gravidez, e todas as mães foram obstetricamente vigiadas durante a mesma recebendo os devidos cuidados.

As filmagens decorreram no contexto familiar do bebé ou num gabinete clínico do Hospital, em função da escolha dos pais.

Procedimento

Após uma explicação aos pais do procedimento de recolha de dados e da recolha do consentimento, foi-lhes pedido que brincassem com os(as) seus(suas) filhos(as) espontaneamente tal como faziam habitualmente nos tempos de brincadeira. Os brinquedos disponibilizados pela investigadora estavam dentro, acima ou abaixo do nível etário da criança.

A criança foi filmada em interação diádica com um dos progenitores, durante 3 minutos, seguindo-se o outro. Na sala estavam presentes (para além da díade) o outro progenitor e a equipa de investigação (2 pessoas).

2.2 Instrumentos

Os vídeos foram transcritos sob forma de narrativas, uma para cada interação diádica, que constituíram o *corpus* de trabalho deste estudo exploratório. As narrativas foram organizadas em 6 colunas no sentido de facilitar a análise das mesmas: tempo, comportamentos verbais do adulto, comportamentos verbais da criança, comportamentos não verbais (do adulto e da criança), afetos e contexto.

Para a análise do *corpus* de trabalho foram constituídas 7 categorias:

- 1- Episódios: unidades coesas de jogo interativo.
- 2- Sequências verbais interativas: interações onde um dos parceiros verbaliza ou vocaliza.
- 3- Sequências não-verbais interativas: interações onde nenhum dos parceiros verbaliza ou vocaliza.
- 4- Afetos verbais: comportamentos afetivos expressos em palavras e acompanhados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e/ou tonalidade de voz).
- 5- Afetos não-verbais: comportamentos, atitudes, vocalizações ou gestos impregnados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e/ou tonalidade de voz).
- 6- Dimensões do jogo: posicionamento do jogo segundo os níveis de desenvolvimento preconizados por Vygotsky (*vide* p. 28).

7- Tipo de jogo: tipologia estabelecida a partir das capacidades socio-emocionais, cognitivas e motoras requeridas.

A caracterização destas categorias foi a seguinte:

Episódios	Caracterização
Início do episódio	Comportamento de um dos parceiros que claramente inaugura uma atividade de jogo interativo.
Encerramento do episódio por desinteresse	Um dos parceiros inicia outra atividade manifestando desinvestimento na atividade anterior.
Encerramento do episódio por mudança de atividade	Não parecendo existir desinteresse na atividade anterior, um dos parceiros inicia outra atividade. Uma interrupção não voluntária da atividade em curso como por exemplo o fim da gravação.

Os finais de gravação consideramos (por conveniência) como ator da mudança de atividade o último parceiro a intervir.

Sequências verbais interativas	Caracterização
Simple	Comportamento de um parceiro e resposta direta por parte do outro num intuito de manutenção da interação (ex.: Mãe - Como faz a vaquinha? R/: Muuu!).
Interrompidas	O parceiro não manifesta intuito de dar continuidade a essa troca (ex.: Pai - Atira a bola ao pai. R/ a criança avança para outro brinquedo).
Expansivas	Um parceiro manifesta um comportamento aceitante do que o outro disse ou fez mas também o retifica (ex.: Filho - Ête. R/ É este.).

Extensivas	Um parceiro manifesta intuito de manutenção da interação (aceitando ou recusando o que o outro disse ou fez) mas também acrescenta informação (ex.: Filho - Pressiona suavemente uma tecla. R/ Pai: Faz com mais força para dar som).
------------	---

As sequências não-verbais interativas dizem respeito às interações em que nenhum dos parceiros verbaliza ou vocaliza. A subdivisão desta categoria segue a mesma lógica que para as sequências verbais interativas.

Afetos verbais	Caracterização
Elogio	O parceiro dirige palavras positivas à pessoa do outro, ao seu ser (Ex.: que lindo filho!).
Reforço positivo	O parceiro aprecia com palavras positivas o que o outro diz ou faz aumentando a probabilidade de repetição do comportamento (Ex.: Isso!; Essa foi bem!).
Reforço negativo	O parceiro parece ignorar ou manifesta despreço pelo que o outro diz ou faz diminuindo a probabilidade de repetição do comportamento (Ex.: Isso não sai daí. Anda cá.).
Reforço neutro	A resposta do parceiro não tem uma tonalidade afetiva clara e/ou não é possível de ser incluída nas categorias anteriores.

Afetos não-verbais	Caracterização
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	O parceiro está atento, disponível, sorridente e alegre, exibindo variações de humor adequadas à interação.

Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	O parceiro está desatento à interação ou inexpressivo, zangado ou tenso, desconfortável ou impassivo.
Toque positivo	Contato físico prazeroso.
Toque negativo	Contato físico forçado ou que magoa.
Toque indireto	Contato físico mediado por um objeto.
Vocalização positiva	Sons guturais, estalidos, beijinhos no ar, onomatopeias (ex. piu-piu-piu; tuc-tuc-tuc) acompanhados de tom de voz positivo, e.g. meigo, entusiasmante.
Vocalização negativa ou discrepante	Sons guturais, onomatopeias (Ex.: ai, ai, ai!) acompanhados de tom de voz negativo, e.g. gritado, resmungão, aflito, ameaçador. Observações incongruentes com a interação ou jocosas.
Fuga ou evitamento	Deslocação física súbita, fora do alcance do parceiro ou alheamento prolongado.

Dimensões do Jogo	Caracterização
Na zona proximal de desenvolvimento	A criança consegue realizações novas no jogo quando ajudada pelo parceiro adulto (e.g. demonstrações, instruções, suporte físico, confirmações).
Dentro do nível de desenvolvimento	A criança realiza com sucesso a atividade de jogo sem necessitar da ajuda do parceiro adulto (e.g. demonstrações, instruções, suporte físico, confirmações).
Abaixo do nível de desenvolvimento	A criança realiza a atividade de jogo com facilidade notória, atendo-se a ações típicas do nível de desenvolvimento anterior aquele em que se situa (Ex.: morder objetos, sacudir, fazer “tem-tem”).

Acima do nível de desenvolvimento	A criança não consegue realizar a atividade de jogo tal como lhe é proposta, mostrando-se mais passiva e/ou desistindo da atividade.
-----------------------------------	--

Tipo de Jogo	Caracterização
Expressivo ou comunicativo	Interação lúdica que assenta na troca de afetos e/ou informações.
Simbólico	Interação lúdica que assenta no “faz-de-conta”.
Movimento	Brincadeira de deslocações físicas e movimentos de motricidade global com ou sem objetos.
Lógico matemático	Atividade que demonstra a aplicação do raciocínio lógico matemático.
Exploração do mundo	Atividade de observação do espaço envolvente ou dos objetos, podendo ocorrer manipulação dos mesmos.

O comportamento de cada interveniente é cotado de acordo com a prestação do seu interlocutor, *i.e.*, de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto.

Cada protocolo é constituído por duas narrativas, a narrativa mãe-criança e a narrativa pai-criança, num total de 10 protocolos. Os transcritos dos vídeos sob a forma de narrativas e suas citações situam-se em Anexos (*vide* Anexo 2), e estão dispostas sequencialmente. A análise quantitativa de cada narrativa permitiu-nos a elaboração de tabelas síntese, que também estão dispostas sequencialmente (*vide* Anexo 3). A partir destas tabelas efetuamos o cálculo das médias obtidas - médias dos valores das interações mãe-filho(a) e médias dos valores das interações pai-filho(a) - para o estudo comparativo.

Como estudo qualitativo apenas nos debruçamos sobre o primeiro protocolo (interação mãe-filho -1M- e pai filho -1P-); *vide* Caso ilustrativo (p. 61-83). Para este estudo,

partimos dos comportamentos de construção de significação da criança e do progenitor para ilustrar os processos semióticos. As narrativas possibilitam um olhar atento, mais aprofundado e mais reflexivo de análise dos comportamentos. Globalmente salienta-se o papel empenhado do adulto na construção de episódios de atenção conjunta. Estes episódios foram analisados em várias dimensões comportamentais (e.g. postura corporal, gestos, sorriso, contato ocular, prosódia, verbalizações).

2.3 Apresentação dos resultados

2.3.1 Estudo comparativo das interações mãe-filho e pai-filho

Episódios

Episódios		Mãe	Criança		Pai	Criança
Início		1.5	1.5		2.5	1.7
Encerramento	<i>Desinteresse</i>	0.1	1		0.3	1.4
	<i>Mudança de atividade</i>	0.9	1.1		1.3	1.5

Nas interações mães-filhos (3 minutos) as mães iniciam 2 vezes os episódios de brincadeira e as crianças 2 vezes. Nas interações pais-filhos (3 minutos) os pais iniciam 3 vezes os episódios de brincadeira e as crianças 2 vezes. O encerramento dos episódios de brincadeira por desinteresse nunca ocorre por iniciativa das mães, nem dos pais, e ocorre 1 vez por iniciativa das crianças em cada um dos casos. O encerramento dos episódios por mudança de atividade ocorre 1 vez por iniciativa das mães e 1 vez por iniciativa das crianças. Os pais encerram 1 vez os episódios por mudança de atividade, e as crianças com eles fazem-no 2 vezes.

Sequências verbais e não verbais

Sequências verbais interativas	Simples		Interrompidas		Expansiva		Extensivas	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Total de ocorrências	44.2	32	12.7	17.3	6.4	4.3	10.7	9.4
Tempo aproximado	62.7	51.4	22.3	30.9	11.6	8.8	19.5	20.6
% do tempo	34.83	28.38	12.38	17.16	19.5	4.88	10.83	12.55

Sequências não-verbais interativas	Simples		Interrompidas		Expansivas		Extensivas	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Total de ocorrências	3.9	7.9	4.7	7.1	1	1.6	0.9	1.9
Tempo aproximado	10.3	15.9	9.3	15.6	3.1	6.1	3.1	5.3
% do Tempo	5.72	8.83	5.16	8.66	1.72	3.38	1.72	2.94

As sequências verbais interativas simples ocorrem 44 vezes com as mães e 32 vezes com os pais, que correspondem a 35% do tempo das interações mães-filhos e 28% do tempo das interações pais-filhos. As sequências não verbais simples ocorrem 4 vezes com as mães e 8 vezes com os pais, a que correspondem respectivamente 6% e 9% do tempo total de interação. As sequências verbais interrompidas ocorrem 13 vezes com as mães e 17 vezes com os pais, sendo 12% do tempo com as mães e 17% do tempo com os pais. As sequências não verbais interrompidas ocorrem 5 vezes nas interações com as mães e 7 vezes nas interações com os pais, a que correspondem respectivamente 5% e 9% do tempo total. As sequências verbais expansivas acontecem 6 vezes com as mães e 4 vezes com os pais, significando 6% do tempo das interações com as mães e 5% do tempo das interações com os pais. As sequências não verbais expansivas acontecem 1 vez com as mães e 2 vezes com os pais, sendo, 2% do tempo total com as mães e 3% do tempo total com os pais. As sequências verbais extensivas com as mães ocorrem 11 vezes e com os pais 9 vezes, a que

correspondem 11% do tempo no caso das mães e 13% de tempo no caso dos pais. As sequências não verbais extensivas ocorrem 1 vez com as mães e 2 vezes com os pais, sendo 2% do tempo da brincadeira com as mães e 3% do tempo da brincadeira com os pais.

Afetos verbais e não verbais

Afetos verbais	Ocorrências registradas em segundos no total da interação		% do tempo	
	Mãe-Criança	Pai-Criança	Mãe-Criança	Pai-Criança
Elogio	1.1	0.7	0.61	0.38
Reforço positivo	50.8	38.4	28.2	21.33
Reforço negativo	2.1	3.9	11.72	2.16
Reforço neutro	4.6	8.5	2.55	4.72

Tanto as mães como os pais elogiam 1 vez os filhos, sendo (por arredondamento) 1% do tempo total de interação no caso das mães e 0% no caso dos pais. Os reforços positivos acontecem 51 vezes com as mães e 38 vezes com os pais, correspondendo a 28% do tempo da brincadeira com as mães e 21% do tempo da brincadeira com os pais. Os reforços negativos acontecem 2 vezes com as mães e 4 vezes com os pais, significando 12% do tempo no caso das mães e 2% do tempo no caso dos pais. Os reforços neutros acontecem 5 vezes com as mães e 9 vezes com os pais, sendo a percentagem de tempo 3% e 5% respectivamente.

Afetos não-verbais		Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	Expressão facial estática, aborrecida /zangada	Toque positivo	Toque negativo	Toque indireto	Vocalização positiva	Vocalização negativa discrepante	Fuga ou evitamento
Mãe	Ocorrências (segundos)	135	63.5	5.1	0.8	1.4	3.4	0.2	0
	% do tempo	75	35.27	2.83	0.44	0.77	1.88	0.11	0
Crianças	Ocorrências (segundos)	164	16	0.7	0	0.4	8.6	1.7	0.4

% do tempo	91.1	8.88	0.38	0	0.22	4.77	0.94	0.22
-------------------	------	------	------	---	------	------	------	------

Pai	Ocorrências (segundos)	77.2	102.8	10.2	2.1	2.9	2.9	0	0
	% do tempo	42.88	57.1	5.66	1.16	1.61	1.61	0	0
	Ocorrências (em segundos)	168.7	11.3	2	0.1	1.1	11	4.2	1.9
	% do tempo	93.72	6.27	1.11	0.05	0.61	6.11	2.33	1.05

As expressões faciais atentas e sorridentes das mães ocorrem 135 vezes, e dos pais 77 vezes, sendo a percentagem de tempo de 75% para as mães e 43% para os pais. As expressões faciais estáticas e aborrecidas acontecem 64 vezes com as mães e 103 vezes com os pais, numa percentagem de tempo de 35% para as mães e 57% para os pais. No toque positivo, as mães tocam 5 vezes a criança e os pais 10 vezes, o que em percentagem de tempo correspondem 3% e 6% respetivamente. No toque negativo a mães fazem-no 1 vez e os pais 2 vezes, sendo por arredondamento 0% do tempo para as mães e 1% para os pais. No toque indireto as mães fazem-no 1 vez e os pais 3 vezes, sendo 1% do tempo para as mães e 2% do tempo para os pais. As vocalizações positivas ocorrem 3 vezes nas mães e nos pais, correspondendo a 2% do tempo total das interações em ambos os casos. As vocalizações negativas ou discrepantes bem como as fugas ou evitamentos são de frequência e percentagem nula para mães e pais.

Por parte das crianças, as expressões faciais sorridentes ocorrem 164 vezes na interação com as mães o que significa 91% do tempo total de interações (com as mães) e, 169 vezes nas interações com os pais o que corresponde a 94% do tempo total de interações (com os pais). As expressões faciais estáticas, aborrecidas ou zangadas acontecem 16 vezes com as mães e 11 vezes com os pais, a que correspondem respetivamente 9% e 6% do tempo total de interação. O toque positivo ocorre 2 vezes com as mães e com os pais, sendo 0% (devido ao arredondamento) do tempo de interação com as mães e 1% de interação com os pais. O toque negativo apresenta uma frequência e percentagem nula tanto na interação criança-mãe como criança-pai. O toque indireto não ocorre na interação com as mães, mas ocorre 1 vez na interação com os pais significando 1% do tempo total de interação pais-criança. As vocalizações positivas da criança em interação com as mães ocorrem 9 vezes, e em interação com os pais 11 vezes, sendo respetivamente 5% e 6% do tempo total de

interação. As vocalizações negativas acontecem 2 vezes com as mães e 4 vezes com os pais, numa percentagem de tempo de 1% e 2% respetivamente. A fuga ou evitamento não ocorre com as mães mas ocorre 2 vezes com os pais, sendo a percentagem de tempo 1% no total da interação criança-pai.

Tipo de atividade lúdica

Dimensões do Jogo	Mãe - Criança		Pai - Criança	
	Ocorrências (segundos)	% do tempo	Ocorrências (segundos)	% do tempo
Na zona proximal de desenvolvimento	55	30.5	54.3	30.16
Dentro do nível de desenvolvimento	64.7	35.94	54.7	30.38
Abaixo do nível de desenvolvimento	60.3	33.5	71	39.44
Acima do nível de desenvolvimento	0	0	0	0

As crianças brincam com as mães na zona de desenvolvimento proximal 55 segundos, e com os pais 54 segundos, a que correspondem em percentagem do tempo total 30.5% e 30.1% respetivamente. A brincadeira dentro do nível de desenvolvimento ocupa 65 segundos da interação criança-mãe e 55 segundos da interação criança-pai, sendo 36% e 30% do tempo total. As crianças têm brincadeiras abaixo do seu nível de desenvolvimento durante 60 segundos quando brincam com as mães, e durante 71 segundos quando brincam com os pais, a que corresponde um tempo percentual de 34% e 40% respetivamente. Não aconteceram brincadeiras acima do nível de desenvolvimento das crianças, nem com as mães nem com os pais.

Dimensões do Jogo

Tipo de Jogo	Mãe - Criança		Pai – Criança	
	Ocorrências (segundos)	% do tempo	Ocorrências (segundos)	% do tempo
Expressivo ou comunicativo	2.4	1.33	3.8	2.11
Simbólico	5	2.77	1.8	1
Movimento	49.3	27.38	34.5	19.16
Lógico matemático	32.5	18	19.3	10.72
Exploração do mundo	91.7	50.94	120.6	67

O jogo expressivo comunicativo ocorre durante 2 segundos na brincadeira mãe-criança e 4 segundos na brincadeira pai-criança, sendo em tempo percentual de 1% da brincadeira com as mães e 2% da brincadeira com os pais. O jogo simbólico ocorre durante 5 segundos na brincadeira mãe-criança e 2 segundos na brincadeira pai-criança, à qual correspondem respectivamente 3% e 1% do tempo total. As brincadeiras de movimento acontecem durante 49 segundos na interação mãe-criança e 35 segundos durante a interação pai-criança, o que em tempo percentual significa 27% para a brincadeira mãe-criança e 19% na brincadeira pai-criança. O jogo lógico matemático acontece durante 33 segundos na brincadeira mãe-criança e 19 segundos na brincadeira pai-criança, sejam 18% e 11% respectivamente, do tempo total de interação. A exploração do mundo acontece durante 92 segundos nas brincadeiras mãe-criança e 121 segundos nas brincadeiras pai-criança, a que correspondem 51% do tempo total de interação mãe-criança, e 67% do tempo total de interação pai-criança.

2.3.2 Caracterização do tipo de brincadeiras das mães e dos pais

É importante sublinhar que o presente estudo foi efetuado com uma amostra numericamente reduzida, apenas 10 díades. No entanto podemos destacar algumas características no tipo de brincadeiras das mães e dos pais com os seus filhos.

A posição que tomam as mães para brincar com os seus filhos é geralmente sentada no chão, inclinada sobre a criança, e procuram o face a face, para a leitura no rosto da criança do que esta está a experimentar de satisfação ou insatisfação, interesse ou desinteresse. Já os pais ficam geralmente sentados sobre os calcanhares ou de joelhos e encontram na intensidade da atenção conjunta (aos objetos ou jogos) a forma de detetar os sinais de satisfação e interesse da criança (*versus* insatisfação ou desinteresse). Porque mais vezes brincam com as crianças em jogos de movimento, a posição de pé inclinada sobre a criança também é mais frequente neles do que nas mães. A distância corporal dos parceiros de jogo é sempre de proximidade, isto é, ao alcance do braço ou de contato corporal, tanto para os pais como para as mães.

Para além de todo o empenho em criar e/ou manter episódios de atenção conjunta com a criança, ambos os pais tentam aguardar a resposta da criança às suas interações de pedidos ou instruções. Não obstante, muitas vezes a criança responde fora do tempo “normal”, isto é, alguns breves segundos depois, característica que só é possível detetar devido à minuciosa análise minuto a minuto.

As mães tendem a associar as interações não verbais com verbalizações e vocalizações positivas, modulando acentuadamente a sua voz, e intensificando as suas expressões faciais (sorrisos largos, risos, arqueamento de sobrancelhas). Os pais, exibem menos expressividade facial e modulam menos a tonalidade da sua voz, atendendo sobretudo ao agir adequado sem o respetivo acompanhamento verbal.

Pais e mães manifestam o mesmo tipo de comportamentos afetivos próprios do cuidar (e.g. assoar, limpar a baba), do carinho (e.g. carícias, abraços, sentar ao colo), e da colocação dos limites face a comportamentos que julgam menos adequados (e.g. chamadas de atenção verbal como “Psit”, “Não”, ou o levar a criança a sentar-se agarrando-a pelos braços).

Só encontramos uma brincadeira com recurso ao faz de conta, e isto numa díade mãe-filha, apesar de muitas vezes pais e mães imitarem os sons dos animais quando as crianças têm esses brinquedos como foco de interesse.

O recurso a bolas para brincar está presente nos pais como jogo de movimento, ao atirarem bolas e deslocarem-se com as crianças chutando. Só uma mãe utiliza as bolas para brincar, e uma outra fá-lo como um estratégia expressivo-comunicativa para suscitar o interesse e entusiasmo ao seu filho contrariado.

Ambos os pais manifestam um elevado grau de atenção à criança e à brincadeira, nomeando os objetos, dando indicações em palavras e gestos do “como” se brinca com esses objetos, fazendo eco do sentir da criança seja de modo verbal seja através de expressões faciais (mais ou menos intensas). Este feedback às interações da criança e às suas realizações alimenta a sua compreensão quer do “funcional” da brincadeira quer da sua própria experiência afetiva e emocional.

Face à criança não cooperativa ou desinteressada, os pais como as mães mantêm uma atitude de boa disposição, com uma expressão facial positiva e sorrindo apesar das dificuldades. Certo, esse sorriso é um pouco forçado, e o riso até tenso. Mas há em ambos o esforço de dar continuidade à interação lúdica e de suscitar na criança reações positivas.

As mães interagem mais com as pessoas atrás da câmara, sorrindo, fazendo comentários “entre dentes”, ajeitando o seu cabelo ou posição. Os pais parecem mais alheados deste fator câmara.

De seguida, podem ler-se alguns recortes de narrativas que ilustram o que acabamos de expor.

2.3.3 Situações ilustrativas

Apresentamos agora algumas situações ilustrativas, retiradas das narrativas, que visam corroborar algumas características das interações mães-filho(a)s e pais-filho(a)s. Recorremos a fábulas para salientar essas características de um modo global e humorístico, não querendo de modo algum exercer um juízo moral ou depreciativo quanto aos processos relacionais em causa.

A lebre e a tartaruga: esperar o tempo da criança

58:33	Não sei o que é isto...		para o br de enfiamentos crustáceo
58:35	Ah!		M agarra a vaquinha, roda-a e abre-a causando barulho;
58:40	E mais um!		F olha a vaquinha (a mão agarra o br do cesto) M estende a vaquinha aberta para F;
58:41			F toca-a (1m), larga o cesto, retira o encaixe (2m) - macaco - dentro da metade da vaquinha M encaixa a vaquinha sob o olhar atento de F que guarda o encaixe do macaco (2m);
58:42		Aaa. (suspirado)	M põe a vaquinha ao lado do quadro de enfiamentos, fora do alcance do braço de F; M tira o macaco das mãos de F, abre-o um pouco - subitamente; pequeno sobressalto de F;
58:43			M despeja o 3º encaixe - porco - à frente de F, encaixa o macaco colocando-o à frente da vaca, mais próximo de F; F pega no porco (1m); agarra nele (2m) e abre-o; o 4º encaixe - pintainho - cai e abre-se; F tenta encaixar o porco
58:45	Um_ou_tro!		M encaixa o 4º encaixe (pintainho)
58:46			M coloca o pintainho à frente dos dois encaixes anteriores, entre as pernas de F; F guarda o porco aberto, metade em cada mão;
58:48			M retira a F o encaixe superior do porco, tenta o encaixe deixando a metade inferior nas mãos de F
58:52			mas não consegue;
58:56	Olha o pintainho e o porquinho		M retira a F outra metade, encaixa-as e dispõe o porco também fora do alcance de F;
58:57			F pega no 4º encaixe - pintainho - roda-o tentando abrir; M ajeita a sua posição no chão;
59:00			F bate (1m) o pintainho; tenta abri-o (2m) mantendo-o à altura do peito;
59:02		Há_á...	F abre o pintainho, olha as duas partes no seu interior; tenta encaixar as duas partes sem sucesso; tenta novamente e encaixa as duas partes com sucesso; fica imóvel a olhar; F roda 2 vezes o br
59:03			F larga o br no chão à sua direita, roda o br (1m) sem o olhar, "pensativa"
59:05			
59:06			
59:09			
59:10			
59:15	Que giro!		
59:16	Que giro!		

(...)

59:40	Agora aqui	F tenta pressionar com o polegar (1m) as teclas já recolhidas; M hesita em agarrar o braço de F; mostra com o indicador a tecla a pressionar; F pressiona com o indicador obtendo sucesso; F mantém o dedo na tecla;
59:43	A_ssim	M agarra braço F para desviar o dedo para a tecla ao lado; pressão sobre o braço; solta-se a peça
59:46	Outro E outro	F fica com o dedo apoiado na tecla (de baixo)
59:47	E outro!	M repete o procedimento para outra tecla; F fica com o dedo apoiado na tecla (baixa)
59:51	Eh... que linda.	M repete o procedimento para a última tecla
59:52		F pressiona uma peça com o indicador, depois com dois dedos, aproximando o br de si com esse gesto, mas não consegue sucesso
59:54		M agarra o braço de F e colocando o seu indicador sobre o indicador de F faz pressão, segue assim pressionando as 3 teclas; M larga o braço de F;
59:58		F toca o br na parte superior
00:00		F põe o indicador sobre uma peça mas sem pressão suficiente; tenta depois com o polegar e obtém sucesso; passeia os dedos pelas várias teclas
00:03		Aha
00:08	Ah.ah (riso)	

(recortes da narrativa 2M)

01:53	Onde está a vaca?	F leva a mão ao porco e apanha-o (1m);
01:54	Onde está?	P faz um gesto de pedido com a mão
01:55	Não, a vaca. Dá a vaca ao pai	F abre o porquinho sem dificuldade;
01:56	Isso não, esse é o porquinho!	F olha o lado côncavo das peças - porco -
01:59	A vaca, dá a vaca ao pai.	P retira as peças, encaixa-as guardando o porco nas suas mãos; F segue o porco com o olhar;
02:00	A vaca.	F estica-se muito e tenta apanhar o macaco (próximo do pai); ainda muito esticada leva a mão à vaca; puxa a vaca pela orelha
02:03	A vaca.	F olha fixamente a "assistência"/câmara:
02:05	I_sso!	
	A vaca.	

(...)

02:55	A vaca	A vaca	P retira os encaixes das mãos de F, coloca-os ao lado da vaca e do macaco
02:56	A vaca, a vaca		F agarra a vaca (1m); P dispõe os animais no chão
02:59			F deixa a vaca; P dispõe a vaca no chão
03:01	Esse é mais interessente!		F leva a mão ao br das teclas, levanta-o e trá-lo para si;
03:02			

(recortes da narrativa 2P)

A raposa e as uvas: a verbalização que suscitaria o interesse

05:19		F torna a agarrar a peça que largou; larga-a
05:20		P volta uma pág. do livro; F toca o livro e pega numa peça solta; P tenta encaixar uma peça no livro F agarra uma peça do pintainho e larga; estica-se e toca o grande br de teclas com o indicador, pressiona uma tecla; olha a tampa da caixa dos legos;
05:29		P levanta a tampa da caixa dos legos; F agarra-a P apresenta a F o br pequeno de teclas pousando-o longe no chão;
05:32		F estica o braço em direção ao br das teclas; P coloca o porco em cima da tampa dos legos mas este cai;
05:36		F estica o braço para alcançar o br das teclas P levanta o quadro de enfiamentos dos peixinhos e bate com ele no chão (barulho) sem o largar;

(recorte da narrativa 7P)

10:33	Ó		P desloca um br e pega no livro; abre-o e mostra-o a F; F senta-se de costas para a câmara e não presta atenção ao livro; P pousa o livro fechado, P desloca outro br, pega num br pequenino que aperta emitindo sons; F olha atenta o br, avança de gatas para ele de boca aberta; tropeça no coelho caindo de cara para o chão, batendo com a cara no livro;
10:34			F levanta-se, esfrega a boca (1m) apoiando-se na outra (ainda de gatas); F olha no sentido da câmara e arredores (a mãe?), continua a esfregar a boca
10:36			
10:38			
10:41			
10:43			
10:45	Ó		P abre o livro;
10:48	Vamos pôr este assim. Ó		F senta-se junto ao livro, de frente para o livro;

(recorte da narrativa 3P)

A raposa e a cegonha: importa o alinhamento de interesses

01:33	Anda cá!	←	→	sempre agarrada ao parque F avança para M; mantém o br na mão, junto à cara; F estende para M o telemóvel
01:35	É_é_é!	←	→	M de braços abertos agita uma bola na mão; M leva o telemóvel à sua orelha; F pega na bola (2m); avança com a bola para o parque, olha a câmara, lança a bola sempre a olhar para a câmara; olha para a bola que salta no chão e avança um pouco
01:37	Está? Está? Letícia?	←	→	M põe o telemóvel a tocar
01:40				F apanha a bola (2m) F lança a bola no sentido do parque; olha a bola saltitar; M balança o telemóvel ritmicamente; F volta-se para M
01:44				
01:45	Vai buscar, vai!	←	→	
01:49				
01:51	Dança para a mãe, dança.	←	→	

(...)

03:27	Qual é que tu queres?	←	→	F larga a cadeira e avança para M que agita um balão numa mão e o telemóvel na outra;
03:29	Qual é?	←	→	Eh_eh (riso)
03:31	É_é... qual é?	←	→	F agarra os dois, um em cada mão, F afasta-se e de costas para M bate com eles no chão fazendo barulho.
	Os dois!	←	→	
	Devagarinho, devagarinho	←	→	
03:35				F põe a música;
	Metete a música a dar, metete.	←	→	Folha para M
03:37	Is_so!	←	→	F levanta-se com um br em cada mão
03:39				F volta-se para a câmara e dança; M "dança"
03:41	Na_na_na	←	→	

(recortes da narrativa 4M)

O leão e o rato: não subestimar a criança

03:59				insuflável; F leva a minhoca à boca P retira a minhoca da boca de F
04:00				F deixa cair a minhoca P levanta-se para apanhar a bola; F leva a mão à caixa e tira outra minhoca insuflável
04:03	Olha aqui a bola, ó	←	→	P mostra a bola a F e afasta outros br do chão F mexe na minhoca, abre-a e coloca-a à volta do pescoço (2m) sem a largar; F olha P
04:05	Ó, pega.	←	→	P lança suavemente a bola a F;
04:07	Pega a bola	←	→	F olha a câmara; olha a bola que vem contra as suas pernas
04:09	Pega a bola	←	→	P larga a bola, desvia um br e abre uma perna de F; F baixa a minhoca e olha a perna desviada
04:11	Ó, faz assim	←	→	P agarra na bola; F olha outros br;
04:13	Pega a bola ó, ó	←	→	

(...)

04:42		Tosse	P tira a bola da caixa, coloca-a no chão; F olha e toca a minhoca; olha para a bola; agarra a minhoca; P põe a bola na caixa sob o olhar de F; F levanta a minhoca (1m); olha a bola nas mãos de P, olha a caixa;
04:43			
04:45			
04:46			
04:48			F abre a minhoca e coloca-a em colar ao pescoço P retira a bola da caixa; afasta a caixa; F observa
04:50	Anda cá, vamos brincar à bola		F tira a minhoca do pescoço;
04:50	Vamos, levanta, anda cá		F estica-se e coloca a minhoca na caixa
04:52		Ué...	
04:55	Anda cá amor!		P larga a bola e estende a mão a F; F olha a mão de P; P estende as duas mãos para F
04:55	Anda cá		F retira as mãos e volta a cabeça para trás P agarra a bola
04:58	Ó	Umémé? (alto)	
04:59		Um	
05:02		Um_mé	F agarra a outra minhoca ao seu lado, leva-a à boca P arruma alguns br na caixa;
05:04		Mé	F põe a minhoca em cima da cabeça
05:04		É_ma. Ma	P arruma mais br na caixa; F olha a arrumação
05:07	Olha aqui	Ma_ma (alto)	F põe a minhoca no chão; olha a caixa
05:07		Ma_ma_mé	

(...)

05:15	Olha, olha, ó		P enfia a minhoca no braço de F; F levanta o braço; P ajusta a minhoca no braço de F
05:16	Ó. Tch!...		P junta as mãos; F baixa o braço e olha a roca na outra mão; F agarra a roca (2m);
05:18			
05:20	Lá, lá, lá, lá...		P tira a outra minhoca da caixa e põe-na delicadamente no outro braço de F segurando-lhe a mão; aproxima os braços de F levantando-os; F observa as "argolas" nos braços; mantém a roca numa mão
05:22			
05:24	Olha a outra, ó, ó		F baixa um braço fazendo sair uma "argola"; P agarra-a; F retira (1m) do outro braço a outra minhoca; P põe cuidadosamente uma minhoca em torno do pescoço de F
05:26	Olha outra, ó		F ajusta a cabeça para a frente para o posicionar da minhoca; fica com ela
05:28	Que bom!		F tira a minhoca do pescoço e olha para ela; poussa no chão;
05:29		Aha!	
05:30			
05:32	Dá ao pai, dá.		P agarra a bola; F tira a outra minhoca do braço, com alguma dificuldade porque encalha na roca; P estende a mão para aceitar
05:34	Dá.		F hesita (pausa) e depois estende decidida (pausa) a minhoca a P; F olha a roca que tem na outra mão
05:35	Dá isso ao pai também.		
05:36	Dá.	Ai	
05:37	Dá!	Ai	

(...)

06:04	Anda cá		F abre a minhoca e põe-na ao pescoço, olha a câmara;
	Anda. Anda cá.		P bate na caixa;
06:06	a... a...		P estende uma mão para F ~30cm da cara, abrindo e fechando-a em sinal de apelo
	Olha a bola, ó, ó		F retira a minhoca do pescoço; coloca-a no chão;
06:08			P estende as duas mãos; F encolhe as pernas
06:09	Ó		P agarra o pulso de F, delicadamente, ajudando-a a levantar-se; F apoia um braço no sofá mantendo a minhoca nessa mão;
06:10	Brinca com a bola, brinca		P bate a bola no chão
06:12	Filha, atira para o pai		F avança para a caixa onde põe a minhoca
06:13	Ei_i!		P estende a bola a F
06:14	Vem buscar!		F agarra (2m), levanta-a
06:16	Anda vem buscar! Anda, anda, vem buscar!		F lança a bola com força
			P inclina-se para a intercar mas não consegue
06:20	Dá ao pai, agora		F vai agilmente buscar a bola a outra sala
	Dá.		P segue-a
06:24	Dá ao pai.		

(recortes da narrativa 4P)

A cigarra e a formiga: o esforço que recompensa

10:13			P leva o outro br (xilofone) até F;
10:14	Olha aqui do Nody!		F estica e encolhe as pernas; esfrega os olhos
10:15			F olha de relance o xilofone
10:16			P toca o xilofone com o pauzinho; F olha
10:17			F agarra o pauzinho das mãos de P
			F pousa o pauzinho no chão
10:19			F bate com o pauzinho no xilofone
10:20	É do Nody!		P senta-se (sai da posição recostado)
10:21			F para de tocar
10:22	Dá cá. Assim		P agarra na mão de F (com o pauzinho)
10:24			P-F tocam junto o xilofone
			P larga a mão de F;
10:30	Faz lá		F bate sozinho na madeira (não dá música!)
10:32	Devagarinho no som.		
10:33	Devagarinho, ó.		P agarra na mão de F (com o pauzinho) e repetem juntos
			P larga a mão de F (que fica com o pauzinho)
10:38			P desliga a música da estrutura de plástico;
			F baixa os braços
10:39			P toca sozinho
10:40	Assim.		P dá o pauzinho a F;
10:45	Faz assim.		F agarra e toca sozinho
	Toca		

(recorte da narrativa 8P)

O corvo e o jarro: um aporte necessário

04:20			F tenta folhear duas páginas ao mesmo tempo;
04:22			levanta o br; P pouça o br
04:23	Isso ainda é complicado para ti		F insiste em aproximar mais o br de si, puxando
04:24	pá!		pelas páginas; P acompanha o movimento de F
04:25			com a mão e volta uma pág.
04:28	Devagarinho...		F repete o movimento para a pág. seguinte e P ajuda

(recorte da narrativa 2P)

3:35	Olha agora metes aqui em cima		F retira da caixa mais um lego e estende-o a M
	Assim olha, assim.		M monta o último lego que recebeu no lego que
3:38	Metete aqui, metete.		está no chão; F tem um lego na mão
3:39	Aqui.		M aponta com o indicador em cima da zona de
3:41			encaixe do lego, no chão; F larga o lego e leva a
3:42	Olha aqui, aqui.	Qui	mão à caixa para retirar mais um
			M aponta batendo com o indicador na zona de
3:49		Aqui	encaixe do lego, no chão; F estende para M mais
			2 legos largando-os junto ao lego do chão
3:53	O_oh!	E-ta	F procura apanhar outro lego na caixa, com
3:54	Já está. Não tem mais.		alguma dificuldade, apoiando-se no cesto;
		Ó	M apoia a mão no cesto para este não se voltar
3:55	Oh!	Ó.	F retira um lego
			F estica as pernas
			F tenta montar um lego na torre já feita por M

(recorte da narrativa 5M)

O burro e o cachorrinho: a deteção precoce do desadequado

24:11	Como é que isto faz?		P agarra num encaixe e sacode (barulho)
	Como é que a gente faz?		P roda a aplicação do encaixe
24:13	Lá, lá, lá.		P põe o encaixe à frente da boca e fala para
24:14	Lá, lá		dentro do encaixe (som abafado)
			P coloca o encaixe à frente da boca de F
24:16			F retira o encaixe da frente da boca
24:17			F fica com o encaixe na mão; olha o br
24:20	Hum?		

(recorte da narrativa 10P)

A menina do leite: nem tudo corre bem

5:49	Dá à mamã.		M atira a bola para as pernas de F
5:50	Hou!		F agarra na bola (1m) sem largar a outra;
	Oh!		F atira a bola para o lado oposto, que rebola para longe e bate num armário
5:52	Oh.	Hum... (gemido)	
5:54	Dá essa, dá essa à mãe.		F inclina-se sobre si mesmo agarrando um pé, sem largar a bola; M aponta com o indicador a bola que F tem na mão; F olha a caixa dos br ao lado dele
5:56			
5:58	Esta que tens na mão.	Ai! (grito)	
6:00	Está muito birrinha,		F põe a bola debaixo da perna;
6:01	birrinha parvoeta (comentário)		M inclina-se para apanhar a bola que foi para junto ao armário e atira-a para as pernas de F
6:02			
6:03	Houps!	A_a (gritinho)	
6:04	A_a_a!	É_é (gemido)	F empurra a nova bola para M e agita as pernas alternadamente (estica e encolhe)
6:07	Hé_hé. (riso)		M atira a bola para as mãos de F que logo a "defende" (1m) e fica debruçado sobre si mesmo com a outra bola sempre na mão
6:10			
6:13	Vá!		

(recorte da narrativa 8M)

09:12	Olha o livro		M pega no livro coloca-o no chão à frente de F e abre-o; F toca uma zona destacada do livro
09:13	Ó	Hum	F fecha energeticamente o livro atirando-o fora
09:15	Í_a!	Ai-ah!	F fecha energeticamente o livro atirando-o fora
09:17	O_lha!		M pega novamente no livro; F olha o volante
09:20		Ah u é!	F agarra energeticamente o livro (1m) e faz um gesto de o lançar fora, mas interrompe ao ver algo que lhe chama a atenção;
09:22	O leão!	He	F pausa o livro aberto nessa página; fecha-o
09:27	É?	Sim	F levanta o livro e tenta abri-lo no ar; pausa-o e abre-o
09:29	Sim.		
09:30	Ó. Um quadrado!...		M aponta o destacável do livro (um quadrado)
09:31	Ah	Ai!	F volta a pág. e levanta o livro para o lado, deviando-o do alcance da mãe
	Hum!		

(recorte da narrativa 3M)

2.4 Caso Ilustrativo: PROTOCOLO 1

DÍADE MÃE-FILHO

Narrativa 1M

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
6:30			F olha atentamente o br vaquinha que tem nas mãos; sacode a vaquinha (2m)	M atenta a F	Posição M: 90º com a F, sentada de joelhos
6:32	Diz à mamã: como é que a vaquinha faz, como é?	Muuu... V+	F olha para M	M voz modulada, meiga	Posição F: sentada
6:33	Muuu!	AA	F continua a sacudir a vaquinha (2m)	M e F sorriem; contato ocular (erguendo as sobrançelas); F olha na direção da câmara	Distância: ~60cm
6:36	O que é que a vaquinha faz?...	AA	F pausa a vaquinha (2m)	M voz tónica	Objetos: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:38	E agora?	AA	F larga a vaquinha	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:40	Abre, abre para veres por dentro	AA	M dá ligeiros toques na vaquinha para despoletar a abertura; F olha mão de M	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:42	Tira	AA	M pressiona suavemente a abertura do br; F pega na vaquinha e levanta-a ainda fechada (2m)	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:44	Tira.	AA	M pressiona a abertura (no ar)	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:45	Aqui.	AA	F pausa o br (2m); M desengata a abertura ao pressionar novamente	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:46	Isso.	AA	F abre a vaquinha (1m); outra mão aberta	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:49	A_ssim!... O_lha!	AA	F olha atentamente o novo br - macaco - F explora (2m) o encaixe da vaquinha	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:51	O que é? O que é esse?	AA	M ajeita o novo br - macaco -; F explora a vaquinha (2m)	M voz tónica	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:53	Diz à mamã. O que é esse?	Ete AA	F sem largar a vaquinha (1m) olha e toca o macaco com a outra mão	M voz meiga	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:56	Hã?	AA	F manipula a vaquinha	M voz meiga	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:57	Hã? V+	AA	M posiciona o macaco noutro ângulo;	M inclina-se para espreitar ou ver melhor novo br	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
6:58	É um ovinho, é parecido!?	AA	F avança o encaixe da vaquinha (2m)	M voz mais baixa	Manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
7:00	É!	AA	F tenta encaixar a vaquinha sem sucesso;	F voz satisfeita	Local: aspeto de gabinete clínico

7:02					
7:04					
7:06	Aaaah!		Haa...		
7:07			Ah!		
7:08			Haa...		
7:11			Haa.		
7:13					
7:14					
7:15	Tira esta para a mamã ver o que é que tem dentro.				
7:18	Tira.				
7:19	Vê				
7:20	Vê				
7:23	Tira para a mamã ver				
7:24	O que é este?				
7:25	O.....lha!				
7:26	Quem é?				
7:28	É o porquinho!				
7:29	É?				
7:30	Como é que o porquinho faz?				
7:31	Diz à mamã, como é?				
7:32					
7:33					

F levanta encaixe vaquinha e vê outro br
 F baixa o encaixe e olha alguém/algures
 F balança ritmicamente o encaixe sup. da vaquinha; balança o encaixe ao nível boca; por 2 vezes toca com ele na boca; baixa-o em direção aos encaixes. Leva o olhar ao cesto dos br e esboça uma tentativa de o colocar lá dentro (2m).
 M manipula e pressiona a abertura do br-macaco -; F observa; guarda o encaixe vaquinha nas mãos (2m).
 F tenta encaixar a vaquinha por cima das mãos de M; M faz despoletar a abertura do macaco. M com cuidado retira a vaquinha das mãos de F enquanto ele olha o macaco.
 M guarda o encaixe vaquinha no seu colo.
 F levanta o encaixe do macaco (2m) e fica parado de braços erguidos; olha o br
 M ajeita o novo encaixe no chão (porco)
 F com o encaixe macaco erguido (1m) agarra o porquinho com a outra mão.
 M pega no macaco ao mesmo tempo que F que não o larga; M larga o macaco
 F pouso o encaixe macaco e explora o porquinho (2m): olha, movimenta-o, passa-o para uma só mão

atenta
 F expira do esforço
 M sorridente e atenta
 F satisfeito (sorriso tímido); olha a câmara
 F expira do esforço
 M voz suave
 Toque F-M. Ind.
 M voz modulada e prolongada, tom agudo
 M voz suave, rosto sorridente
 F sorri

7:37	Como é que o porquinho faz?	Haa (sussurrado)	F sacode o porquinho (1m) que se abre e cai outro br - pintainho -	F pequeno sobressalto M risos miudinhos e agudos F atento
7:40	Hum?		M pega no pintainho	
7:42	Faz à mamã, faz.		M encaixa o pintainho	
7:43	Upss!	Haa...	M levanta o br e mostra-o a F que o olha atentamente ~15cm distância ocular	
7:48	Diz u_upss!		F levanta a mão para o br e M faz cocegas com o br na barriga de F;	M sorridente; voz meiga e entusiasta; Toque M-F ind
7:51	Olha o piu-piu		F segue o br com o olhar	F sorri; Toque M-F ind
7:54	Olha o piu-piu		M faz novamente cocegas com o br	
7:55	Piu-piu-piu-piu		F agarra o br encostado à sua barriga e M deixa-o às mãos de F	
7:56	Piu-piu-piu-piu		F observa atentamente o br, e a metade inferior cai	
7:58	Faz ... piu-piu-piu-piu		F levanta (1m) o encaixe porquinho e larga-o; guarda a metade superior do pintainho na outra mão	
7:59	Ah?		F olha atentamente para o chão; pega na metade de baixo do pintainho com a outra mão;	
8:00	Pronto, já não tem mais	P_u! V+	F avança a metade superior em direção à mãe; recua. Olha as metades, uma em cada mão; entrega a metade inferior a M.	
8:01	Piu-piuuu!		M avança -a para F com a face de encaixe voltada para cima; F olha atento o objeto;	
8:02	Faz.		F retira da mão de M o encaixe e pouso-o no chão com cuidado; manipula-o e tenta o encaixe sem conseguir	
8:04	Piu, piuuu!			
8:07	Põe aqui			
8:10	Põe a cabeça			
8:11				
8:12				

8:14	Põe.		F levanta novamente as duas peças, uma em cada mão e coloca, com cuidado, a metade inferior dentro do encaixe do porquinho (maior)	M sorri, voz suave	
8:17	Assim, direitinho		F manipula as peças; a metade pintainho é projetada para fora do tapete de jogo.	M e F olham br; M sorri	
8:21	A_ssim...		F olha para onde vai a peça.	M atenta, deixa-o avançar sozinho;	
8:25	Prontos.		F levanta-se e de gatas vai buscar o encaixe que saltou; leva na mão 1	F expira do esforço	
8:28	Atão!		encaixe. M desvia os encaixes da frente do cesto para o lado (arruma)		
8:29			F detém-se com a borracha de segurança da porta (fixa ao chão), larga o encaixe		
8:33			M de gatas vai buscar as 2 peças (a que saltou e a que F largou) arruma-as com as outras (encaixa-as).	M e F posicionados perpendicularmente relativamente um ao outro	
8:34				M voz doce e segura;	
8:38	Pronto.		F senta-se fora do tapete, observa M ainda a arrumar		M e F frente a frente
8:39					
8:40	Isso não sai daí. Anda cá.		F desvia o olhar para a borracha de segurança da porta	M roça a cara do F ao ir buscar as peças = Toque M-F	
8:42	Aquilo não sai dali!		M vai buscar outro br e mostra-o a F		Br: quadro com enfiamentos de peças
8:43	Há mais aqui...		F olha fixamente o br - enfiamentos		F em posição perpendicular a M
8:46	Ó				Distância: ~1m
8:48	Olha tantos... Anda cá Diogo		F gatinha para a borracha; deita-se	M voz entusiasta; sorri	
8:52	Ó.		M sacode o novo br que faz barulho		
8:53			F detém-se a mexer na borracha		
8:54	Olha o livro		M observa o br e experimenta-o (o que faz barulho); <u>pousa-o fazendo barulho</u>	M voz normal	
8:55			M pega noutro br - livro;		
			F volta-se e gatinha olhando para o livro.	F reage ao barulho, dirigindo o olhar para o br enfiamentos	Br: livro em material de plástico
			Fica de gatas.		Distância: ~60cm

END

<p>8:56 8:57 8:59 9:00 9:01 9:03</p>	<p>Tu gostas de livros Vem ver o ursinho, ó Olha o ursinho.</p>		<p>M "folheia" o livro mas olha de soslaio para F F para frente ao quadro de enfiamentos de peças e toca-o F dirige o olhar para o livro M bate com a unha no livro (barulho) e recolhe a mão em cima do joelho. F olha para o livro. F olha para o cesto. <u>reorienta-se e avança; apoia-se no cesto</u> F observa o cesto (conteúdo!); retira um br com uma mão, olha atentamente; balança-o. Observa. Ergue-o e mostra-o de frente para a "câmara". F pousa o br., senta-se ficando com o br numa mão e toca os peixes com os dedos da outra (br a 30 cm da cara). F sacode o br no ar (1m) F toca os peixes com os dedos. F passeia o olhar pelo chão no lugar onde estavam os encaixes F pousa o quadro dos peixes entre as pernas, mexe nos peixes. M de gatas mostra ao F o rodar dos peixes nos eixos; F atento</p>	<p>F de gatas M voz tónica M voz meiga M atenta, silenciosa F de gatas M voz melódica; sorri F sorri, olha a câmara M sorriso aberto M sorriso aberto M sublinha pela entoação e prolongamento da palavra o Pi dita por F M voz tónica <u>Toque de braços M-F+</u></p>	<p>Ursinho = reentrância do livro F frente para a câmara Br: Quadro de enfiamento de peixes F sentado na perpendicular de M Distância: ~60cm</p>
<p>9:05 9:10 9:14 9:17 9:18 9:20 9:21 9:23 9:26 9:28 9:29 9:30 9:31 9:32 9:33</p>	<p>Olha os peixinhos! Os peixinhos! É? Pei_xi_nhos! Faz assim, ó, olha Faz com o dedo, ó</p>		<p>Ah... F observa o cesto (conteúdo!); retira um br com uma mão, olha atentamente; balança-o. Observa. Ergue-o e mostra-o de frente para a "câmara". F pousa o br., senta-se ficando com o br numa mão e toca os peixes com os dedos da outra (br a 30 cm da cara). F sacode o br no ar (1m) F toca os peixes com os dedos. F passeia o olhar pelo chão no lugar onde estavam os encaixes F pousa o quadro dos peixes entre as pernas, mexe nos peixes. M de gatas mostra ao F o rodar dos peixes nos eixos; F atento M levanta o br e coloca-o mais junto de F; F segue o br com o olhar</p>	<p>M voz meiga M atenta, silenciosa F de gatas M voz melódica; sorri F sorri, olha a câmara M sorriso aberto M sorriso aberto M sublinha pela entoação e prolongamento da palavra o Pi dita por F M voz tónica <u>Toque de braços M-F+</u></p>	<p>Ursinho = reentrância do livro F frente para a câmara Br: Quadro de enfiamento de peixes F sentado na perpendicular de M Distância: ~60cm</p>

Síntese Analítica 1M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 4

Distância M-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filho sentados no chão, em ângulo reto, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, a mãe mantém uma atitude sorridente e atenta, a criança uma atitude calma e atenta.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		2	2
Encerramento	Desinteresse	0	1
	Mudança de atividade	2	1

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado (segundos)	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado (segundos)
Simple (ação-reação direta)	68	83	Simple (ação-reação direta)	3	6
Interrompidas (ação-reação desviada)	14	23	Interrompidas (ação-reação desviada)	1	1
Expansivas (ação-reação de reformulação)	1	2	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	13	21	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

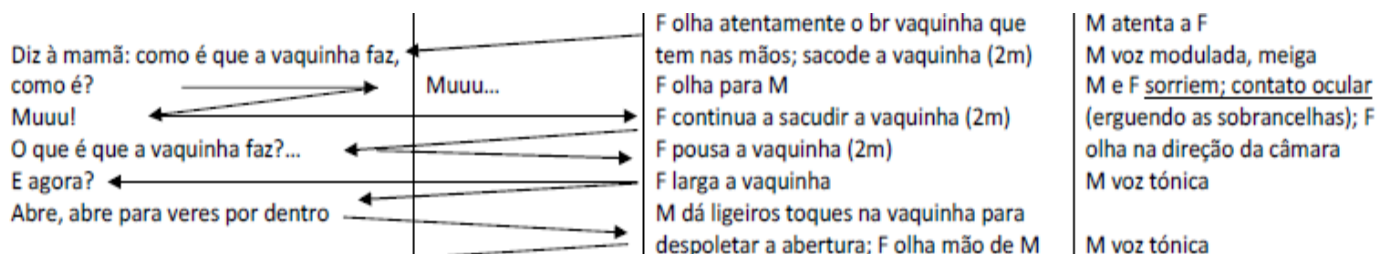
Afetos verbais - M a Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	45
Reforço negativo	5
Reforço neutro	2

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (segundos)	Ocorrências (segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	172	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	18	0
Toque positivo	2	1
Toque negativo	0	0
Toque indireto	2	2
Vocalização positiva	5	13
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	117	Expressivo ou comunicativo	24
Dentro do nível de desenvolvimento	63	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	87
		Exploração do mundo	69

Análise Qualitativa 1M

Atente-se na primeira fala transcrita:

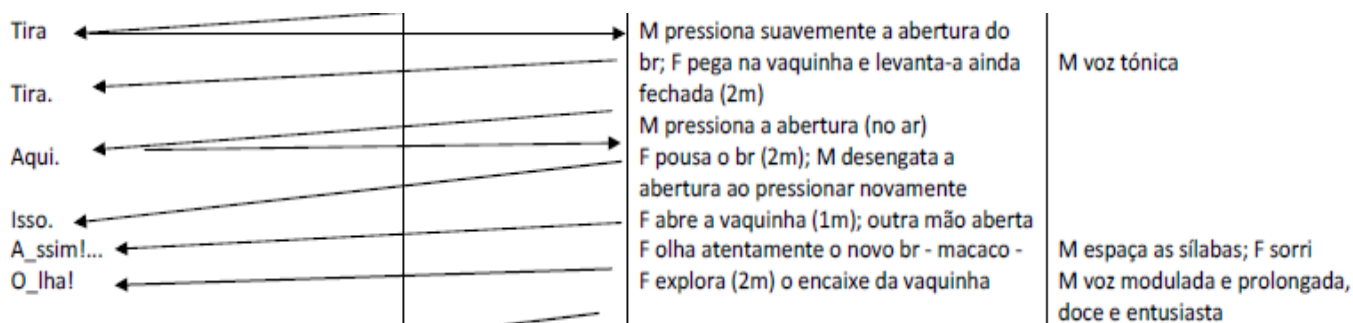


A mãe observa o filho que segura e olha atentamente o brinquedo (vaca), retoma, através da verbalização o objeto de atenção da criança, nomeia-o num contexto sintático alargado, e solicita-lhe um comportamento verbal que tem como centro o mesmo objeto. O filho

verbaliza e a mãe imita-o verbalmente, o que confirma à criança o seu correto desempenho. Associada à imitação está a tonalidade da voz (modulada e meiga) e a expressividade facial de satisfação da mãe, durante um contato ocular, que agem como um forte reforço positivo multimodal.

Ao solicitar a fala do filho e ao dar nome ao objeto da sua atenção, a mãe põe em primeiro plano a vaca. Esta saliência, dada ao objeto de atenção da criança, que se torna objeto de atenção conjunta, é confirmada pelo movimento sintático observado na ordem frásica. Sendo uma interrogativa, em português, a ordem frásica seria: marcador interrogativo, grupo verbal (GV), grupo nominal (GN) – *como é que faz a vaquinha?* – Ora, observa-se na frase interrogativa enunciada pela mãe uma inversão da ordem típica dos grupos constituintes: o GN antecede o GV, e tal inversão promove um efeito de destaque ao objeto referenciado no grupo nominal – *como é que a vaquinha faz?* – Os comportamentos da mãe constroem no contexto a relevância comunicativa, pondo em destaque o conteúdo a aprender.

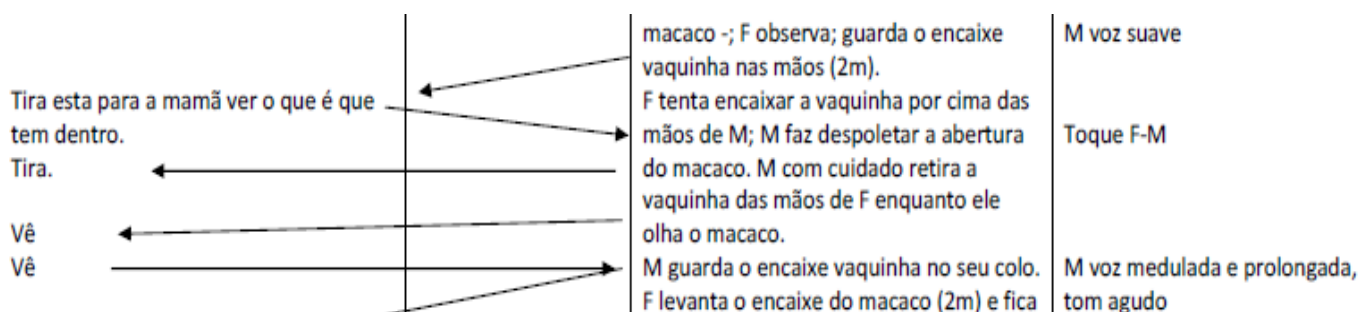
Neste trecho em análise, o filho abre o episódio de atenção conjunta, olhando e manipulando o brinquedo. A mãe constrói verbalmente o universo de referência em questão, nomeando e solicitando verbalização da criança. Por sua vez, o filho verbaliza demonstrando que compreendeu e que conhece a convenção social relativa à solicitação. A mãe repete, consolidando o valor da palavra usada pela criança, insiste no pedido de verbalização. Porém, quando o filho muda de foco (ao pousar e largar a vaca) a mãe marca linguisticamente esta transição. Assim, se no início a mãe segue a ação do filho nomeando o objeto da sua atenção e pedindo um comportamento verbal, quando ele põe termo esta situação de atenção conjunta a mãe verbalmente assinala o fecho e dá espaço para a abertura de uma nova situação. A forma lexical *agora* marca precisamente uma fronteira entre a situação em que a vaca é o centro da atenção, e a situação de abertura do brinquedo. *Agora* é descrito (Sousa 2000) como um marcador de fronteira que permite assinalar em simultâneo um encerramento e uma abertura, funcionando com um valor de transição. Com efeito, o segmento discursivo *e agora* abre um espaço para o outro interagir, funcionando como um convite para a ação por parte do filho. A mãe incita verbalmente a criança a agir.



A mãe acompanha os gestos do filho sem os interromper (note-se o pressionar a abertura do brinquedo ainda no ar), construindo assim a envolvente semiótica das suas ações. Para marcar a importância e até a força exigida aos gestos da criança para abrir o brinquedo, a mãe aumenta a tonicidade da sua voz. Ao repetir o verbo de ação demonstra ainda como fazer, e continua a solicitar a ação do filho. Os enunciados são reduzidos a uma palavra e prosodicamente elaborados. Os comentários são reforços (verbais e não verbais) que confirmam o comportamento adequado da criança e centram a sua atenção no objecto.

Nos segundos seguintes, repare-se na continuação da exploração dos brinquedos por parte da criança acompanhada de nomeações dos objectos (de atenção conjunta) e solicitações da mãe para ela verbalizar. Consideramos estas interações na zona de desenvolvimento proximal por se tratar de onomatopeias representando vozes de animais (vaca, porco, pintainho) passíveis de imitação e por se tratar de comportamentos motores ao alcance da criança.

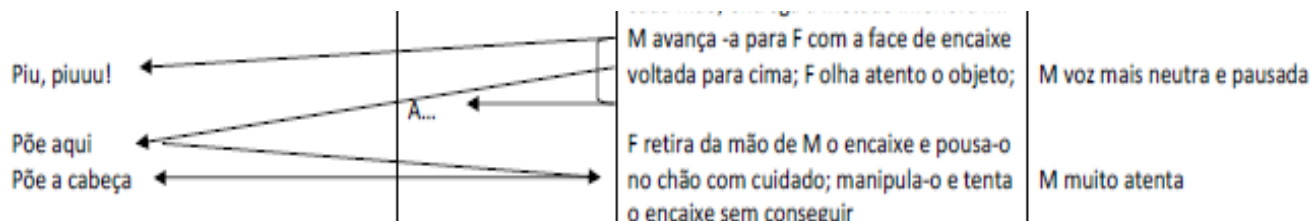
No episódio seguinte, vemos como a mãe incita o filho a agir, focando a sua atenção na exploração dos brinquedos e subsequente nomeação. Assim, retira quase imperceptivelmente o objeto anterior – a vaca – do espaço partilhado no raio de visão conjunta, para cristalizar a atenção do filho no objeto seguinte – o macaco –.



Ao longo da interação observa-se uma continuidade neste tipo de comportamento da mãe: grande atenção ao filho, cuidado na construção de significação a partir do agir dele, pedidos de ação ou de atenção – Tira, faz, olha, põe –, pedidos de verbalização.

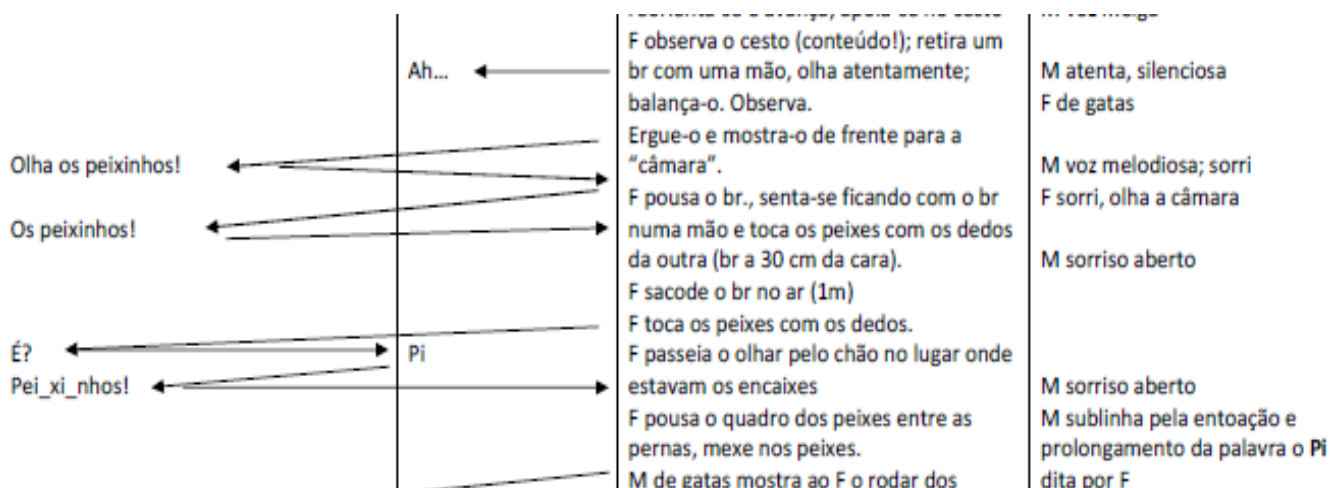
Os enunciados caracterizam-se por: a) terem uma estrutura simples, com poucas palavras por enunciado (muitas vezes uma ou duas palavras); b) apresentarem um elevado índice de repetição; c) utilizarem bastante a forma interrogativa e a imperativa, com uso da segunda pessoa do singular.

Atente-se na extensão verbal e expansão não verbal operadas pela mãe no seguinte episódio:



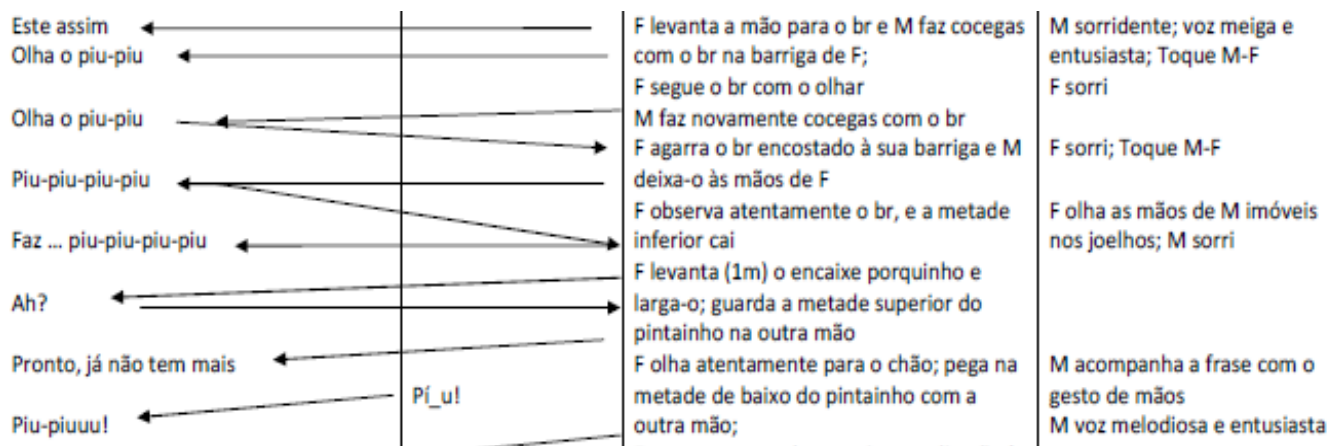
O gesto de facilitação da compreensão de que o encaixe que ele tem na mão se coloca sobre o dela (extensão), acompanhado de frases simples, imperativas que o impelem à ação correspondente. A sua voz pausada e de tonalidade mais neutra a sublinhar a necessidade de atenção do filho e a marcar a importância da ação dele.

Quanto à tendência a simplificar os enunciados de modo a isolar as formas a aprender. Veja-se, como exemplo:



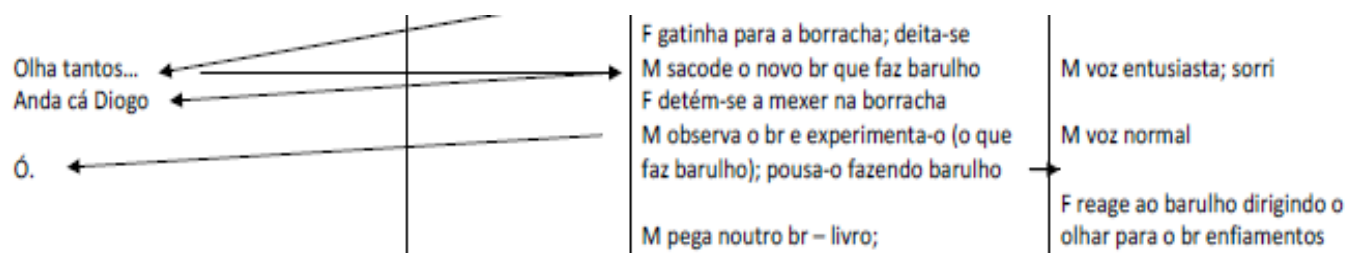
Quando mãe chama a atenção da criança dizendo *olha os peixinhos*, isola o GN e, quando a criança se centra nos peixinhos e imita de forma simplificada *pi*, a mãe reduz o enunciado à palavra chave *os peixinhos*. A criança repete a palavra *pi* e a mãe marca silabicamente a palavra? *Pei-xi-nhos!* Trata-se de uma simplificação progressiva para isolar o conteúdo a aprender.

O mesmo pode ser descrito em relação à sequência *piu-piu*. Repare-se ainda nesta sequência o tempo que a criança demora até responder à solicitação de verbalização que a mãe lhe faz. A demora coincide com a intensidade que a criança coloca na descoberta do brinquedo, que ao diminuir lhe possibilita a verbalização: *Pi-u!*



Na verdade, observa-se no vídeo que a informação suprasegmental tem um papel importante: a) as frases acabam deixando um espaço em suspenso para que a criança verbalize; b) as palavras são isoladas por pausas; c) há pausas preenchidas.

Um episódio em que a mãe apresenta um estímulo concorrente ao foco de interesse da criança:



A mãe tenta com uma voz entusiasta despertar a atenção do filho para outro objecto, tanto por meio de uma frase aberta como pelo enunciado do próprio nome da criança. Espera que ele reaja, persiste em arranjar um foco de interesse concorrente associado a uma palavra de alto valor semiótico já nesta idade: *Ó*.

DÍADE PAI-FILHO

Narrativa 1P

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
9:33		Pi	F agarra a parte de cima do pintainho	P e F contato ocular	Posição P: frente a frente com F; P de joelhos
9:34	O que é isso?	(solução?)	F levanta o pintainho (2m)	P com tom de voz suave	
9:36	O que é, diz ao pai o que é.	AA	F estende o pintainho para P (1m); boca aberta	P olha para F e F para o br	
9:38	É o pi-pi? Queres dar ao pai?	Pi, pi	F estende mais a mão para P, que aceita a peça e a mantém estendida para F	F sorri; F-P contato ocular; P voz meiga;	Posição F: sentada Distância: ~80cm
9:40	É o pi-pi?	AA	F acena com a cabeça que sim		Objetos espalhados no chão: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca - x - porco - pintainho; um quadro com enfiamentos de peças; um livro em material plastificado e de fácil "folhear"; um quadro com enfiamentos de peixes. Todos os br são adequados à idade de F.
9:42	Tu gostas deste pi-pi!	AA	F acena novamente com a cabeça que sim	P acena a cabeça em imitação	
9:45	Gostas?	AA	F olha fixamente o cesto	P olha F	
9:46		AA	F inclina-se para o cesto e retira o quadro dos enfiamentos de peixes (1m) apóia-se no chão (outra mão). P pouso o pintainho. F ergue muito alto o br em direção a P e desequilibra-se; P segura-o com uma mão e aceita o br com a outra		
9:47	É os peixinhos?	AA		P e F contato ocular	
9:48	Hu_pa!	AA		P - F toque	
9:50		AA	F retoma o equilíbrio e senta-se; mantem o br na mão	P olha atento para F F olha o br	
9:51	Ai_que lin_dos!	AA	P desvia uma peça que tem à frente		
9:52		AA	F agarra de novo no quadro de enfiamentos e levanta-o para P mas hesita; P avança o braço para aceitar o br; P recua face à hesitação de F depois tira-lho da mão	F olha atento o br	
9:53	Ai que lin_dos!	AA	F sentado observa o br		
9:56	Ó pega. Faz assim	AA	P roda as peças nos enfiamentos, o br de frente para F a ~50cm. P aproxima o braço de F	F olha atento	
9:58	Faz para o pai ver, faz.	AA	F estende o braço e faz rodar uma peça, uma vez, com o indicador. (1m)		
10:00	E-lá! Pega, pega	AA	F olha o cesto; P apresenta o br a F, aproximando-o mais dele	F acena com a cabeça em gesto de bom sucesso	Frente a F está um cesto com mais br

DND

10:03	Não queres?						
10:04	Pega, põe aqui	↔	↔	↔	↔	↔	
10:05	Tá bom	↔	↔	↔	↔	↔	
10:10	E a vaquinha, ó	↔	↔	↔	↔	↔	
10:10	Vamos arrumar	↔	↔	↔	↔	↔	
10:12	Ó. Mete aqui	↔	↔	↔	↔	↔	
10:13	Põe aqui, põe	↔	↔	↔	↔	↔	
10:14							
10:15							
10:16	Não se mete na boca, põe aqui	↔	↔	↔	↔	↔	
10:17	Assim, aqui, ó	↔	↔	↔	↔	↔	
10:19	Ó, assim	↔	↔	↔	↔	↔	
10:20	Ó						
10:23	Olha o pi-pi, ó,	↔	↔	↔	↔	↔	
10:25	Ó, pega	↔	↔	↔	↔	↔	
10:25	Pega, pega	↔	↔	↔	↔	↔	
10:25	Põe aqui	↔	↔	↔	↔	↔	
10:27							
10:30	Assim, ó	↔	↔	↔	↔	↔	
10:30	Põe o pi-pi ali, põe	↔	↔	↔	↔	↔	
10:32	Põe este, põe	↔	↔	↔	↔	↔	
10:33	Põe o macaquinho ali	↔	↔	↔	↔	↔	
10:33	Põe, vá lá, para o pai ver	↔	↔	↔	↔	↔	
10:36	Põe aqui, aqui	↔	↔	↔	↔	↔	

ZAP

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_1P

10:37 10:38	Não é o pi-pi, é o macaquinho	Pi-pi	a "cara" do macaquinho, apoiando-se na outra mão	P-F contato ocular; P sorri, corrige ternamente movimentando a cabeça	JEM
10:41	Hup		F tenta pousar a peça perto de P, desequilibra-se;	P atento	
10:43	Senta aqui, senta ao pé do pai		F apoiado nas mãos/braços levanta-se com a metade do macaco numa mão	P de gatas inclinado para F;	
10:45	Senta Senta		P desvia o quadro no tapete e, bate com a mão no chão para indicar o lugar, acena com a cabeça ("sim")	F de pé; P-F contato ocular; P sorri	
10:49	Põe aqui, ó	Pi (gritado)	F braços no ar mostra a "cara" do macaco estendendo-a para a cara do pai,	P sorri; P- F contato ocular (sensivelmente ao mesmo nível)	Alguém ri na sala
10:51	Põe para o pai ver aqui		P levanta as duas mãos para a peça; aceita a peça mas F não a larga	P sorri abertamente para F que olha para P de cabeça inclinada para trás (tipo "nariz empinado")	JEM
10:52	Aqui ó	Pi (baixinho)	F olha no sentido da câmara	Toque F-P ind.	
10:55	Assim, ó		P inclina-se e toca com o dedo indicador na outra metade da peça no chão; F toca com a peça na cara de P; P aceita a peça (macaco); F senta-se fora do tapete;	P - F contato ocular	
10:57	Ai que lindo!		P encaixa as duas metades do macaco; P dá com o indicador da vaquinha a F que aceita; P agarra a peça (2m) esticando-se muito para a conseguir alcançar; endireita-se;		
10:58	Agora a vaquinha, ó		F olha a outra peça no chão; volta-se para a direita (desvia-se do tapete);	P de gatas inclinado para F	
11:01	Quem é, quem é?	Pá	F bate com a peça no chão;	F sentado	
11:03	Quem é, quem é?		F encontra a borracha de segurança da porta; larga a peça e senta-se melhor, de costas para o pai, e mexe na borracha; P avança de gatas para F, agarra a peça e regressa com ela para o tapete; F continua a mexer na borracha;		JEM
11:05	Põe a vaquinha aqui ó				
11:06	Diogo				
11:07					
11:09					4º
11:10	Psst			P olha atentamente F	
11:11	Anda cá, ó			F sentado, inclinado;	
11:12				P de gatas	

11:13						
11:14	Aqui, ó R-	↔	↔	↔		
11:16	Ó, olha a vaquinha, ó	↔	↔	↔		
11:15	Assim... R+	↔	↔	↔		
11:20		↔	↔	↔		
11:21		↔	↔	↔		
11:23		↔	↔	↔		
11:29	Olha a vaquinha, ó R+	↔	↔	↔		
11:30	Mostra ao pai R+	↔	↔	↔		
11:31	Hum? V+	↔	↔	↔		
11:31	Tu gostas dessa vaquinha?	↔	↔	↔		
11:33	Psst R-	↔	↔	↔		
11:35		↔	↔	↔		
11:36		↔	↔	↔		
11:37	Olha mais brinquedos, ó	↔	↔	↔		
11:38		↔	↔	↔		
11:39	Ó. Queres este? Ó.	↔	↔	↔		
11:40		↔	↔	↔		
11:41		↔	↔	↔		
11:48	V+ R+	↔	↔	↔		
11:48	L a	↔	↔	↔		
11:51	Põe para dentro põe, põe para baixo R+	↔	↔	↔		
11:53	Aqui assim, ó R+	↔	↔	↔		
11:55	Hum... V+	↔	↔	↔		
		↔	↔	↔		

DN

DN

11:56	li_hl	vt	Eil vt	contempla o br; F com o indicador pressiona mais teclas, sem êxito; aproxima o br e	para F
11:58	Força	R+	vt	pressiona com a mão várias teclas, sem sucesso	
12:00	Força	R+	vt	F endireita-se e recua o braço, avança de novo a mão e pressiona com o indicador obtendo sucesso; F endireita-se e contempla	P voz assertiva
12:01	Força	R+	vt	P aproxima mais o br de F e toca a tecla com o indicador; F apoia o indicador em peças já recolhidas e depois nas que estão levantadas obtendo êxito; endireita-se e respira fundo	P voz terna P olha atento;
12:05	Ah, já está!	R+	vt	F pressiona de novo com o indicador e, demoradamente, uma peça recolhida	P silencioso esboça no rosto contentamento e fixa o olhar em F
12:13	Carrega aqui	R+	vt	F agarra o br (2m) e solta-se uma peça; levanta o br e aproxima-o ~30 cm da cara; puxa a peça (1m) enquanto a outra segura o objeto;	P passeia o olhar pelo chão P olha atento
12:20	Ai que lindo!	R+	vt	F pousa o br no chão e pressiona a tecla com a mão, depois com o indicador, obtendo êxito	
12:24	Elojo	R+	vt		
12:25		R+	vt		
12:26		R+	vt		
12:28		R+	vt		
12:30	Dá para o pai, dá?	R+	vt		
12:36		R+	vt		
12:37		R+	vt	<u>P estende a mão voltada para cima</u>	F olha a mão de P

2DP

JEM I

Síntese Analítica 1P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 6

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai e filho sentados no chão, frente a frente, a cerca de 80 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, pai e filho estão atentos e interessados na atividade.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		2	4
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	3	3

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado (segundos)	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado (segundos)
Simple (ação-reação direta)	54	70	Simple (ação-reação direta)	5	7
Interrompidas (ação-reação desviada)	17	22	Interrompidas (ação-reação desviada)	4	7
Expansivas (ação-reação de reformulação)	7	14	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	16	44	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais - P a Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	2
Reforço positivo	36
Reforço negativo	10
Reforço neutro	4

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (segundos)	Ocorrências (segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	150	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	30	0
Toque positivo	2	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	2	1
Vocalização positiva	5	9
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	63	Expressivo ou comunicativo	25
Dentro do nível de desenvolvimento	117	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	26
		Exploração do mundo	129

Análise Qualitativa 1P

Na presente narrativa, a primeira cena de atenção conjunta é iniciada pelo filho que agarra o brinquedo e vocaliza – *Pi*. O pai responde pedindo que nomeie o brinquedo.

9:33		Pi	F agarra a parte de cima do pintainho
9:34	O que é isso?	(solução?)	F levanta o pintainho (2m)
9:36	O que é, diz ao pai o que é.		F estende o pintainho para P (1m); boca aberta
9:38	É o pi-pi? Queres dar ao pai?	Pi, pi	F estende mais a mão para P, que aceita a peça
9:40	É o pi-pi?		e a mantém estendida para F
			F acena com a cabeça que sim
9:42	Tu gostas deste pi-pi!		F acena novamente com a cabeça que sim
9:45	Gostas?		F olha fixamente o cesto

A criança reage – e – pai retoma, pedindo confirmação – *É o pi-pi?* – e numa sequência extensiva integra a palavra num contexto sintático mais alargado – *tu gostas deste pi-pi!* A criança reage acenando novamente a cabeça mostra que há compreensão.

A criança coloca no seu centro de interesse um outro objecto.

9:46			
9:47	É os peixinhos?	←	F inclina-se para o cesto e retira o quadro dos enfiamentos de peixes (1m) apoia-se no chão (outra mão). P pousa o pintainho. F ergue muito
9:48	Hu_pa!	←	alto o br em direção a P e desequilibra-se; P segura-o com uma mão e aceita o br com a outra
9:50			F retoma o equilíbrio e senta-se; mantém o br na mão
9:51	Ai_que lin_dos!	←	P desvia uma peça que tem à frente
9:52			F agarra de novo no quadro de enfiamentos e levanta-o para P mas hesita; P avança o braço para aceitar o br; P recua face à hesitação de F depois tira-lho da mão
9:53	Ai que lin_dos!	←	

O pai nomeia o objecto expandindo a verbalização – *É os peixinhos?* Porque a criança desequilibra-se o pai comenta a situação – *Hu-pa* – ajudando-a com um gesto que a mantém em pé. Aqui, o gesto confere o significado da própria palavra *Hu-pa!* Neste sentido, vejamos ainda outro exemplo de como o pai transmite à criança o valor semiótico da palavra *Força*.

11:56	li_h!	←	Ei!	contempla o br; F com o indicador pressiona mais teclas, sem êxito; aproxima o br e pressiona com a mão várias teclas, sem sucesso	para F
11:58	Força	←		F endireita-se e recua o braço, avança de novo a mão e pressiona com o indicador obtendo sucesso; F endireita-se e contempla	
12:00	Força	←	Hah... (suspiro)	P aproxima mais o br de F e toca a tecla com o	P voz assertiva
12:11	Força	←			
12:05					
12:13	Ah, já está!	←			

Como se pode observar, a palavra é aplicada ao gesto da criança e visa orientar a ação para obter sucesso. O pai destaca a palavra, isolando-a como núcleo do enunciado – *Força* – repetindo o enunciado três vezes. Do ponto de vista prosódico, dá mais intensidade à sua voz, repete várias vezes a palavra chave, e utiliza um tom assertivo.

Vejamos agora uma demonstração do como funciona um brinquedo:

9:56	Ó pega. Faz assim		F sentado observa o br
	Faz para o pai ver, faz.		P roda as peças nos enfiamentos, o br de frente para F a ~50cm. P aproxima o br ao alcance do braço de F
9:58	E-lá!		F estende o braço e faz rodar uma peça, uma vez, com o indicador (1m)

À incitação verbal do pai para que a criança o imite – *Ó pega. Faz assim.* – o pai mostra como se faz servindo de modelo. O filho imita-o, o pai comenta a ação do filho – *E-lá!* Como vemos, a interação gira à volta de objetos e de ações sobre os objetos, o pai mostra como se faz, incentiva a fazer, guia os gestos da criança e avalia positivamente o resultado – *Ah, já está, e E-Lá.*

Neste episódio, como nos que se seguem, predominam os pedidos de ação. Observem-se os verbos usados – *Faz, Pega, mete, põe, olha, dá, carrega* –. Há também ações para a criança imitar, gestos sublinhados por verbalizações – *Assim, ó. Ó. Aqui, assim, ó.* Veja-se por exemplo:

10:19	Assim, aqui, ó		P agarra e encaixa-o. P agarra na metade superior do pintainho e toca com ela a mão livre de F;
	Ó, assim		P põe a peça à frente de F
10:20	Ó		P aponta com o indicador para a peça
10:23	Olha o pi-pi, ó,		F apanha a parte inferior do pintainho e põe no chão frente a P; P guarda na mão, ao alcance de F a parte superior do pintainho
10:25	Ó, pega		P aponta tocando o encaixe inferior;
	Pega, pega		F agarra na metade superior e tenta o encaixe; P pega na metade superior do macaco e apresenta-o a F que a aceita (1m)
	Põe aqui		
10:27	Assim, ó		
10:30	Põe o pi-pi ali, põe		
10:32	Põe este, põe		

Cotejando com a interação da mãe, ressalta esta dimensão *da ação* por parte do pai. A saliência das ações é vincada pela organização sintática dos enunciados: frases simples, reduzidas, repetidas várias vezes ao núcleo da predicação – *pega, pega; senta, senta* –, com marcadores dêicticos – *põe aqui, põe este* –, centrando, pela ostensão, a atenção da criança. Esta dimensão do agir apresenta, no recorte acima, uma verbalização de sequência da ação – *Olha o pipi, ó. Ó pega. Pega, pega. Põe aqui. Assim ó. Põe o pipi ali põe.*

Segue-se que a criança dá um nome desadequado.

10:33	Põe o macaquinho ali		F agarra (2m) a metade do macaquinho; observa a peça a ~30cm dos olhos
	Põe, vá lá, para o pai ver	Á, á...	P aponta o encaixe inferior tocando-o
10:36	Põe aqui, aqui		F estende a peça para o rosto do pai mostrando a "cara" do macaquinho, apoiando-se na outra mão
10:37		Pi-pi	
10:38	Não é o pi-pi, é o macaquinho		F tenta pousar a peça perto de P, desequilibra-

Quando a criança usa *pi-pi* para o macaquinho o pai retoma o que ela diz, corrige e faz uma extensão – *Não é o pi-pi, é o macaquinho* – visando deste modo compreensão da convenção.

Atente-se de seguida neste episódio de atenção conjunta.

11:23			F de gatas aproxima-se da vaquinha e agarra-a;
11:29	Olha a vaquinha, ó	←	P ajuda F a manter a peça imóvel;
11:30	Mostra ao pai	→	F senta-se e manipula a vaquinha (20 cm da cara) fazendo-a rodar entre as mãos
	Hum?	←	F encosta o br à cabeça (testa) e olha para o
11:31	Tu gostas dessa vaquinha?	←	

O pai nomeia verbalmente a presença da vaquinha no campo de visão da criança. A criança compreende qual é o brinquedo foco de atenção conjunta. Porque ela manipula atentamente a vaquinha, perto do rosto, o pai deteta todo o interesse da criança pelo objecto. Assim, através de uma verbalização curta mas de grande valor semiótico para esta idade, incita a criança a dar continuidade ao comportamento e eventualmente a verbalizar – *Hum?* E porque tal não acontece, ele recorre a uma frase que já faz parte da linguagem, *semiologia* adquirida pela criança – *Tu gostas dessa vaquinha?* Assimilação e acomodação recíprocas, funcionamento diádico em que o contributo do pai já surge em função da interação anterior, e se inscreve numa continuidade e mudança (aqui, em poucos segundos de interação!)

Nesta díade, existe muito cuidado por parte do pai na procura e na construção de cenas de atenção conjunta. Veja-se por exemplo:

11:36			P endireita o br e vai buscar ao cesto o br das teclas ; F sentado agarra na metade inferior do
11:37	Olha mais brinquedos, ó	←	pintainho, roda-a entre as mãos
11:38		→	F olha o cesto; P retira um br teclas a levantar
11:39	Ó. Queres este? Ó.	←	por pressão e coloca-o à frente de F;
11:40		→	F olha o br;
11:41		←	P pressiona 3 vezes as teclas; F larga o pintainho
		→	inclina-se para o br, pressiona as teclas
11:48	I_a	←	

O pai chama a atenção, pergunta, exhibe o funcionamento interessante do novo brinquedo. Então, a criança já pode largar o brinquedo anterior para se deter nesse que agora vai constituir o foco de atenção de ambos. Para Tomasello (2010) aprende-se por imitação, por

instrução e por colaboração. Podemos ver no vídeo como a imitação e a colaboração são presentes e como a interação se enquadra em situações de aprendizagem

Depois da análise qualitativa das sínteses narrativas 1M e 1P, julgamos interessante conjugá-los com os dados das sínteses quantitativas.

A mãe faz 16 pedidos de verbalização e o pai 7. A mãe verbaliza mais em sequências simples (83 segundos) e expansivas (23 segundos), quando por exemplo nomeia objectos pelos respectivos nomes, enquanto o pai utiliza o hiperónimo brinquedos. Ao nomear os brinquedos pelo respectivo nome, a mãe mostra um maior empenho no desenvolvimento da linguagem da criança no referente às capacidades de nomeação e assim aí também de aquisição da convenção da língua.

No entanto, o pai tem um elevado valor de sequências extensivas (44 segundos), o dobro do tempo da mãe, orientando-nos para a hipótese dos pais investirem mais na interação ao nível do agir e da funcionalidade no brincar.

As características verbais da mãe parecem poder estar associadas a um maior tempo de interação na ZDP do que o pai (117 segundos para a mãe e 63 segundos para o pai).

Importância da prosódia nos enunciados da mãe e do pai é de ressaltar. A informação suprasegmental (prosódia, acento, prolongamento se sílabas/palavras) são elementos importantes nos enunciados dos progenitores. Estes elementos convergem na construção de significação, pondo em evidência a intenção comunicativa. Segundo Tomasello (2009) a compreensão da intencionalidade é fundamental na aprendizagem da linguagem: “when an adult speaks to him or her, then, what the child is attempting to do most urgently is to comprehend the overall communicative intention behind the utterance, what does the adult intend for me to attend and to do in the joint attentional situation?” (*op. cit.* 73)

2.5 Discussão dos resultados

O nosso trabalho teve como objetivo comparar e descrever os comportamentos interativos das mães e dos pais com os seus filhos de 15 meses, em situação de jogo livre. As mães tendem a apresentar maior sensibilidade do que os pais nas interações com os seus filhos (Faria, 2011, p.140). Contudo, os investigadores discutem se será adequado usar os instrumentos de avaliação da relação mãe-filho(a) para avaliar relação pai-filho(a). Parecem existir particularidades na interação pai-filho(a) que a investigação atual ainda não deslindou, e que escapam a esta análise (Faria, 2011, p.143). Quais os *aspetos característicos* que distinguem estes dois tipos de interação? Poderá o construto da sensibilidade materna ser transferido para o comportamento paterno? Neste trabalho procuramos observar a mesma criança em jogo, primeiro com um dos pais e depois com o outro, por breves períodos e descrever os comportamentos interativos.

Como vimos na revisão de literatura, as relações precoces pais-filho(a)s, são os alicerces do desenvolvimento da criança. Com efeito, a qualidade das interações que as constituem influenciam o desenvolvimento cognitivo e socio-emocional da criança. A qualidade destas interações depende de fatores intrínsecos à própria criança e de fatores extrínsecos que são a família e os contextos envolventes. Sameroff e Fiese (2000) consideram “o desenvolvimento da criança como o produto das interações contínuas e dinâmicas da criança e da experiência providenciada pela sua família e contexto social (p. 142). Pais e filhos interagindo ao longo do tempo influenciam-se e são influenciados um pelo outro, sendo a qualidade desta interação diádica fruto de um processo de mútua influência e adaptação. Também, vários autores, dentre eles Cassidy (1999), lêem as respostas das crianças (modelos comportamentais) como refletindo as expectativas que elas têm acerca das respostas dos pais, isto é, fruto da história interativa passada.

Relativamente aos dados do nosso estudo, destacamos em seguida alguns pontos.

1 - As mães recorrem mais à linguagem verbal na interação com os seus filhos, ou seja, falam mais vezes e durante mais tempo do que os pais. Estes dados corroboram a investigação (ver revisão em Faria, 2011). Por outro lado, as mães usam com maior frequência sequências verbais de natureza expansiva, que se caracterizam pela aceitação das

ações ou verbalizações da criança, concomitantemente com correções ou aperfeiçoamentos às mesmas. Alguns exemplos do presente trabalho: *a)* a criança diz *Pi* e a mãe responde *Pei_xi_nhos*; *b)* a criança com um telemóvel na mão diz *Uá!* e a mãe responde *Olá, é olá? É?*; *c)* a criança pressiona uma tecla produzindo som e fica com o dedo sobre a tecla, ao que a mãe responde *Outro* e agarrando o braço da criança orienta-lhe o dedo para a tecla do lado; a criança olha para os dois brinquedos que a mãe lhe apresenta dizendo *Qual é que tu queres?* A criança agarra os dois e a mãe responde *Os dois!*; *d)* a criança dança ao som de uma música ao que a mãe responde cantando *Na_na_na...* movimentando em dança o seu próprio corpo.

Estas interações de natureza expansiva funcionam como facilitadoras das verbalizações das crianças, pela dimensão de reforço que comportam (aceitação) e como boas alavancas no desenvolvimento pela dimensão de modelagem pelas mães. A mãe, ao aceitar o que a criança verbaliza ou faz, fá-la sentir-se compreendida na sua intencionalidade comunicativa e/ou lúdica, o que propicia a continuidade da interação dentro de uma cena de atenção conjunta. Ao mesmo tempo, ao acrescentar correções, a nível da fala e/ou a nível dos gestos da criança, quando estas se situam ao nível da zona de desenvolvimento proximal, potencializa o desenvolvimento. Neste tipo de interações, as mães utilizam especificidades comportamentais (Snow; 1972/1977) que permitem à criança uma maior aproximação fonética à língua e um maior enriquecimento semiológico.

2 - As sequências verbais de natureza interrompida situam as interações dos pais acima das mães. Estas sequências são caracterizadas por uma falta de continuidade interativa (e.g. interrupções, chamadas de atenção). Estudos anteriores indicam que os pais têm uma linguagem verbal, mais assertiva, instrutiva e intrusiva (Faria, 2011, p. 90).

Atente-se alguns exemplos deste trabalho, correspondentes a sequências interativas interrompidas pai-filho(a): *a)* a criança inclina-se para um brinquedo e pressiona uma tecla (sem conseguir som) ao que o pai responde afastando o referido brinquedo (que a criança segue com o olhar) e ao dispor um outro à sua frente chama-a pelo seu nome Leonor; *b)* o pai solicita durante 13 segundos o brinquedo vaca, com diversas verbalizações: *Onde está a vaca? Não a vaca, dá a vaca ao pai. Isso não, esse é o porquinho, dá a vaca ao pai.* A criança agarra diferentes objetos e explora-os antes de os largar; *c)* a criança arranha a carpete ao que o pai responde chamando a sua atenção *Psit olha a bola* e bate com uma bola suavemente na testa da criança. A criança continua a arranhar a carpete ao que o pai responde apoiando a sua mão em cima da dela perguntando *Ah?* A criança continua a

arranhar a carpete e depois agarra um brinquedo; *d*) a criança levanta alto uma peça, oferece-a ao pai que a aceita dizendo *Arruma!* e dá “bruscamente” a peça à criança que de imediato a coloca na caixa; *e*) a criança pressiona um brinquedo de teclas ao que o pai responde *Olha aquele, olha aquele jogo*. A criança persiste no brinquedo de teclas ao que o pai responde *Olha o jogo. Olha o outro jogo*. A criança apoia o brinquedo vaca (como para este também dar som); *f*) depois da criança pressionar várias teclas conseguindo produzir sons, o pai reforça-a num tom de voz entusiasmante, sorrindo em contato ocular, dizendo *Já viste! Já viste! Tão giro!* Ainda a criança toca esse brinquedo já ele retira outro do cesto que coloca à sua frente (ao lado do outro).

Podemos ver nestas interações uma assertividade não associada ao controlo da atividade das crianças, porque vemos as crianças agir em negociação, sem birras. As crianças não parecem sentir-se pressionadas ou coagidas. Também estes dados são importantes em termos desenvolvimentais dado que a negociação faz parte das competências requeridas para a socialização e, é uma componente do sistema de autoregulação emocional das crianças.

As sequências interrompidas também coincidem com a possibilidade que os pais vão dando à *aprendizagem por ensaio e erro*, permitindo o erro até que surja a ação certa, em vez de outro tipo de aprendizagem (e.g. modelagem ou imitação)

3 - Os pais usam mais a linguagem não verbal do que as mães, mais vezes e mais tempo.

Poderá isto espelhar uma característica da sensibilidade dos pais? Na intenção de reciprocidade interativa com os filhos, a redução da atividade verbal poderá facilitar a deteção dos sinais de interesse da criança, e pela mesma via facilitar segui-la nos seus interesses. Não temos conhecimento de estudos comparativos pais-mães que nos orientem quanto a esta intuição, e talvez possamos estar perante uma especificidade da sensibilidade paterna.

Apresentamos alguns exemplos passíveis de corroborar a nossa intuição: *a*) o pai mostra um livro à criança que o olha mas retoma o brinquedo anterior. O pai volta uma página do livro e a criança apanha uma peça de encaixe solta do mesmo livro. O pai agarra noutra peça solta do livro e encaixa-a. A criança agarra noutra brinquedo e olha em direção a uma caixa de legos. O pai levanta a tampa da caixa dos legos e a criança agarra-a e pousa-a. O pai apresenta à criança outro brinquedo e pousa-o um pouco distante. A criança esticando-se alcança esse brinquedo e os dois focam a atenção num interesse comum. *b*) o pai pede à criança *Vai buscar o carrinho*. A criança para a meio do percurso, olha para o pai e baixa o

olhar. O pai vai buscar o carro e leva-o até à criança que não o agarra. A criança esboça um gesto em direção ao carro e o pai movimenta o carro à frente da criança. A criança esticando-se retira a bola que está em cima do carro e que rodopia quando o carro se movimenta. O pai dá um reforço verbal e inicia-se uma cena de brincadeira conjunta; c) o pai propõe um brinquedo *E este?* ao que a criança responde retirando outro brinquedo do cesto. Com dois brinquedos, um em cada mão, a criança hesita sobre qual escolher, acabando por largar um deles e observar de perto o outro. O pai reforça *Olha!* e a criança dá continuidade ao seu comportamento explorando melhor o objeto enquanto o pai continua valorizando *Olha. Olha;* d) o pai diz *Ai lin_do!* e orienta o brinquedo para a criança o ver de frente. A criança pega no brinquedo e o pai pergunta *O que queres fazer?* A criança roda uma aplicação do brinquedo. O pai encaixa dois brinquedos similares ao que a criança tem nas mãos e estendendo-os para ela diz: *Encaixa aqui, olha.* A criança desencaixa os brinquedos que o pai lhe deu, explora-os para ver as aplicações que estes têm numa das superfícies. A criança tenta encaixar os brinquedos mas não consegue e retoma a exploração das aplicações. O pai incita verbalmente *Vê se consegues encaixar. Faz.* A criança sacode várias vezes os brinquedos produzindo barulho. O pai coloca um encaixe maior com a abertura voltada para o encaixe mais pequeno que a criança tem na mão, de maneira a facilitar a entrada do brinquedo da criança no seu. A criança tenta o encaixe mas não consegue. A criança pega nos dois encaixes e olha para dentro dos mesmos. O pai levanta outro brinquedo e pousa-o. A criança bate com os encaixes um no outro e tenta novamente o encaixe ao que o pai pergunta *É?* e sorri abertamente. A criança roça os encaixes um no outro e sorri. A criança continua a manipular os encaixes.

Poderão estes dados significar que os pais têm mais facilidade em dar continuidade às interações com os filhos sem o suporte verbal, possibilitando um maior tempo de espera “silenciosa” pelas ações das crianças. Será que a sensibilidade paterna é mais caracterizada por competências interativas não verbais?

4 - A comunicação não verbal das mães reveste-se de maior expressividade, referimo-nos à modulação vocal, expressões faciais, postura física junto dos filhos (e.g. inclinam-se sobre eles, mudam de posição para ficarem de frente para eles). Freitas-Magalhães (2009) nos seus estudos sobre expressões faciais humanas refere que “as mulheres comunicam melhor as emoções e, talvez por isso, sorriem mais do que os homens” (p. 109) e ainda, que o sorriso das mulheres prende-se com o ato comunicativo “de exteriorização de sentimentos

de aproximação e de intimidade, os quais sustentam o afeto e a ternura” (p. 112). No presente estudo, o facto das mães modularem pronunciadamente a voz de modo dar ênfase às suas verbalizações ou vocalizações, o facto de estarem quase todo o tempo sorridentes e procurarem o face a face com os filhos, parece-nos simplesmente confluir na linha destes estudos.

5 - Dos resultados encontrados para os afetos verbais, salientam-se os reforços positivos. Pais e mães passam um quarto do tempo de brincadeira a reforçar positivamente os seus filhos. Na verdade, os reforços positivos aumentam a probabilidade da criança repetir o comportamento desejável, solicitado pelos pais ou já em curso, sejam eles de ordem verbal ou não verbal. Seria interessante analisar se pais e mães se distinguem no uso do reforço positivo para os comportamentos verbais ou não verbais das suas crianças. Sendo as mães mais verbais do que os pais, e os pais mais não verbais do que as mães, nas suas interações com os filhos, será que também reforçam diferentemente os seus comportamentos verbais e não verbais?

6 - Já os reforços neutros, apesar de poucos, são mais significativos para os pais (ocorrem mais vezes e durante mais tempo). Algumas das suas verbalizações são difíceis de perceber quanto à intencionalidade, isto é, se consistem num encorajamento à repetição da resposta da criança ou não. Assim, não percebendo a função do reforço, as crianças podem responder de modo não correspondente ao esperado pelos pais. Isto pode incrementar a ocorrência de sequências interativas interrompidas que, como já vimos, são superiores nas interações pais-filhos do que nas interações mãe-filhos. Lembrando que a compreensão da intencionalidade é fundamental na aprendizagem da linguagem Tomasello (2009), podemos transpor, sem incorrer em grande risco, que o mesmo fenómeno pode ocorrer noutras aprendizagens. Note-se no entanto que estes valores são na realidade muito baixos e a nossa amostra muito reduzida.

7 - As brincadeiras das mães com os filhos e dos pais com os filhos distribuem-se equitativamente pelos três níveis de desenvolvimento, e de modo equivalente para pais e mães. No entanto, a análise microanalítica das interações permite encontrar particularidades interessantes no comportamento das mães, onde se destaca o cuidado na estruturação do ambiente de jogo. As mães tendem a expor os brinquedos ao alcance das crianças, a montá-los ou desmontá-los (quando se trata de encaixes) para a criança ver

antecipadamente de que tipo de jogo se trata, a arrumar o espaço para focar a atenção da criança num tipo de brincadeira. Já os pais tendem a dar instruções verbais de funcionamento dos brinquedos, por exemplo: *a) Mete este lá dentro, este aí; b) Põe aqui olha, o vermelho; c) E agora para abrir a caixinha? Para abrir é aqui, ó; d) Devagarinho.* Também tendem a agir servindo de modelo do *como se faz* para brincar com aquele brinquedo, por exemplo: *a) fazer construções de legos à frente da criança (sem verbalizar) enquanto ela lhe vai dando as peças; b) O que é esse? Como é que funciona?* e, depois, mostra à criança (sem verbalizar) como fazer.

8 - A comunicação afetiva da criança com os seus pais, quando está interessada e satisfeita com a brincadeira, é pouco intensa. A criança parece estar mais centrada nos objetos e nos acontecimentos (o agir para conhecer) do que no contato face-a-face, sorrisos ou toque físico. A sua intensa atenção aos objetos e suas funcionalidades é acompanhada por pouca expressividade facial, apesar da satisfação que se percebe pelo envolvimento e pelo elevado nível de vocalizações positivas. Será que nesta idade a curiosidade e o interesse na exploração do mundo ativam modelos comportamentais não associados aos modelos comportamentais dos jogos expressivo-comunicativos.

Passando a uma discussão acerca das dimensões do jogo. Quando analisamos as dimensões do jogo, percebemos que pais e mães desempenham uma função facilitadora do desenvolvimento dos seus filhos cerca de 1/3 do tempo do jogo, interagindo com eles na zona de desenvolvimento proximal, construto definido como a diferença entre o que a criança é capaz de fazer sozinha e o que faz sob a orientação ou ajuda de um adulto (Vygotsky, 1934/1985). Isto quer dizer que pais e mães dão aos filhos indicações do modo como fazer, corrigem as imperfeições, servem de modelos, aumentando a possibilidade da criança vir a conseguir sozinha, posteriormente, desempenhos com sucesso. Esta zona de desenvolvimento proximal é inerente à dinâmica da própria interação pai-filho(a) ou mãe-filho(a) orientada para um objetivo, e as novas estratégias e novas relações semióticas para a criança ocorrem nesta zona.

Nas brincadeiras dentro do nível de desenvolvimento, pais e mães passam cerca de 1/3 do tempo nessa dimensão do jogo. As crianças brincam sozinhas, sem solicitar ajuda, e parecem não necessitar dela para estarem satisfeitas e brincar como pretendem. É como se as suas competências já adquiridas lhes fossem suficientes para a satisfação que obtêm no momento presente. Citando Maccoby, Aguiar (2009) sublinha que nos jogos interativos “à

medida que a criança adota um papel mais ativo, os pais adaptam-se, diminuindo as suas propostas e permitindo-lhe conduzir a interação” (p.157). Pais e mães não parecem distinguir-se quanto a esta característica.

A atividade lúdica abaixo do nível de desenvolvimento da criança ocupa outro terço do tempo total de interação. Aqui, as crianças têm comportamentos de uma fase de desenvolvimento anterior (e.g. chupar objetos, sacudir rocas, olhar demoradamente as pessoas presentes na sala com um sorriso cativante, atirar objetos ou sacudi-los sem finalidade de descoberta).

No caso dos pais, podemos supor que o seu menor acompanhamento verbal nas interações com os filhos os deixe menos “andaimados” para levar a cabo atividades (verbalizações, ou ações) que lhes sejam mais difíceis. Reportando-nos aos estudos de Brazelton & Cramer (1991) as crianças insatisfeitas, ou destabilizadas nas interações, podem recorrer a comportamentos de auto-regulação emocional para reparar a relação. Uma outra hipótese de leitura orienta-se pelo modelo de Maturação dinâmica de Crittenden (1995) e aplicamos indistintamente o raciocínio para pais e mães. Se aos 15 meses a criança já é capaz de adotar estratégias comportamentais de negociação com os pais (e.g escolher o seu brinquedo, usar o seu brinquedo à sua maneira) comunicando com eles para expressar a sua escolha (Faria, 2011, 152), será que quanto mais as crianças sejam mais seguidas nos seus interesses mais elas entrem e/ou perdurem em jogos num nível de desenvolvimento superior?

Quanto aos tipos de jogo salienta-se em primeiro lugar a exploração do mundo. Este tipo de exploração é superior no caso dos pais ocupando mais de metade do tempo total da brincadeira, e nas mães metade do tempo. Estes dados podem coadunar-se com as dimensões do jogo. Será que pais e mães lêem na exploração do mundo que as suas crianças fazem uma atividade onde elas descubrem por si mesmas e precisam menos de ajuda? Sabendo que cada parceiro traz para a interação expectativas em relação ao comportamento do outro e formas estereotipadas de interpretar esses comportamentos, poderemos estar perante uma situação em que as expectativas dos pais ditam nesta direção as suas ações (Aguiar, 2009, 19).

Já no jogo de movimento esta tendência inverte-se, cabendo às mães a supremacia. O estudo qualitativo das narrativas permite trazer um dado que pensamos importante para esta análise. A díade mãe-filho 6M passa toda a brincadeira a tentar motivar a criança para brincar, porque a criança está visivelmente indisposta para isso e contrariada. Só acontece

um episódio de jogo, iniciado e mantido sempre pela mãe no mesmo tipo de atividade. Este elemento justifica seguramente o valor encontrado na média das mães em interações de jogo de movimento. Reportando-nos à revisão de literatura Faria (2011) onde a autora refere que os pais interagem em jogos mais físicos com os seus filhos do que as mães, os nossos resultados não têm peso elucidativo quanto a esta tendência.

O jogo lógico matemático é uma atividade mais elaborada e sofisticada, tal como o jogo simbólico. No presente estudo o jogo lógico matemático e o jogo simbólico aconteceram, porém, o tempo passado neste tipo de jogo foi muito reduzido. Isto permite-nos uma questão de natureza metodológica. As filmagens que utilizamos têm uma duração de 3 minutos de brincadeira, o que pode ser demasiado breve para pais e filhos entrarem em brincadeiras mais elaboradas e sofisticadas. Sendo que o histórico relacional das crianças em situação de brincadeira com os pais conduz as expectativas que estes trazem para a interação, e dado que o jogo mais elaborado exige mais tempo e investimento dos parceiros, a curta duração dada para a brincadeira pode ter induzido os pais a orientarem mais as suas interações para atividades lúdicas mais simples e funcionais.

Aguiar (2009) no seu estudo sobre comportamentos interativos e envolvimento da criança, chega à conclusão que as crianças estão mais tempo envolvidas num jogo sofisticado com fantasia e relaboração quando brincam com as mães, do que quando brincam com as educadoras. A autora defende que a atenção preferencial das mães aos seus filhos torna as interações mais benéficas para as crianças, do que as respostas das educadoras que, em contexto de sala de creche, raramente se dirigem a uma única criança. As relações pais filhos em situação diádica são relações de atenção preferencial, com uma figura significativa e genuinamente interessada por ela, pelo seu bem estar e satisfação, podendo por isso promover sobremaneira o seu desenvolvimento.

Considerações Finais

Os resultados do nosso trabalho confirmam a existência de características diferentes nas interações dos pais e das mães quando brincam com os seus filhos. Brincar, para além de uma “atividade lúdica ou promotora do desenvolvimento é também uma atividade afetiva, social e relacional” (Faria, 2011, p. 165). E se os modos de interação tendem a ser diferentes, as funções que elas cumprem atingem os mesmos objetivos, que são a qualidade da comunicação pais-filhos. O nosso estudo aponta assim para a mesma competência interativa pais-filhos e mães filhos, numa qualidade relacional promotora do desenvolvimento e do bem estar da criança.

A natureza exploratória e descritiva do nosso estudo permite olhar com elevada particularidade para os fenómenos diádicos e descrever as trocas interativas mãe-filho e pai-filho. Com efeito, os estudos de natureza mais etnográfica permitem complementar a investigação quantitativa que na sua malha grossa não relevam a especificidade fenomenológica. Não obstante, ao contrário dos estudos quantitativos a nossa investigação não é generalizável dado o reduzido número da amostra.

Limitações do estudo. Uma das dificuldades encontradas prende-se com as contagens dos tempos. Para conseguirmos medidas mais fidedignas deveríamos ter trabalhado com um equipamento que permitisse contagens mais curtas do que as que fizemos (segundo a segundo). Também na categoria expressões faciais, seria bom uma maior especificidade na distinção do que isso significa num rosto de um adulto ou num rosto de criança. Um adulto pode com relativa facilidade exibir uma “falsa” alegria como a criança pode exibir uma “falsa” cara neutra, já que a criança está plenamente satisfeita. Outra dificuldade, mas que também constituiu a riqueza deste estudo, esteve na cotação das narrativas já que optamos pela multidimensionalidade dos comportamentos (verbais e não verbais) aplicando-lhes a mesma grelha de análise. Cada interação foi sempre ponderada em função dos comportamentos verbais e não verbais do parceiro (da sua resposta) e não em função da intenção do agente. Isso exigiu minúcia e interpretação das trocas entre parceiros, parecendo-nos muitas vezes que as narrativas estavam muito aquém do que se apreendia no visionamento dos vídeos. Tal deve-se à relação escrita (transcrição) e fala

(comunicação). A transcrição é importante porque se, por um lado, permite uma análise mais distanciada, por outro, omite toda a riqueza comunicativa presente no vídeo. Omite a informação suprasegmental (prosódia, acento, silêncios) e ainda que se tenham descrito gestos e posturas perde-se informação. Nos estádios iniciais de desenvolvimento estas componentes são fundamentais na comunicação e na aprendizagem da língua (Iverson, Capirsi & Caselli, 1994).

Apesar das limitações do trabalho, confirma-se deste modo a importância de pais e mães, indistintamente, consagrarem tempo às atividades lúdicas com os seus filhos. Os pais, são as figuras mais significativas para as crianças, a ou as figuras de vinculação. Essas atividades pais-filhos estão impregnadas de trocas de afetos e de uma segurança básica que potencializa a exploração do mundo, a disponibilidade e confiança para a aquisição de novas competências, uma base segura para a construção das suas personalidades. Uma vantagem de salientar é que essas atividades acontecem geralmente em contextos familiares das crianças (casa da criança ou de familiares próximos), tecidas com as tarefas próprias do cuidar, do alimentar, do arrumar, entre muitas outras. É certo que os pais podem brincar muito com os seus filhos, exercendo junto deles esse papel de andaime para o seu desenvolvimento e bem estar em geral. Estas brincadeiras são ocasiões por excelência de relações de qualidade.

Ressalta do trabalho o modo como pais e mães perspetivam a natureza agentiva da criança, reconhecendo e incentivando ou mesmo ensinando o fazer e o dizer (é visível no tipo de frases – imperativas – e nos verbos de ação – *tira, põe*). Esse reconhecimento da criança como ser que tem iniciativa é visível também na forma como constantemente estão atentos à interação, reconhecendo o contributo da criança e ajustando-se aos seus comportamentos. Retomando a metáfora da dança, observa-se o modo como, ainda que de formas diferentes, pais e mães interagem com gestos e palavras construindo e reconstruindo significação. Na interação ajustam-se reciprocamente e continuamente, quer através de comportamentos verbais e não verbais, quer através de das reparações emocionais. Estas brincadeiras são ocasiões por excelência de relações de qualidade.

*A história da existência do Homem é a história de uma existência relacional.
(...) Um dos segredos da “Nova Pediatria” penso que estará no modo de
intervir junto da família o que implica, previamente, um novo modo de
descobrir a criança, partilhadamente com os pais.*

(Gomes-Pedro, 1999, p. 3, 5)

Bibliografia

Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and growth of attachment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment - A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Ainsworth, M. D., Bell, S., & Stayton, D. (1974). Infant mother attachment and social development: “socialization” as a product of reciprocal responsiveness to signals. In P. M. Richards (Ed.) *Integration of a Child into a Social World*, 99-135. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Aguiar, C. (2009). *Comportamentos interativos maternos e envolvimento da criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Almeida, I. (2009). *Estudos sobre a Intervenção Precoce em Portugal: ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

Bailey, D., & Wolery, M. (1992). *Teaching infants and preschoolers with disabilities*. New-York: Maxwell MacMillan International.

Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project: I. Stability and change in mother-infant and father-infant interaction in a family setting at one, three, and nine months. *Child Development*, 55, 692-705.

Brazelton, T. B. (1973). *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. Philadelphia: Lippincott.

Brazelton, T. B. & Cramer, B. (1991). *The Earliest Relationship: Parents, Infants, And The Drama Of Early Attachment*. London: Karnac

Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.

Bowlby, J. (1969, 1982). *Attachment and Loss* (Vol. I). London: Penguin Book.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss* (Vol. III). London: Penguin Book.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (2004). Bioecological theory of human development. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 6963-6970.

Bronfenbrenner, U. (1992). L'évolution de la famille dans un monde en mutation. *Apprentissage et Socialization*, 15, 3, 181-193.

Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental Science in the 21 st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 1, 115-125.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Series Ed.), & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology. 1, Theoretical models of human development*. Nova York: Wiley.

Bruner, J. S. (1983). *Child's talk: Learning to use language*. New York: Norton.

Bruner, J. S. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Chomsky, N. (1973). *Linguagem e Pensamento*. Petrópoles, RJ: Vozes.

Cassidy, J. & Berlin, L. J. (1994). The insecure/ambivalent pattern of attachment: Theory and research. *Child Development*, 65, 917-991.

Cassidy, J. & Shaver, P. (1999). The nature of the child's tie. In Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications*, 3-20. New York: The Guilford Press.

Crittenden, P. M. (1988a/2003b)

Crittenden, P. M. (1999). A dynamic-maturational approach to continuity and change in pattern of attachment. In J. I. Vondra & D. Barnett (Eds.), *Atypical attachment in infancy and early childhood among at developmental risk. Monographs of the Societt for Research in Child Development*, 258, 64, 145-171.

Crittenden, P. M. (1997). Toward an integrative theory of trauma: a dynamic-maturational approach. In D. Cicchetti & Toth (Eds.), *The Rochester symposium on Developmental Psychopathology*, 10, 34-83. Rochester, NY: University Rochester Press.

De Wolf, M. & Van IJzendoorn, M. (1997). Sensitive and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68, 4, 571-591.

Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 673-685.

Iverson, J.M., Capirsi, O., & Caselli, M.C. (1994). From Communication to Language in Two Modalities. *Cognitive Development*, 9, 23-43.

Faria, A. (2011). *Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.

Freitas-Magalhães, A. (2009). *A psicologia do sorriso humano*. Edições Universidade Fernando Pessoa: Porto.

Fuertes, M. (2012). Vários olhares sobre as diferenças na vinculação e contributos para a intervenção precoce. *Revista Da Investigação às Práticas*, 2, 23-50.

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R. & Figueiredo, S. (2009). Dois parceiros, uma só dança: contributos do estudo da interação mãe-filho para a

intervenção precoce. In G. Portugal (Ed.), *Ideias, projectos e inovação no mundo das infâncias: o percurso e a presença de Joaquim Bairrão*.

Fuertes, M. (2005). *Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interactivo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.

Fuertes, M. Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a portuguese sample of health Preterm Infants. *European Psychologist*, 14, 4, 320-331.

Gomes-Pedro, J. (1999). *A criança e a nova pediatria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Lamb, M.E., Thompson, R.A., Gardner, W. & Charnov, E.L. (1985). *Infant-mother attachment: The origins and developmental significance of individual differences in strange situation behaviors*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Lorenz, K. Z. (1957). *Instinctive behavior*. New York: International University Press.

Magalhães, G. (2007). *Modelo de colaboração: Jardim de infância/Família*. Lisboa: Instituto Piaget.

Main, Kaplan & Cassidy (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society in Child Development*, 50, 1-2, 209, 66-104.

Main, M. & Solomon, J. (1990). Procedures for classifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M.T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in preschool years: Theory, research an intervention*. Chicago: Chicago University Press.

Mundy, P., & Newell, L. (2007). Attention, Joint attention and Social Cognition. *Psychological Science*, 16, 5, 269-274.

Sameroff, A. (1993). Models of development and developmental risk. In C. H. Zeanah Jr. (Ed.), *Handbook of infant mental health*. New-York: The Guilford Press.

Sameroff, A., & Fiese, B. (2000). Transactional regulation and early intervention. In J. P. Shonkoff, & S. J. Meisels (Eds.), *Handbook os Early Childhood Intervention*. Cambridge: Cambridge University Press.

Snow, C.E. (1972). Mother's speech to children learning language. *Child Development*, 43, 549-565.

Snow, C.E. (1977). The development of conversation between mothers and babies. *Journal of Child Language*, 4, 1-22.

Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos. In M C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sousa, O. C. (2000). Linguística, filosofia da linguagem e operações cognitivas: a propósito da noção de presente. *Cadernos de Filosofia da Linguagem*, 7, 113-122.

Tomasello, M. (2003). *Constructing a Language: A Usage-based Theory of Language Acquisition*. Harvard University Press, Havard.

Tomasello, M. (2008). *Origins of Human Communication*. MIT Press, Cambridge Massachusetts.

Tomasello (2009). The usage-based theory of language acquisition. In Bavin, E. (Ed.) *Cambridge Handbook of Child Language*. 71-87. Cambridge University Press, Cambridge Massachusetts.

Tomasello, M. (2010). *Human communication is thus cooperative to the core, and it helps in coordinating collaborative activities as well*. MIT Press, Cambridge Massachusetts.

Tomasello, M. (2011). Human culture in evolutionary perspective. In Gelfand, M.J., Chiu, Ch., & Hong, Y. (Eds). *Advances in culture and psychology*. 1. Oxford Press University.

Villa, I. (1995). Aquisição da linguagem. In C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação*, 1, 69-80. Porto Alegre: Artes Médicas.

Vygotsky, L. S. (1998). *Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione.

Vygotsky, L. S. (1999). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Anexos

Anexo 1 - Descrição esquemática da *Situação Estranha* de Ainsworth

(retirado de Ainsworth, Blear, Waters & Wall, 1978)

Episódios	Descrição
1. Introdução.	Mãe e filho(a) entram na sala experimental.
2. 1º Episódio (3 minutos).	Mãe e filho interagem: a mãe não toma iniciativas de interação, apenas responde.
3. Entrada da pessoa desconhecida (3 minutos).	A desconhecida permanece em silêncio (1 min.). A desconhecida conversa com a mãe (1 min.). A desconhecida brinca com a criança (1 min).
4. 1ª Separação. A mãe deixa a sala e a criança fica com a pessoa desconhecida (3 minutos).	A desconhecida brinca com a criança e aos poucos fica sentada no lugar da mãe. Se a criança entra em choro ela deve tentar consolá-la.
5. 1ª Reunião. A mãe entra na sala. (3 minutos)	A mãe entra na sala. A atenção do observador dirige-se para o modo como a criança reage ao regresso da mãe e a utiliza para diminuir o desconforto causado pela separação. A desconhecida sai da sala.
6. 2ª Separação. A criança fica sozinha. (3 minutos)	Caso o desconforto seja grande reduz o tempo.
7. A pessoa estranha entra na sala. (3 minutos)	A desconhecida tenta consolar a criança, se esta está a chorar. Caso contrário, senta-se e permanece discreta.
8. 2ª Reunião. A mãe entra na sala.	A mãe regressa e age como no episódio 5.

Anexo 2 - Narrativas cotadas

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
58:28			<u>F dirige a mão ao cesto para tirar uma vaquinha (br) de encaixe; M em silêncio tira o br e coloca-o no chão, entre as pernas abertas de F; M aleita as pernas dobradas à chinês, afasta um pouco o br de enfiamentos; F toca a vaquinha (2m) o br, leva a mão ao cesto e toca um outro br; olha de relance para o br de enfiamentos afastado</u>	M cara neutra F cara neutra	Posição M: sentada pernas à chinês Posição M: 90º com F Posição F: sentada Distância: ~60cm Objetos: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco – porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
58:29			M agarra a vaquinha, roda-a e abre-a causando barulho;		
58:30	Não sei o que é isto...		F olha a vaquinha (a mão agarra o br do cesto)		
58:32	Ah!		M estende a vaquinha aberta para F;		
58:33	E mais um!		F toca-a (1m), larga o cesto, retira o encaixe (2m) - macaco - dentro da metade da vaquinha	Voz meiga, baixo tom, pouca expressividade facial	
58:35			M encaixa a vaquinha sob o olhar atento de F que guarda o encaixe do macaco (2m);		
58:41			M pousa a vaquinha ao lado do quadro de enfiamentos, fora do alcance do braço de F;	F atento F – M contato visual	
58:42		Aaa. (suspirado)	M tira o macaco das mãos de F, abre-o um pouco subitamente; pequeno sobressalto de F;		
58:43			M despeja o 3º encaixe – porco – à frente de F,		
58:45	Um_ou_tro!		encaixa o macaco colocando-o à frente da vaca, mais próximo de F; F pega no porco (1m); agarra nele (2m) e abre-o; o 4º encaixe - pintainho - cai e abre-se; F tenta encaixar o porco		
58:46			M encaixa o 4º encaixe (pintainho)		
58:48			M coloca o pintainho à frente dos dois encaixes anteriores, entre as pernas de F; F guarda o porco aberto, metade em cada mão;	M cara neutra F cara neutra	enfiaamentos de peças; um livro em material plastificado e de fácil “folhear” adequados à idade de F.
58:52			M retira a F o encaixe superior do porco, tenta o encaixe deixando a metade inferior nas mãos de F		Local: aspeto de gabinete clínico
58:56	Olha o pintainho e o porquinho				
58:57					

59:00		Há_á... ↓	mas não consegue; M retira a F outra metade, encaixa-as e dispõe o porco também fora do alcance de F; F pega no 4º encaixe - pintainho - roda-o tentando abrir; M ajeita a sua posição no chão; F bate (1m) o pintainho; tenta abri-o (2m) mantendo-o à altura do peito;	F tom de voz queixoso M cara neutra F cara neutra M voz muito baixa	
59:02			F abre o pintainho, olha as duas partes no seu interior; tenta encaixar as duas partes sem sucesso; tenta novamente e encaixa as duas partes com sucesso; fica imóvel a olhar; F roda 2 vezes o br	F pensativa; M observa	
59:03			F larga o br no chão à sua direita, roda o br (1m) sem o olhar, "pensativa"	F olha "no vazio" para o chão F olha M que mantém cara neutra	Ouvem-se vozes na sala (ao lado?)
59:05	Que giro!	↗ ↘		F olha a parede em frente; olha na direção da câmara; M ri	
59:06	Que giro!	↗ ↘		M baixa o olhar; sorridente	
59:09				M cara neutra F cara neutra	
59:10					
59:15					
59:16					
59:17					
59:19					
59:20					
59:21					
59:22					
59:23					
59:24					
59:26					
59:28					
59:31	Isto é aqui, ó	↘		M voz baixa M cara neutra	

59:37 59:38				indicador, apoiando 3 teclas, uma de cada vez; F observa	F com mão esquerda hirta, dedos largamente separados; cara séria
59:40	Agora aqui	↖	↗	F tenta pressionar com o polegar (1m) as teclas já recolhidas; M hesita em agarrar o braço de F;	M voz meiga, tom baixo, pouca expressividade facial
59:43	A...ssim	↖	↗	mostra com o indicador a tecla a pressionar; F pressiona com o indicador obtendo sucesso;	F atenta;
59:46	Outro	↖	↗	F mantém o dedo na tecla;	Toque M-E;
59:47	E outro	↖	↗	M agarra braço F para desviar o dedo para a tecla ao lado; pressão sobre o braço; solta-se a peça F fica com o dedo apoiado na tecla (de baixo)	M voz pouco entusiasta, pouca expressividade facial
59:51	E outro! Eh... que linda.	↖	↗	M repete o procedimento para outra tecla; F fica com o dedo apoiado na tecla (baixa)	Toque M-F
59:52				M repete o procedimento para a última tecla F pressiona uma peça com o indicador, depois com dois dedos, aproximando o br de si com esse gesto, mas não consegue sucesso	Toque M-E M voz meiga, tom baixo, pouca expressividade facial
59:54 59:58				M agarra o braço de F e colocando o seu indicador sobre o indicador de F faz pressão, segue assim pressionando as 3 teclas; M larga o braço de F; F toca o br na parte superior	Toque M-E
00:00 00:03				F põe o indicador sobre uma peça mas sem pressão suficiente; tenta depois com o polegar e obtém sucesso; <u>passa os dedos pelas várias teclas</u>	M olha alguém atrás de si sorrindo; F olha fixamente a câmara; M ri; suspira;
00:08	Ah.ah (riso)				F voz alta, um pouco gritante (pedido de ajuda)
00:10 00:11 00:12				F debruça-se sobre o cesto e inclina-o para si M estende o braço para o cesto; F larga o cesto; mantém 1 mão apoiada no br azul; M retira o br vermelho, pousa-o no chão longe de F; inclina o cesto para F que tenta agarrar o br dos enfiamentos dos peixes;	
00:18	Tira-a, vá.	↖	↗	M retira o br azul (caixa grande), coloca-o no colo de F; afasta o cesto	M voz meiga, tom baixo
00:20 00:21	Ahh!	↖	↗	F olha para o br dos enfiamentos dentro do cesto	F exclama; voz de espanto

Br: Caixa transparente com legos em ponto grande

<p>00:22</p>	<p>Ah! (sussurrado)</p> <p>Ah!</p>	<p>M põe no cesto o br das teclas; F observa</p>	<p>M abre a tampa da caixa grande de br, mas deixa a tampa sobre a caixa</p> <p>F destapa (2m); põe a tampa atrás de si</p> <p>F levanta um lego (1m), manuseia-o (2m) e levanta-o à altura da cara (1m) estende-o a M</p> <p>M aceita o lego</p> <p>M baixa o braço e mantém o lego entre as mãos.</p> <p>F inclina-se para o cesto, apoiando nele as 2m</p> <p>F tenta levantar (1m) o br dos enfiamentos de peixinhos sem sucesso;</p> <p>M coloca o lego dentro da caixa;</p> <p>F toca energicamente os peixinhos do br (1m)</p> <p>F enquanto se apoia no cesto com a outra mão;</p> <p>F estende o braço para alcançar dentro do cesto o br das teclas; não o consegue agarrar;</p> <p>F corpo muito inclinado para o cesto consegue agarrar o br, levanta-o à altura da cara, volta-o</p> <p>F deixa cair o br entre as pernas; o br fica encostado à caixa dos legos; F toca-o</p> <p>M leva a mão à caixa dos legos parecendo querer tirar um mas retira a caixa;</p> <p>F olha para a caixa; o br das teclas cai;</p> <p>F olha fixamente a caixa e recua ligeiramente os braços pelos cotovelos</p> <p>M coloca entre as pernas de F o br das teclas</p> <p>F toca ao de leve várias teclas, com os dedos, percorrendo o br</p> <p>F pressiona algures no br</p> <p>M agarra na mão de F e com o seu indicador (de F)</p>	<p>M sempre sentada, pernas à chinês</p> <p>Distância: ~80cm cabeça a cabeça</p>
<p>00:35</p> <p>00:38</p> <p>00:39</p>	<p>Ai que lin_doi!</p> <p>Tira</p> <p>Ai a caixinha</p>	<p>M voz sussurrada</p> <p>M cara neutra, braços cruzados sobre as pernas</p> <p>F voz encantada; contacto ocular F-M;</p> <p>M voz alegre, meiga; sorriso aberto um pouco forçado</p> <p>F sorri para M; M baixa o olhar</p>	<p>M voz sem ênfase; Toque M-E</p>	<p>M voz sem ênfase; Toque M-E</p>
<p>00:46</p> <p>00:47</p> <p>00:50</p> <p>00:51</p> <p>00:53</p> <p>00:56</p> <p>00:58</p>	<p>Não.</p>	<p>M voz sem ênfase; Toque M-E</p>	<p>M voz sem ênfase; Toque M-E</p>	<p>M voz sem ênfase; Toque M-E</p>

<p>00:59 01:00 01:03 01:04 01:05 01:07 01:08 01:11 01:13 01:23 01:27 01:30 01:31</p>	<p>Aqui, aqui Aqui Ou_tro O amarelo Estes dois estão difíceis!</p>	<p>pressiona uma tecla F de indicador espetado repete o movimento sobre a mesma tecla; M esboça o movimento de ir pressionar (dedo indicador espetado); F leva o dedo a outra tecla e pressiona sem êxito; M agarra no dedo de F e pressiona a mesma peça com força F pressiona a tecla ao lado ((M agarra-lhe o braço), e depois a última; M espregueia o resultado F pressiona com o indicador uma peça após outra, falhando duas; M agarra na mão de F e colocando o seu indicador sobre indicador de F pressiona as duas teclas que faltam F observa o br e pressiona novamente no sítio certo obtendo êxito</p>	<p>Toque M-F Toque M-E M voz meiga, tom baixo Toque M-E M voz meiga, tom baixo</p>	<p>WTC</p>
--	--	---	--	------------

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
01:31 01:32	O que é esse? Como é que funciona? Não sei		P olha em direção à câmara; F levanta um grande brinquedo (br), puxa-o para P; P aceita e pausa-o sobre a perna de F voltado para cima (para ser manuseado); P pressiona ligeiramente com o indicador 2 teclas; F pressiona com o indicador uma peça, sem sucesso; P pressiona a mesma peça, com o indicador; F pressiona 2 outras peças e por um ligeiro deslize deste br, o br das teclas de encaixe solta uma peça;	P voz calma	Posição P e F sentados lado a lado no tapete; P apoiado num braço; Distância: ~30cm
01:39			Objetos: Frente a F no chão estão dois brinquedos de teclas a pressionar; um livro em material plastificado e de fácil "folhear"; brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com 4 peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco – porco – pintainho; caixa transparente de legos em ponto grande-	P faz cara de dúvida sobre o funcionamento do br P olha o jogo de F P voz calma	Objetos: Frente a F no chão estão dois brinquedos de teclas a pressionar; um livro em material plastificado e de fácil "folhear"; brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com 4 peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco – porco – pintainho; caixa transparente de legos em ponto grande-
01:42	Op!		Todos estes jogos parecem adequados à idade de F.		
01:44	Já vai esse para lá		F olha atenta, quer apanhá-lo mas o 1º estorva o alcance; F retira o 1º br para o lado; P ajuda a afastá-lo; F olha o 1º br a ser afastado;		
01:45			F inclina-se para o 2º br e com o indicador pressiona uma tecla; P afasta o 2º br das teclas;		
01:47	Leonor		P dispõe encaixes de animais já montados à sua frente: a vaca, o pintainho, o porco; F segue os movimentos de P	P voz calma F reage imediatamente ao ouvir o seu nome, olhando os br;	
01:50	Onde está a vaca?		F leva a mão ao porco e apanha-o (1m);	P voz dinâmica	
01:53	Onde está?		P faz um gesto de pedido com a mão		
01:54	Não, a vaca. Dá a vaca ao pai		F abre o porquinho sem dificuldade;		
01:55	Isso não, esse é o porquinho!		F olha o lado côncavo das peças - porco - P retira as peças, encaixa-as guardando o porco nas suas mãos; F segue o porco com o olhar;		
01:56			F estica-se muito e tenta apanhar o macaco (próximo do pai); ainda muito esticada leva a mão à vaca; puxa a vaca pela orelha	(gargalhadas na sala)	
01:59	A vaca, dá a vaca ao pai.		F olha fixamente a "assistência"/câmara;		
02:00	A vaca.				
02:03	A vaca.				
02:05	Ussu!				
	A vaca.				

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_2P

02:07	Olha		P agarra a vaca;	P voz dinâmica; F reage imediatamente ao ouvir o	
02:08	Escuta	si	F leva a mão ao br das teclas pressionando uma	'escuta' olhando os br; P olha F	
02:09	Agora dá o pintainho ao pai,	R+ si	tecla; P pouca a vaca junto de si e endireita o		
02:10	o pintainho.	si	macaco; aponta para o pintainho e espera.	F exclama em voz alta; sorriso rasgado; contacto ocular P-F	
02:13	Aqui!	Ah! si	F olha de relance o br das teclas; olha o pintainho e	<u>Toque P-F ind.</u>	Ouve-se um Ah! na sala
02:15		si	apanha-o oferecendo-o a P; P aceita e exhibe o		
02:18	E agora o porquinho	R+	pintainho à altura dos olhos de F sem estorvar o		
02:19	Isso parece que é mais giro	si	contacto ocular; P e F têm o br nas mãos;		
02:22	Olha, o porquinho é este	si	P retira o br e F segue-o com o olhar		
02:25	Este nem eu sei bem o que é	si	F estica-se e pega no macaco (1m) que aproxima		
02:27		si	de si e tenta abrir (2m) sem sucesso; observa-o		
02:29	Foi muito longe?	si	P apanha o porco e avança-o um pouco; larga-o e		
02:32	Vamos meter todos?	si	pega no macaco juntamente com F; tira-lho		
02:33		si	e aproxima-o de si para ver melhor;		
02:34		si	F segue o br com o olhar; P pouca o macaco no		
02:35		si	chão à frente de F;		
02:36		si	F estende o braço e agarra o porquinho que abre		
		si	imediatamente (2m) e olha o lado côncavo		
		si	F tenta encaixar o porquinho;		
		si	P dispõe o pintainho e a vaca à frente de F;		
		si	F deixa cair o encaixe -porco- que rola para trás de		
		si	si; F procura-o com o olhar		
		si	P apanha-o e mostra-o a F		
		si	F tenta agarrá-lo;		
		si	P retira-o, coloca-o no chão, agarra o pintainho		
		si	F observa o lado côncavo do porco batendo ao de		
		si	leve no seu interior;		
		si	P estende o pintainho;		
		si	F agarra (1m) o pintainho, larga o encaixe porco;		
		si	manipula demoradamente o pintainho (2m);		
02:41	Aqui, aqui.	R+		P voz dinâmica	Riso na sala

02:43	Mete aqui R^+	\overrightarrow{Ai}	P agarra o encaixe do porco;		
09:45	Assim não. R^-	\overrightarrow{Ms}	F observa o pintainho e abre-o;		P voz calma
09:46	Vamos pôr assim, ó R^+	\overrightarrow{Ms}	P aponta para o interior do encaixe do porco		
02:51	Agora mete aqui R^+	\overrightarrow{NC}	F larga metade do pintainho e pega metade do porco; coloca uma dentro da outra		
02:55	A vaca R^+	\overrightarrow{Ms}	P tira o encaixe pintainho das mãos de F; no chão encaixa as respetivas metades; coloca-o dentro da metade do porco que F tem na mão;		P toque indireto
02:56	A vaca, a vaca R^+	\overrightarrow{Ms}	F olha atenta;		F sorri satisfeita
02:59	Esse é mais interessante! R^+	\overrightarrow{NC}	P retira os encaixes das mãos de F, coloca-os ao lado da vaca e do macaco		
03:01	Está complicado esse, está? R^-	\overrightarrow{NC}	F agarra a vaca (1m); P dispõe os animais no chão		
03:02	Pronto. R^+	\overrightarrow{Ms}	F deixa a vaca; P dispõe a vaca no chão		P voz calma
03:04	Põe aqui, olha R^+	\overrightarrow{Ms}	F leva a mão ao br das teclas, levanta-o e trá-lo para si;		
03:11	O vermelho R^-	\overrightarrow{Ms}	F com o br numa mão pressiona duas teclas com o indicador da outra, sem êxito; P atento;		
03:13	Ali, o vermelho R^-	\overrightarrow{Ms}	P pressiona uma tecla (br nas mãos de F)		
03:14		\overrightarrow{Ms}	F com o br numa mão pressiona uma tecla com o indicador da outra, sem êxito;		
03:16		\overrightarrow{Ms}	P ajuda pressionando-a (br nas mãos de F);		
03:20		\overrightarrow{Ms}	F pressiona as teclas já recolhidas sem êxito		F voz alta, de pedido de ajuda
03:24		\overrightarrow{Ms}	P ajeita o br no chão entra as pernas de F e com o indicador mostra a tecla vermelha onde se pressiona para fazer levantar a peça; F atenta ao br		
03:23		\overrightarrow{Ms}	F vai com o dedo ao azul; P cruza o movimento de F de acesso ao br e aponta novamente o vermelho		
03:27		\overrightarrow{Ms}	F desvia a mão de P do br; olha para a câmara		Toque F-P
03:28		\overrightarrow{Ms}	F com o indicador apoia com êxito 2 peças (fazendo-as baixar); apoia uma tecla sem efeito		F face neutra
		\overrightarrow{Ms}	F com o polegar pressiona uma tecla que faz		F voz alta: pedido de ajuda

03:36	Tufa $\sqrt{R^+}$		levantar logo três peças, P olha atento \sqrt{SS}	P sorri; voz dinâmica	
03:37	Sistema automático! R^+	\sqrt{SS}	F faz pressão com o polegar fazendo entrar duas teclas com sucesso;	Alguém ri na sala (mãe?) \sqrt{JL}	
03:38			F olha na direção da câmara \sqrt{Ni}		
03:39			F olha de relance o macaco		
03:41			F carrega numa tecla com o polegar desequilibrando o br	F face neutra	
03:43			F carrega com a mão uma tecla, depois outra, sem êxito		
03:46	Aha! $\sqrt{+}$	$\sqrt{+}$	F dirige a mão ao cesto <u>puxando-o a si</u> (2m);	F exclamação de esforço $\sqrt{3^0}$	
03:48			P inicia ligeiramente um movimento para ajudar;	P atento; cara sorridente	
03:50			E agarra o br das peças a pressionar (o do início do jogo), levanta-o e leva-o a si (2m);		
03:51			P olha outros br, desvia a caixa dos legos;		
03:52			F olha de relance os legos; endireita o br		
03:54			pousando-o na vertical entre as suas pernas; F olha a caixa dos legos; P toca o livro e F olha atenta;		
03:56			P folheia o livro; F larga o br e dirige-se para o livro;		
03:58			de gatas sobre os outros br; F puxa o livro para si (2m) passando por cima dos outros br;	F voz de esforço	
04:00	A trapalhada	\sqrt{NE}	P desvia a vaca, o porco, o quadro de enfiamentos;	P cara incomodada (dentes serrados, sobranceiras erguidas)	Posição P atrás de F Distância entre as cabeças de 20cm
04:03	Como é que se chama esse?	$\sqrt{R^+}$	F coloca o livro sobre os joelhos (2m);	P sobranceiras erguidas	Posição P-F sentados lado a lado
04:04	E agora?	\sqrt{SS}	P arruma o grande br das teclas no cesto;		Livro ao lado da perna de F, que implica um olhar voltando a cabeça 90º
04:07	Agora para abrir a caixinha!	$\sqrt{R^+}$	F de relance olha o br grande;		
04:09			F volta o livro ao contrário, sobre os joelhos		
04:10	Põe aqui	$\sqrt{R^+}$	F move o br sempre voltado para baixo;		
			F puxa uma argola do livro (1m) segurando o br na vertical (1m); P espregueja por detrás e retira-lho passando por cima da cabeça de F, coloca-o entre eles os dois; F olha	F voz gritada: pedido de ajuda	
			P com o indicador toca o livro na margem;		

(*) verbalização de P não compreensível

DND

04:13	Para abrir		<p>F olha; põe a mão sobre o livro e trã-lo a si; P aponta novamente a margem; orienta melhor o livro para F; F recua a mão, P aponta 2 vezes com o indicador F olha atenta;</p>	<p><u>Toque P-F ind.</u></p>	
04:14	É aqui, ó.		<p>P devagar e com a ponta dos dedos volta um pouco a 1ª pág.;</p>	<p><u>Toque P-F ind.</u></p>	
04:17			<p>F completa o movimento de voltar de pág.</p>		
04:19			<p>F agarra uma pequena peça e coloca-a de lado</p>		Peça de encaixe que faz parte do livro
04:20			<p>F tenta folhear duas páginas ao mesmo tempo;</p>		
04:22			<p>levanta o br; P pausa o br</p>		
04:23	Isso ainda é complicado para ti		<p>F insiste em aproximar mais o br de si, puxando pelas páginas; P acompanha o movimento de F com a mão e volta uma pág.</p>	<p>P sobrelhas erguidas e lábios cerrados</p>	
04:24			<p>F repete o movimento para a pág. seguinte e P ajuda</p>	<p><u>Toque P-F ind.</u></p>	No fundo da caixa do livro encontram-se várias pequenas peças de outro br
04:25	Devagarinho...				
04:28					
04:29			<p>F pega numa peça solta no fundo da caixa do livro (1m) manipula-a (2m)</p>		
04:34			<p>P movimenta peças soltas no fundo da caixa;</p>	<p>P olha os movimentos de b</p>	
04:37			<p>F deposita a peça no cesto;</p>		
04:41			<p>F vai buscar outra peça solta, inicia o gesto de a depositar no cesto mas deixa-a entre as pernas</p>		
04:42			<p>F vai buscar outra peça solta ao fundo da caixa do livro</p>		
04:43					

END

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
07:03	Ó		M agarra o volante à direita de F, passando com a mão à sua frente; o braço esquerdo de M por detrás das costas de F; pousa o br entre pernas abertas de F; afasta 2 peças de encaixe em esponja; F observa os movimentos de M	F e M olham ambas na direção dos brinquedos (br) M riso miudinho	Posição M: sentada no chão (em cima de uma manta), reclinada sob uma colcha Posição de F: sentada no chão (em cima de uma manta) M e F de frente para a câmara; M nas costas de F
07:06	Este não dá música.		M agarra uma argola, aperta-a e aproxima-a de F, ao alcance da sua mão; F não a agarra;		
07:09	Também não dá nada		F bate (1m) no volante e deixa em cima dele a mão; M pega no br de madeira articulado		
07:16	Ó		F debruça-se de gatas sobre os br; olha o livro, tocando-o, F olha de relance o coelho de peluche; volta a sentar-se		Distância: tocam-se Objetos: espalhados no chão, em cima de uma colcha: um volante de carro em plástico; um pássaro articulado; um coelho peluche grande; uma roca; várias peças de encaixe em esponja; duas argolas grandes em plástico insuflável; um pássaro em pano; um livro em plástico insuflável; um cão de peluche pequeno. Alguns objetos são adequados para um
07:17		Huum...	M agarra o coelho e põe-no à frente de F, entre as pernas; M continua nas costas de F	M espaça a verbalização	
07:19	Ai o livro!		F agarra (2m) nas patas do coelho de peluche, puxa-o a si e sacode a cabeça, de boca aberta;		
07:20	O coelho		M agita o peluche e imita-o a falar:	F cara de contentamento M voz mais aguda; sorri	
07:22	Ai o coelho!		F olha o br com um sorriso	F sorriso tímido para a câmara	
07:23	Ai o coe_lho!		F aperta com os dedos (2m) as patas do br;		
07:25	Olá Bianca.		F agarra o br, puxa-o a si e agita-o, fixando a câmara de boca aberta e olhar feliz;		
07:29	Olá.		F deixa cair o br	M voz mais aguda	
07:31	É o coelho?		F agarra de novo o br e levanta-o com o braço direito apertando-o contra o ombro; a outra mão/braço esticado para outros br;		
07:34	Ai o coe_lho!		F tira o peluche para o lado (onde não há br)	F sorri (boca aberta)	
07:37	É amigozaças!		M agarra num pássaro de pano;		

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_3M

07:38	Ó <i>R-</i>			F acaia o peluche (1m); F fixa a câmara enquanto levanta o peluche pela etiqueta; M aperta o pássaro fazendo-o cantar "quic-quic..." e aproxima-o de F ~20 cm da cara F olha o pássaro; F larga o peluche		nível etário inferior à idade de F.
07:39						
07:42						
07:45	Ai o arrinho <i>R+</i>			F agarra o pássaro (1m); aperta-o (2m) fazendo-o cantar (2m); M pega na roca à altura do chão F vai para largar o pássaro à direita, o olhar fixo na roca	F sorri em direção a alguém F e M sorridentes	
07:46						
07:49	Então? <i>R+</i>			M tira-lhe o pássaro e volta a posicioná-lo frente a F e a fazê-lo cantar; F olha-o fixamente F dirige a mão a outro br (roca) passando o braço por baixo do braço de M; M larga o pássaro; M agarra um cão (junto à roca); F olha a roca M coloca o cão frente a F no chão;	F-M Toque F sorridente	
07:51						
07:53	É o cão?			F olha o cão, bate (1m) no br, agarra-o e sacode-o de um lado para o outro (1m); F olha a câmara de boca aberta F torna a sacudir com força o cão (1m) e larga-o		
07:56	Cachorro? Uh (de riso) <i>R+</i>					
08:00				F pega no volante e levanta-o (1m); M desvia o pássaro; F agita o volante no ar (1m); pousa-o voltado para baixo; M desvia o cão; F enfia o dedo na zona das pilhas guardando o br no ar; M agarra com F o br, volta o br no outro sentido e mostra a F posando-o sobre a sua perna F pressiona botões do br, com os indicadores das duas mãos; M mantém o br na mão F acaia o br (2m); pega o br (2m)	M riso de "caso" F boca aberta, olha alguém (olhar "de testa"); cerra os maxilares; M sorridente olha F (sem que F veja) M-F toque indireto M sorriso rasgado M ri F olha M, voltando a cabeça (para trás e para cima) – 1º contato ocular; M sorri	
08:04						
08:06	É as pilhas					
08:08	Olha. <i>R+</i>					
08:12	U_ho! <i>R+</i>					
08:14	É? <i>R+</i>					
08:16						

RND

DND

08:19	O volante do popó?	Umm... <i>Umm... V+ Ap</i>	F levanta (2m) o br e movimenta-o em círculos ao mesmo tempo que varre com o olhar os outros br	M sempre nas costas de F	
08:20	Brumm...	<i>Umm... V+ Ap</i>	F põe o volante à sua direita; arrasta-o a si;		
08:23	É? Brumm	<i>Umm... V+ Ap</i>	F olha os outros br;		
08:27	Ó	<i>Umm... V+ Ap</i>	M levanta a roca à altura do chão, sacode-a 2 vezes fazendo barulho;		
08:29		<i>Umm... V+ Ap</i>	F pega na roca (1m) passa-a para a mão esquerda e sacode-a	F voz viva	
08:33	Sim...credo!	<i>Umm... V+ Ap</i>	F sacode a roca vigorosamente, bate com ela no chão atrás de si mesma	M ri	
08:35	Ó	<i>Umm... V+ Ap</i>	M endireita o caranguejo que fica voltado para F,		
08:37	Vamos fazer uma casa, vamos.	<i>Umm... V+ Ap</i>	F toca a cara do caranguejo (1m) sem largar a roca (1m); M pega num encaixe de esponja e mostra a F; larga-o e pega noutra encaixe de esponja; M faz leve toque no braço de F para a chamar a atenção	M senta-se mais direita para soltar a outra mão em que se apoiava <i>Toque M-F</i>	
08:40	Olha	<i>Umm... V+ Ap</i>	M monta dois encaixes (2m); F coça o nariz (1m)	M-F contato ocular	
08:44	Olha vê	<i>Umm... V+ Ap</i>	desviando o olhar; mantém a roca na outra mão, sacudindo-a; F volta a cara (para olhar o volante?)	M olha alguém	
08:50	Anda, mete, faz.	<i>Umm... V+ Ap</i>	M coloca outra esponja de encaixe em cima das outras; F dedo na boca; larga a roca;		
08:53		<i>Umm... V+ Ap</i>	F agarra no volante (2m) e movimenta-o no chão (2m) para a frente e em círculos;		5°
08:55	Ei	<i>Umm... V+ Ap</i>			
08:58		<i>Umm... V+ Ap</i>	M pega num lenço de papel, e toca as costas de F que se endireita mantendo o volante entre as pernas; deixa-se assoar fugindo com a cara; sacode as mãos; F toca nas duas esponjas montadas (1m); M inclina-se para ver a cara (nariz) de F;	<i>Toque M-F negativo</i> M assoa F inclinando-se para ela F voz queixosa; levanta as mãos e sacode a cabeça	
09:02	Anda, mete Oh, não queres é?	<i>Umm... V+ Ap</i>	M agarra nas duas esponjas já montadas; F afasta as esponjas;	M cara "enjoada" e voz contrariada	6°

ASND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_3M

<p>09:05 09:07 09:09</p>	<p>Não? Hum? Hum?</p>	<p>F diz que não com a cabeça M aproxima as esponjas erguidas em V F pega nas esponjas e fecha-as F põe as esponjas sobrepostas no chão; enfia a mão nas aberturas das esponjas e <u>coloca-as de lado</u>;</p>	<p>M continua nas costas de F</p>	<p>7º</p>
<p>09:12 09:13 09:15 09:17 09:20 09:22 09:27 09:29 09:30 09:31</p>	<p>Olha o livro Ó _a! O_ lha! O leão! É? Sim. Ó. Um quadrado!... Ah Hum!</p>	<p>M pega no livro <u>coloca-o no chão à frente de F e abre-o</u>; F toca uma zona destacada do livro F fecha energeticamente o livro atirando-o fora M pega novamente no livro; F olha o volante F agarra energeticamente o livro (1m) e faz um gesto de o lançar fora, mas interrompe ao ver algo que lhe chama a atenção; F pausa o livro aberto nessa página; fecha-o F levanta o livro e tenta abri-lo no ar; pausa-o e abre-o M aponta o destacável do livro (um quadrado) F volta a pág. e levanta o livro para o lado, <u>desviando-o do alcance da mãe</u></p>	<p>F voz gritada; cara surpreendida F cara séria M cara contrariada, levanta a cabeça, olha o "horizonte", depois segue com o olhar o livro nas mãos de F Toque <u>F-M</u> F voz gritada; M cara contrariada, desvia o olhar para <u>Então</u> os br; ri alto, cadenciadamente.</p>	<p>8º</p>
<p>09:35 09:37 09:39 09:41 09:42 09:44</p>	<p><u>Olha uma pulseira.</u> Ó Ó É Ah Ah</p>	<p>M pega na argola insuflável; F olha, traz o livro M enfia a argola no braço de F; F larga o livro; levanta o braço com a argola; M pega noutra argola e tenta enfiá-la no outro braço de F F retira a 1ª argola e estica o braço longe de M; M enfia a outra argola no braço de F F deixa cair a 2ª argola (enfiada) e agarra a 1ª argola (2m) olhando a câmara de boca aberta; <u>retorce a argola; F olha atenta para algo/alguém;</u> <u>F larga a argola.</u></p>	<p>M voz mais alta Toque <u>M-F ind.</u> F voz gritada M cara contrariada <u>Toque M-F ind.</u></p>	<p>9º</p> <p>Alguém mostra um caranguejo Alguém atira um br M sentada F-M posição 90º F de pé</p>

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_3M

09:48	O que é? Hum?	R ⁺			
09:49	Ó	M	Hum		
09:51	Olha aqui, ó	M			
09:57	O caranguejo	R ⁺	M		
	O caranguejo, é?	R ⁺	M		
	O caranguejo do mar! É?	R ⁺	M		
10:00	Não abre?	M			
10:02	Ó!	M			
10:05	Ai um caranguejo!	R ⁺	M		
10:07		M			
10:08	É daqui..	R ⁺	M		
10:12	Metete!	M			
10:13	Metete aqui, ó	R ⁺	M		
10:14	Ei..ii!	R ⁺	M		
10:16		M			
10:17	É!	R ⁺	M		
10:19		M	Ó, ó!		
10:22	É o caranguejo? Metete.	R ⁺	M		
10:23	Metete.	R ⁺	M		
				Folha M nos olhos F e M cara ~mesma altura M olha F; F baixa os olhos M olha F	
				F de pé olha o br	
				M sorri e olha a proeza de F M olha F; F de pé F e M contato ocular	
				M olha F;	
				F olha outro br no chão	
				FIM	

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
10:26 10:27	Dá o coelhinho ao papai Dá o coelhinho	Ah...	F agarra e sacode-o vivamente um coelhinho de peluche (1m); larga-o, dirige-se de gatas para os outros br mais à frente; P toca no braço de F e, depois nas costas para a reter/chamar à atenção	P sorridente olha F	Posição P: sentado no chão (em cima de uma manta), reclinada sob uma colcha
10:29 10:33 10:34	Ó	Umm	P desloca um br e pega no livro; abre-o e mostra-o a F; F senta-se de costas para a câmara e não presta atenção ao livro; P pouso o livro fechado, P desloca outro br, pega num br pequenino que aperta emitindo sons; F olha atenta o br, avança de gatas para ele de boca aberta; tropeça no coelho caindo de cara para o chão, batendo com a cara no livro;	F olha para a câmara F e P frente a frente ~1m (alguém diz algo: mãe?) P olha F frente a frente (alguém ri: mãe?)	Posição de F: sentada no chão (em cima de uma manta)
10:36 10:38			F levanta-se, esfrega a boca (1m) apoiando-se na outra (ainda de gatas); F olha no sentido da câmara e arredores (a mãe?), continua a esfregar a boca	P sorri ! F cara desagradaada !	P e F de frente para a câmara; sentados na perpendicular um do outro.
10:41					Distância: ~1m cabeça a cabeça
10:43					Objetos: espalhados no chão, em cima de uma colcha (que serve de tapete); um volante de carro em plástico; um pássaro articulado; um coelho peluche grande; uma roca; várias peças de encaixe em esponja; duas argolas grandes em plástico insuflável; um pássaro em pano; um livro em plástico
10:45	Ó		P abre o livro;	F sentada de frente para P	
10:48	Vamos pôr este assim. Ó		F senta-se junto ao livro, de frente para o livro; agarra-o por uma pág. (1m) e afasta-o;		
10:52 10:53 10:54	É o (verbalização incompreensível) É meu.		F pega (1m) o br (que ao apertar faz sons) e agarra-o (2m); P tira-lhe o br e aperta-o; F tenta pegar nele (1m) P afasta-o chegando-o ao seu peito; F braço esticado olha para o br depois para P F estica-se e apoiada num braço estende o outro para o br; P dá-lhe o br; F agarra-o (2m), aperta-o 3 vezes;		
10:58 10:59	E o coelhinho onde é que está?			F olha P (contato ocular) F olha P (contato ocular)	

ABND

11:03	Onde é que está o coelho? <i>R+</i>	F olha alguém – na direção da câmara (mãe?); aperta o br;	P acena com a cabeça F sorriso tímido P sorridente olha F	insufiável; um cão de peluche pequeno, um urso de peluche pequeno. Alguns objetos são adequados para um nível etário inferior à idade de F.
11:04	Onde é que está o coelhinho? <i>R+</i>	P agarra o coelho que está atrás das costas de F; F aponta esticando o braço no sentido de alguém P dá pancadinhas com o coelho no pescoço e na cara (lateralmente) de F; senta o coelho frente a F	F olha P F sorri a alguém F sorridente <u>P-F toque ind.</u>	
11:06	Está aqui, ó, quar...quar... <i>R+</i>	F inclina-se, olhar fixo em alguém (a mãe?) e avança o tronco para se levantar; P pega F pelo braço para a fazer sentar	(É atirado um br para a diáde) P-F toque	
11:09	Não, para aqui <i>R-</i>	P agarra outro br – esponjas de encaixe - e mostra- o a F colocando-o à frente do coelho	P olha F (contato ocular)	Local: pátio exterior de uma habitação
11:13	Ó	F leva as mãos (2m) à cabeça, baixa-as e olha alguém sorrindo		
11:14	Ó	F inclina-se apoiando-se num braço e depois nos dois para sair de posição; P estica o braço e prende F pelo braço; F levanta-se ainda presa pelo braço; olha no sentido de alguém (mãe?); recua um passo como para escapar	F sorriso aberto e descontraído; deita ligeiramente a língua de fora <u>P-F toque</u>	
11:15	Ó	F olha a mão de P que a prende e com a sua mão; F agarra os dedos de P para se soltar	F voz contrariada F e P sorridentes (alguém sorri: mãe?)	
11:16	Olha lá <i>R-</i>	P deslisa a mão e prende F pela mão; F avança um passo e P puxa-a; F coloca a sua mão solta sobre a mão de P e empurra; P leva F a sentar-se	Continua toque P-F P olha F e sorri; F olha P (contato ocular); P voz firme e cara "fechada"; (alguém: ai que linda!); F voz sussurrada	
11:21	É o quê? <i>R-</i>	F empurra novamente a mão de P, que a larga; F desequilibra-se para trás ao soltar-se; levanta-se e sai da área do tapete rapidamente;	P olha F; expressão interrogativa	
11:21	Ei! <i>R-</i>	P põe-se de joelhos e estende o coelhinho;		
11:24	Senta, aqui ao lado <i>Rm</i>	F contorna o tapete e vai para o cesto dos br		
11:24	Senta! <i>R-</i>	P levanta-se para ir ter com F		
11:29	Assim, estás a ver <i>Rn Ni</i>			
11:30	Anda cá <i>R-</i>			
11:32	Olha aqui o coelhinho			
11:35	Onde vais? <i>R+</i>		F ri	

11:38	Deixa ver?	Hi! \checkmark^+	F mexe dentro do cesto P e F manipulam br dentro do cesto;	P segue F com o olhar <u>Toque P-F ind.</u>
11:43	Anda para aqui	Hi! \checkmark^+ U_bah \checkmark^+	F escolhe um cone de enfiamentos; P leva-o até ao tapete, pausa-o e senta-se; F observa, de pé; P pega no livro e afasta-o do cone	P voz calma F e P contato ocular F ~1m de P
11:48	Vá. R^+	Ubal \checkmark^+	F contorna o tapete pelo exterior e vai ter com P; F senta-se desmandada e assim fica;	P e F ~15cm entre as cabeças
11:54	Vem para aqui.	Ah. \checkmark^+	P agarra o coelho, inclina-se para F, coloca o coelho no chão atrás de F, acalca duas vezes o coelho; P deita-se colocando a cabeça sobre o coelho; F volta-se e deita-se colocando a cabeça em cima do coelho (P retira a dele!);	5°
11:57	Vamos fazer minhifos. R^+	Ah! \checkmark^+	F retira a cabeça de cima do coelho e pausa-a no chão; P faz uma festinha sobre a cabeça de F; P senta-se	F-P toque cabeça P voz firme
12:05	Minhifos. R^+	A_a... \checkmark^+	F levanta-se; P agarra o coelho e mostra a F	P sorridente; (alguém ri); F sorri
12:09	Deita aqui R^+	Ó... \checkmark^+	F senta-se e olha os outros br; P coloca o coelho aos joelhos de F; F bate no coelho olhando sempre os outros br;	P-F toque R^+
12:11	Faz minhifos R^+	Ah. \checkmark^+	P retira o coelho; P pega num sol de peluche	P expressão interrogativa
12:12	Ó minhifos! R^+	Ah. \checkmark^+	P levanta o sol à altura do olhar de F	F acena que não com a cabeça
12:14	Ó.	Ah. \checkmark^+	F fixa o olhar no sol, estende os dois braços, agarra o sol com um sorriso e leva-o contra o rosto	Folha P; P voz calma 6°
12:15	Não queres?	Ah. \checkmark^+	F pousa o sol sobre as pernas e olha alguém sorrindo (mãe?); acalca o sol (2m) sobre as pernas;	F olhos fechados, expressão de satisfação, P sorri (alguém: é o sol!)
12:16	O que é isso?	Ah. \checkmark^+	F levanta o sol e larga-o (1m)	7°
12:20			P senta-se mais direito pega no coelho e logo o larga frente a F; F olha outros br à frente	
12:23				
12:24				
12:25				
12:27				

12:28						
12:31						
12:34	Ó-oh	<i>R+</i>	<i>U_u V+</i> <i>U_u V+</i> <i>Oh! V+</i> <i>Ó-oh... V+</i> <i>Uh V+</i> <i>Ó... V+</i>	F inclina-se para os br, esticando-se F apanha o pássaro articulado; levanta-o pela pata desenhando um círculo com o movimento amplo; larga-o;	P ri seguindo F com o olhar	
12:35				F avança de gatas e alcança o cone;	F voz sussurrada	
12:38				F roda o cone no chão e larga-o com força fazendo-o cair;	F voz gritada	
12:41	É, com calma!	<i>R+</i>	<i>Ah... ebe... V+</i> <i>Á á V+</i>	P leva-o junto de F, afasta outros br e, com firmeza, põe-no de pé à sua frente	F boceja	
12:47	Aqui		<i>SS</i>	F pega no cone (1m) leva-o à boca (2m) morde-o;	F olha P que lhe acena com a cabeça;	
12:49	Soninho?		<i>SS</i>	F agarra o cone pela ponta (1m) atira-o para fora do tapete;		
12:53	Calma.	<i>Rn</i>	<i>A_al V+</i> <i>Ah V+</i>	F põe-se de gatas para ir buscar o br P apanha F pelo braço mas larga-a F de gatas vai buscar o br	P inclinado no chão segue F com olhar atento	
12:56	Dá ao papai.	<i>R+</i>	<i>A_al U_u! Ah. V-</i>	F ao pegar o br (1m) lança-o para P que o apanha;	P-F toque	
12:58	É meu.	<i>R+</i>	<i>SS</i>	F volta ao tapete de gatas; P esconde o br atrás das costas fazendo barulho com ele no chão;		
13:00				F a gatinhar procura o br atrás das costas de P; não o encontra porque P o esconde; F senta-se enquanto P coloca o cone no meio do tapete;		
13:04				F olha o cone e os outros br no tapete;		
13:11	Ó		<i>AP</i>	P pega no pássaro articulado e aproxima-o da cara de F fazendo barulhinhos;		
13:13	Urrr...	<i>V+</i>	<i>U_uu! V+</i>	F avança de gatas, olhar fixo para o sol de peluche; puxa-o sol com uma mão;	P inclinado no chão segue F com olhar atento	
13:15			<i>Ba_ba! V+</i>			

Vídeo 80

Transcrição: Maria João Alves

Interação Pai (P) – Filha (F)

Narrativa_3P

13:17	Pôr este aqui.		F senta-se e lança o br para P que o apanha e pousa no tapete; F gatinha para fora do tapete enquanto palra	P olha a câmara e olha F F olha a câmara	FIM
13:25	Anda cá, Bianca.		F levanta-se e anda fora do tapete;		
13:28			F pega no urso de peluche e joga-o para o tapete;		
13:29					

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
00:50			M mostra um telemóvel (de brincar) com música a F; F toca no br	M sorri; F cara séria olha o br	Posição M: sentada num sofá
00:51			F pega no br (2m) e observa-o atenta	M tronco e cabeça inclinados para F	Posição F: de pé, voltada para a câmara
00:53			M aponta para o chão, recolhe a mão; F atenta ao br	M faz uma festinha na cabeça de F; F olha alguns/algum	
00:54			F mantém o br nas mãos (2m) – pressiona?	F olha diretamente na direção da câmara; F olha timidamente na direção da câmara (olhar de testa)	Distância: F encostada às pernas de M
00:57			M faz mais várias festinhas na cabeça de F, ajustando-lhe os cabelos por detrás da orelha	F-M contato ocular; M acena com a cabeça, levanta as sobrancelhas e sorri;	Objetos: um telemóvel com música, toque e frases; um bola. Jogos adequados à idade de F.
00:58			F volta a cara para M		
01:01		Uá!!! v+ (chamada de atenção) Uumm v+	F olha e aponta para a câmara; M continua a fazer festinhas	F olha e aponta para a câmara; retira o braço; mantém o olhar sério dirigido à câmara; M mantém o sorriso e a postura inclinada para F	Local: salão de família
01:04				F sorriso tímido	
01:05				F cara séria fixa o olha na câmara; boca aberta	
01:08			F mantém agarrado o telemóvel (2m); M leva o telemóvel ao ouvido de F	M cara séria	A câmara afasta-se
01:10			F agarra com força o br; encosta-se mais a M	F muito perto da objetiva da câmara olha fixamente; boca aberta; M ri.	
01:12			F mantém o br nas mãos, encostado à orelha		
01:14			F caminha com o br (2m) na direção da câmara		
01:17			M fica sentada;		
01:20			F aproxima-se da câmara e apoia-se agarrando um pé do parque (1m)		
01:21			F olha para o chão, depois para M		
01:26			F leva o telemóvel à boca (1m); com a outra mão apoia-se no parque	M exclama voz baixinha (M bate com uma bola no chão)	Ouve-se o bater de uma bola
01:28			F tira o telemóvel da boca; olha para a câmara	M voz muito aguda.	
				F olhar circunspeto	
				M voz muito aguda	

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4M

01:30	Anda cá! <i>R+</i>	F sacode o br junto à cara	M voz muito aguda	<p>Continua-se a ouvir a música do telefone</p> <p>2º</p>
01:32	Anda cá! <i>R+</i>	F encosta o br à boca; F volta a olhar para M, sempre agarrada ao parque	M sorriso rasgado	
01:33	Anda cá! <i>R+</i>	F avança para M; mantém o br na mão, junto à cara; F estende para M o telemóvel	M sorri "ao telefone"	
01:35	É_é! <i>R+</i>	M de braços abertos agita uma bola na mão;	F rosto mais "aberto"	
01:37	Está? Está? <i>R+</i>	M leva o telemóvel à sua orelha; F pega na bola (2m); avança com a bola para o parque, olha a câmara, lança a bola sempre a olhar para a câmara; olha para a bola que salta no chão e avança um pouco	M tom de voz agudo	
01:40	Letícia? <i>R+</i>	M põe o telemóvel a tocar	M ajeita-se no sofá; sorriso largo;	
01:44	Vai buscar, vai! <i>R+</i>	F apanha a bola (2m)	gesticula para alguém, ajeita o cabelo atrás da orelha; inclina-se na direção de F;	
01:45		F lança a bola no sentido do parque; olha a bola saltitar; <u>M balança o telemóvel ritmicamente</u> ; F volta-se para M	M voz aguda;	
01:49	Dança para a mãe, dança. <i>R+</i>	F avança para M de braços abertos, estendidos, balança o corpo, bate palmas	M tom de voz normal	
01:51		M volta o telemóvel para si, põe música;	M balança o seu corpo ao ritmo de F	
01:54		F pega no telemóvel (2m) e volta-se com ele para a câmara; sacode com ritmo o telemóvel	M - F contato ocular; M sorriso rasgado	
01:55		M faz festinha no pescoço; depois toca F no rabinho provocando um agitar de ancas de F;	M sorriso rasgado	
01:58	Dan_ça. <i>R+</i>	F observa longamente o telemóvel;	M olha F; alegre; Toque M-F	
01:59	Dan_ça. <i>R+</i>	F toca num botão do telemóvel e ativa um som de chamada; estende o telemóvel para M (2m)	M sorri; tom de voz agudo; corpo e cabeça inclinada para F	
02:00	Olha <i>R+</i>	M agarra-o e mostra a F o botão da música; pressiona-o;	Contato ocular F-M; M cabeça inclinada e sorriso aberto para F	
02:02	É_é? <i>R+</i>	F retira o telemóvel (2m) já a tocar e aproxima-o de si (contra a barriga); observa	A música acaba	
02:06				
02:07	Ué (pedido de ajuda) <i>R+</i>			
02:09	Olha aqui a música, ó. <i>R+</i>			
02:10	É_é! <i>R+</i>		M voz aguda	Começa nova música no telemóvel

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4M

02:12					
02:13					
02:14					
02:20					
02:22					
02:24					
02:25					
02:30					
02:31					
02:33					
02:34					
02:36					
02:39					
02:40					
02:42					
02:44					
02:45					
02:48					
02:51					
02:57					
03:00					
03:01					

M estica o braço e com o dedo apoia um botão de música; F fica demoradamente a ver/ouvir; M dá-lhe uma pancadinha na perna; F imóvel observa o telemóvel, fixo nas suas mãos e contra a barriga. M puxa F pela fralda para ela dançar F dança (movimenta as ancas)

F vai para outra divisória da casa, agilmente M levanta-se e segue-a

M traz F suspensa pelos ombros; coloca-a frente à câmara M vai buscar a bola; F levanta o braço para M (de costas)

M estende a bola para F que tem o telemóvel nas mãos; F agarra a bola (1m) e com a outra o telemóvel; M tira o telemóvel da mão de F F joga a bola para o chão; baixa os braços F dança; olha para a câmara; F para de dançar e fixa o olhar na câmara

M apanha a bola; bate a bola no chão F imóvel

F dança de olhar fixo na câmara M canta enquanto bate a bola no chão F continua a dançar para a câmara, batendo com as mãos nas pernas F volta-se e agarra na bola que M tem na mão

M olha F sorridente M aproxima-se de F sentando-se na beira do sofá; Toque M-F M sorriso aberto e inclinada para F; Toque M-F indireto M voz aguda; F sorri para a câmara

F cara séria, lábios cerrados M ri. F olha a câmara M ri. Toque M-F

F segue telemóvel com o olhar; F olha a bola saltar; F sorriso tímido para a câmara M olha o telemóvel que tem nas mãos; cara séria F continua de olhar fixo na câmara; M sorri

F cara séria M voz melódica, sorri F cara séria M voz doce, sorri M sorri e baixa o olhar para o telemóvel e põe outra música; F de

A música parou
M e F na outra divisória da casa
Música do telemóvel

ABND

DM

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4M

03:03			F atira a bola para longe	costas para M	Nova música
03:05			F dança e olha para a câmara	M ri; balança o telemóvel que guarda na mão; F de costas para M	
03:07			F para de dançar e olha imóvel para o chão	M sorri; F cara séria	
03:09			F recomeça a dançar olhando para o chão		
03:15			F junta as mãos e dirige-se para câmara	F olhar fixo, direito; lábio inferior retido dentro da boca; M ri.	
03:16			M pega na bola		
03:17			F junto à objetiva fixa o olhar; uma mão apoiada numa cadeira; movimenta um pé		
03:21			F volta-se para M sem largar o apoio da mão na cadeira.	M liga a música	
03:23			F larga a cadeira e avança para M que agita um balão numa mão e o telemóvel na outra;		
03:25			F agarra os dois, um em cada mão,	M sorri; Ouve-se o riso de F	
03:27			F afasta-se e de costas para M bate com eles no chão fazendo barulho.	M olha F; de mãos cruzadas; tom de voz normal; sorri	
03:29			F põe a música;	F-M contato ocular	
03:31			Folha para M	M sorridente;	
03:35			F levanta-se com um br em cada mão	F cara séria; M voz melodiosa	
03:37			F volta-se para a câmara e dança; M "dança"		
03:39			F avança em direção a um outro sofá; pausa os br		
03:41			F volta-se e lança (1m) o bola para M		
03:45			M atira a bola para F		
03:48			F baixa-se para apanhar		
03:50					
03:51					
03:52					FIM

DND

ABND

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
03:53			P mostra uma pá a F; F tem nas mãos uma minhoca insufável; P tira outros br da caixa, coloca-os no chão frente a F que desdobra (2m) a minhoca insufável; F leva a minhoca à boca	P sorri; voz calma	Posição P: sentado no chão, apoia as costas no sofá
03:57	Não queres? ←		P <u>retira a minhoca da boca de F</u>	P olha F	Posição F: sentada no chão, apoia as costas no sofá
03:59			F deixa cair a minhoca		
04:00			P <u>levanta-se para apanhar a bola</u> ; F leva a mão à caixa e tira outra minhoca insufável	P de joelhos frente a F	P e F lado a lado; 10cm de F
04:03	Olha aqui a bola, ó R ⁺		P mostra a bola a F e afasta outros br do chão	P e F posição face a face	
04:05	Ó, pega. R ⁺		F mexe na minhoca, abre-a e coloca-a à volta do pescoço (2m) sem a largar; F olha P	P e F olham a minhoca	
04:07	Pega a bola R ⁺		P lança suavemente a bola a F;	F - P contato ocular; F cara séria	Objetos: um balde de praia cheio de br de praia (pás, ancinho, 2 braçadeiras insufáveis
04:09	Pega a bola R ⁺		F olha a câmara; olha a bola que vem contra as suas pernas	P acena com a cabeça; sorri; voz calma	- minhocas - estrela do mar...); uma roca; uma bola
04:11	Ó, faz assim R ⁺		P larga a bola, desvia um br e abre uma perna de F; F baixa a minhoca e olha a perna desviada	Toque P-F	
04:13			P agarra na bola; F olha outros br;	P olha F	
04:14	Pega a bola ó, ó R ⁺		P atira delicadamente a bola; F agarra na bola	F ri	
04:15		Ei! V ⁺	F atira a bola a P e baixa os braços tocando o chão	F sorri; P sorri	
04:17			P atira a bola a F, que lhe toca na cara e salta	F - P contato ocular; F sorri	
04:20			P faz rolar novamente a bola para as pernas de F		
04:21			F agarra a caixa dos br (1m) e <u>puxa-a</u> ; P ajuda	F boca aberta; P sorri	
04:23			F levanta a caixa para a aconchegar entre as pernas, mas pousa-a em cima da minhoca;		
04:25			P agarra na caixa e derrama os br no chão frente a F; pousa a caixa vazia; ----F olha a caixa;		
04:28			P agarra na bola e põe na caixa que aproxima de F		
04:29			F agarra a bola (2m) e tira-o da caixa;	P olha F	

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4P

04:32	Atira a bola para aqui. Ó!		P puxa para si a caixa e mantém-na nas mãos, inclinada para F	P voz firme, olha F	Local: salão de família Alguém atira a bola para o espaço de jogo
04:34	Atira para aqui		F atira a bola para algures (perto da câmara)	F segue com o olhar a bola	
04:37	Ó		P agarra a bola e desvia a caixa; -----F olha a caixa	P olha F	MF
04:38		Tosse	P atira a bola para as pernas abertas de F; F pega na bola (1m) e olha a caixa (distante) F gatinha de rabo e leva a bola no ar (1m) para a colocar na caixa; P aproxima a caixa; F larga a bola dentro da caixa;	P olha F	
04:40			P tira a bola da caixa, coloca-a no chão;	P olha F, sorri	MF
04:41		Tosse	F olha e toca a minhoca; olha para a bola; agarra a minhoca; P põe a bola na caixa sob o olhar de F; F levanta a minhoca (1m); olha a bola nas mãos de P, olha a caixa;	P olha F, sorri	
04:42			F abre a minhoca e coloca-a em colar ao pescoço	P cara séria	MF
04:43			P retira a bola da caixa; afasta a caixa; F observa	P voz carinhosa	
04:45	Anda cá, vamos brincar à bola		F tira a minhoca do pescoço;	P toca (2m) as mãos de F	MF
04:46	Vamos, levanta, anda cá		F estica-se e coloca a minhoca na caixa	F olha P- contato ocular	
04:48	Anda cá amor!		P larga a bola e estende a mão a F; F olha a mão de P; P estende as duas mãos para F	P cara séria; F olha P- contato ocular	MF
04:50	Anda cá		F retira as mãos e volta a cabeça para trás	F voz de murmúrio e protesto	
04:52	Ó		P agarra a bola	P olha F	MF
04:58		Umémé? (alto)	F agarra a outra minhoca ao seu lado, leva-a à boca	P olha F	
04:59		Um	P arruma alguns br na caixa;	P olha F	MF
05:02		Um_mé	F põe a minhoca em cima da cabeça	P olha F	
05:04		Mé	P arruma mais br na caixa; F olha a arrumação	F olha a roca, atenta	MF
05:07	Olha aqui		F põe a minhoca no chão; olha a caixa		

AND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4P

05:09	Ó, ó	Mé_mé V		
05:11	Ó, ó			P e F olham a minhoca
05:13	Ó			P voz doce; atitude de espera
05:15	Olha, olha, ó	R+		P olha F; F suspira
05:16	Ó. Tch!...	R+		<u>Toque P-F</u>
05:18	Lá, lá, lá, lá...	R+		<u>Toque P-F</u>
05:20				P sorri; voz melodiosa
05:22				P sorri; vocaliza com melodia
05:24	Olha a outra, ó, ó	R+		<u>Toque P-E</u>
05:26	Olha outra, ó	R+		P sorri
05:28	Que bom!	R+		P sorri
05:29			Aha! V+	<u>Toque P-F ind.</u>
05:30				F voz suspirada; P voz calma
05:32	Dá ao pai, dá.	R+		F sorri
05:34	Dá.	R+		P olha F
05:35	Dá isso ao pai também.	R+		F voz gritada/ contrariada
05:36	Dá.	R+	Ai V-	P olha F
05:37	Dá!	R+	Ai V-	P sorri; F olha br
05:39	Dá isso ao pai!	R+	Ai V-	F grita e estica repentinamente as duas pernas; P cara séria
05:42	Não queres?	R-		
05:44	Dá, dá	R-		
05:45				
05:47			É_bé! V-	

ABND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4p

05:49						
05:50		Aii		P avança novamente a mão para a roca e agarra-a ao de leve; F puxa a roca (1m) subtraindo-a a P	F grita	
05:52		Éh			F grita; P sorri olhando F	
05:55		a-pa... pu-o... o-o... Hum		P arruma vários br na caixa	P olha F; sorriso rasgado	
05:58				F pousa a roca no chão, estica energicamente os dois braços	F murmura; P olhar baixo	
05:59					F olha P- contato ocular	
06:02		Ó. Anda para aqui, p'ró pé da caixa, Anda cá, Anda... Anda cá, Anda. Anda cá. a... a...		F retira (1m) duas minhocas da caixa, agarra-as e levanta-as (2m); pousa-as no chão; P arruma br, afasta a caixa e agarra a bola no chão; P põe a mão em cima da caixa afastada;	P olha F	
06:04				F abre a minhoca e põe-na ao pescoço, olha a câmara;	P voz meiga	
06:06				P bate na caixa;	F baixa a cabeça (queixo contra o peito); imóvel	
06:08				P estende uma mão para F ~30cm da cara, abrindo e fechando-a em sinal de apelo		
06:09				F retira a minhoca do pescoço; coloca-a no chão;		
06:10				P estende as duas mãos;	P voz viva	
06:12				P agarra o pulso de F, delicadamente, ajudando-a a levantar-se; F apoia um braço no sofá mantendo a minhoca nessa mão;	<u>Toque P-F</u>	
06:13				P bate a bola no chão	P olha F	
06:14				F avança para a caixa onde põe a minhoca		
06:16				P estende a bola a F	F sorri olhando a bola	
06:20				F agarra (2m), levanta-a	P voz aguda	
06:24				F lança a bola com força		
06:26				P inclina-se para a intercepar mas não consegue		
				F vai agilmente buscar a bola a outra sala		
				P segue-a	P voz normal	

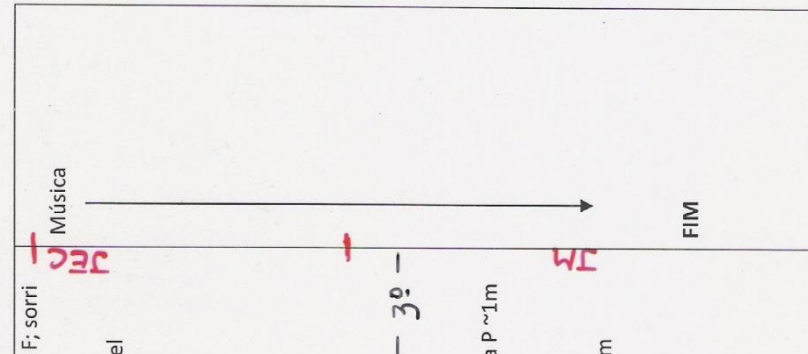
Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_4p

06:28	Vá. Vamos dançar, vamos.				
06:29	Ó	R ⁺			
06:30	Dança, dança	R ⁺			
06:32	Dança, dança	R ⁺			
06:33	Ó, psit!	R ⁺			
06:38	Ó, então não vês que o pai vai-se embora, ó.	R ⁻			
06:41	Ó: vês?	R ⁻			
06:42					
06:44					
06:47	Anda cá. Ó.	R ⁻			
06:50	Olha aqui a bola!	R ⁺			
06:55	Olha aqui!				
06:58	Pega.				
06:59					

F apanha a bola (1m) debaixo de uma mesa
 P estende a mão para aceitar a bola mas F trá-la para o salão (2m); P caminha ao lado inclinado para F e mão estendida em gesto de pedido;
 F estende (1m) a bola para a câmara
 F deixa cair/lança a bola para a câmara;
 P vai buscar a bola,
 P agarra também o telemóvel no sofá.
 P mostra o telemóvel e fá-lo tocar; F olha br
 F afasta (1m) o telemóvel e dirige-se em sentido contrário
 F movimenta-se um pouco (dança?) de costas para P enquanto se dirige à caixa dos br,
 P agarra a caixa pela alça e arrasta-a para o centro;
 F apanha a roca que põe dentro da caixa; F avança um pouco na direção de P, com a caixa pela mão, ajeita a roca dentro da caixa;
 F baixa-se para apanhar uma minhoca mas não conclui; agarra a roca (1m) e retira-a
 P lança-lhe a bola;
 F vira-se para o sofá e poussa a caixa em cima do sofá;
 P estende a bola e o telemóvel para F;
 F tira a pá (1m) e põe em cima do sofá; tem a roca na outra mão;
 F afasta-se um pouco; poussa a pá no sofá.
 P avança para F;

P abaixa-se ao lado de F; sorri
 F cara séria
 P-F contato ocular
 P e F olham o telemóvel
 P olha F
 F de pé
 F cara séria;
 F olha P
 F olha P; F voltada para P ~1m
 P voz alta
 P inclinado, F de pé ~1m
 P esboço de sorriso
 P e F ~1m
 FIM



52A

ABND

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
1:30	Senta aqui.		M com o br de encaixe na mão; pausa-o; bate no chão para indicar a F onde se sentar	M voz doce; olha F de relance	Posição M: sentada pernas cruzadas
1:33	Senta. Vamos brincar. Senta.	Aha (expirado)	F apoia-se no cesto dos br e senta-se	F boca aberta	F em pé
1:36	Olha. Olha este.		M retira do cesto o br pequeno de teclas a pressionar, coloca-o no chão frente a F	M e F olham o br	P e F: posição a 90° Distância: 1 braço (~60 cm)
1:38	Como é? Deixa eu ver.	Abi	F agarra o br (2m) e encosta-o à barriga;		
1:41	Não toca!		M pressiona os botões; F larga o br e olha o cesto		
1:45	É este?	Bi	F pega a alça de outro br do cesto (1m);	M olha F de relance	Objetos em cima de um tapete: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
1:46	As caixinhas.		M retira um outro br - peças de encaixe - pausa-o à frente de F; F retira a mão e olha o br que M apresenta; M põe o br no chão; F toca-o		
1:50	As caixinhas, olha.		M desencanaixa um elemento e outro cai no chão; F agarra o que M tem na mão e olha para o que caiu; restitui o br a M;		
1:51	É giro! É o Mickey	Ebebi	F agarra o elemento que caiu e dá-o a M	M olha F de relance	
1:54		U bie	F desencanaixa os dois últimos elementos e levanta um olhando o verso (onde tem uma aplicação com bolinhas); M agarra-o e sacode-o com a aplicação voltada para F;		
1:57	É o Donald!	Hum. V+	F estende o outro elemento à outra mão de M		
2:04	Ó. Ó.		M encaixa os elementos; F leva a mão ao cesto e puxa-o; M olha a aplicação de uma caixa que tem na mão (do Mickey)		
2:06	Olha as bolinhas	Hum. V+	F olha de relance o br das teclas e a caixa que M tem na mão; olha a câmara	F olha de relance as bolinhas	
2:08	Hum!	Hum. V+	F olha o Mickey (aplicação); M indica a aplicação	M olha F de relance	
2:09		Hum. V+	F baixa os braços e olha novamente a câmara	F voz muito baixinha	legos grandes; no chão mais três br: um de teclas a pressionar pequeno; outro de teclas a pressionar grande, um livro em material plastificado e de fácil "folhear")
2:13	Ó		M avança mais o br para F;	M olha F	
2:14	Olha.		F tenta rodar a aplicação com vários dedos;	M voz doce	
2:15	Olha o dedinho.		F volta a cara para o cesto;	M olha F de relance	
2:21	Faz com o teu dedinho, faz.				
2:24	Ah...				

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_5M

2:25	Mais. R^+ (muito baixinho)	Hum. V^+	F levando um braço ao cesto retira o br dos enfiamentos de peixinhos agarrando-o no ar (2m); M arruma as caixinhas; F contempla o br em cima dos joelhos	F olha br	adequados à idade de F.	
2:26	Que giro! R^+	Hum. V^+	F faz rodar os peixinhos	M olha F atentamente		
2:33	É o polvo. R^+	Oh. V^+	M segurando o br nas mãos de F faz rodar as peças e pressiona um botão de barulho; F olha atento o br;	M olha atenta, cabeça inclinada de lado		JEM
2:37	O polvo. R^+	Oh. V^+	F faz rodar os animais enquanto M manuseia um elemento do mesmo br	M olha de relance o tapete de br		Local: aspeto de gabinete clínico
2:44	O_oh! V^+	Bé. V^+	F com a palma da mão faz rodar vários animais	M olha F		
2:50	E então? R^+	Papá. V^+	F volta-se para o cesto	M olha os br que arruma	2°	
2:52	Este o que é? R^+	Hum. V^+	F retira do cesto uma tampa da caixa de legos	F e M contato ocular	Interessante o duplo encerramento!	
2:55	O ---- (verbalização! incompreensível)	Hum. V^+	M ajeita outros br no tapete	M e F contato ocular		
3:05	É tudo? R^+	Hum. V^+	F estende (1m) a tampa para M que a agarra e aproxima de si para observar o que é.	M olha F	JEM	
3:07	Oh. Obrigado. R^+	Bê-gué V^+	F estende o br dos enfiamentos a M que o agarra, observa e pausa no chão;	M olha F		
3:09	Sim! R^+	Pa-ai V^+	F retira um lego da caixa, aperta-o (2m).	M olha F		
3:10	Mais um. R^+	Mais um. R^+	F dá o outro lego a M, que os monta (encaixa um no outro)	M olha F		
3:12	Mais um. R^+	Mais um. R^+	F tira outro lego da caixa e dá-o a M que o monta nos 2 anteriores	M olha F		
3:14	Mais. R^+	Mais. R^+	F tira um outro lego, dá-o a M que o guarda sem encaixar	M olha F		
3:18	Es_te R^+	Mais. R^+	F retira outro lego, vira-o para ver o verso e dá-o a M;	M olha F		
3:23	Mais. R^+					
3:25						

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_5M

3:29					
3:32	Sim. <i>R+</i>	E-guê-guê <i>V+</i>	M pausa o último lego no chão mantendo os outros legos montados na outra mão	M e F atentos aos br	
3:35	Olha agora metes aqui em cima <i>R+</i>	<i>AA</i>	F retira da caixa mais um lego e estende-o a M	M voz doce	
3:38	Assim olha, assim. <i>R+</i>	<i>AA</i>	M monta o último lego que recebeu no lego que está no chão; F tem um lego na mão		
3:39	Mete aqui, mete. <i>R+</i>	<i>AA</i>	M aponta com o indicador em cima da zona de encaixe do lego, no chão; F larga o lego e leva a mão à caixa para retirar mais um		
3:41	Aqui. <i>R+</i>	<i>AA</i>	M aponta batendo com o indicador na zona de encaixe do lego, no chão; F estende para M mais 2 legos largando-os junto ao lego do chão	M olha F	
3:42	Olha aqui, aqui. <i>R+</i>	Qui <i>V+</i>	F procura apanhar outro lego na caixa, com alguma dificuldade, apoiando-se no cesto; M apoia a mão no cesto para este não se voltar		
3:49		Aqui <i>V+</i>	F retira um lego		
3:53	O_oh!	E-ta <i>V+</i>			
3:54	Já está. Não tem mais.	<i>AA</i>			
3:55	Oh!	Ó <i>V+</i>	F estica as pernas		
3:57	Não tem mais.	Ó. <i>V+</i>	F tenta montar um lego na torre já feita por M		
4:00	Olha. <i>R+</i>	Aqui-ete <i>V+</i>			
	O_oh! <i>R+</i>	<i>AA</i>	M faz outra torre de legos mais baixa		
4:04	Oh! <i>R+</i>	O_oh... <i>V+</i>			
4:07	O cesto já está vazio. <i>R+</i>	Hum. <i>V+</i>	F inclina-se sobre o cesto para ver o fundo da caixa	F voz doce	
4:10	O que é que vais fazer com isso? <i>R+</i>	<i>AA</i>	F levanta a caixa dos legos e volta-a no ar para ver por baixo; M agarra o cesto no ar e coloca-o no chão onde estava; F olha atento		
4:11	Olha aqui um carrinho. <i>R+</i>	<i>AA</i>	M avança para F o br das teclas a pressionar (guarda alguns legos na outra mão); F olha o novo br; toca nos legos do chão	M olha F	3º

RDP

DND

	Transcrição: Maria João Alves		Narrativa_5M
4:15	Olha. <i>R+</i>	M sacode o br dos enfiamentos de peixinhos (barulho); F olha e agarra-o (2m) pousando-o sobre as pernas;	F olha atento o br, absorto.
4:17	Os peixinhos! <i>R+</i>	F toca os peixinhos	
4:19	Oh! <i>R+</i>	F faz deslizar um peixinho	
4:21	Oh! <i>R+</i>	F contempla o br entre as mãos;	
4:26	Eh tanta coi_sá! <i>R+</i>	M pausa os legos	
4:27		M encaixa os legos no chão	F alheio à atividade de M
4:30	Oh! <i>R+</i> (sussurrado)	F toca os peixinhos ao de leve;	M olha F
4:34	O_oh! <i>R+</i>	M continua os encaixes de legos vigiando F	
4:39	Tan_tos! <i>R+</i>	F faz rodar delicadamente os peixinhos	Toque M - F
4:40	Faz assim <i>R+</i>	M leva o indicador aos peixinhos e segurando o br faz rodar um peixinho.	
		... FIM	

DND

ZDP!

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
4:43			P pausa um br à frente de F	P sorri e olha F	Posição: P sentado sobre as pernas fletidas;
4:46		Mamã	P olha o br; Ouve-se bater à porta.	Contato ocular P e F	F sentado;
4:47	A mamã, não está.		F olha a porta e aponta para a porta	P voz doce; acena que não com a cabeça	P – F: frente a frente
4:54		Ête é o bu_u O ca. O bu_u_a	F levanta (1m) o br das teclas a pressionar por uma tecla; P ajuda para o br não cair	P sorri	
4:58			F larga o br e P coloca-o no chão; F pega noutro br (enfiamentos de peixinhos), olha-o de perto	P cruz as mãos, braços apoiados nos joelhos. P olha de relance à sua volta. P olha F brincar; P cara neutra	Distância: 1m (afastado)
5:01		E. Hi-u!	F dá o br dos enfiamentos de peixinhos a P;		
5:02			P agarra o br e mantém-no estendido para F, à altura da cabeça de F.	P silencioso e cara neutra	Objetos em cima de um tapete: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco – porco – pintainho; jogo adequado à idade de F. Um cesto de brinquedos contendo uma caixa vazia.
5:06		É eti	F pega nas peças de encaixe e desencaixa-se uma sem querer; P pausa o br dos enfiamentos, agarra na peça que caiu, F desencaixa duas peças; P retira-lhe uma e encaixa na anterior.		Ao lado do cesto, no chão: legos grandes já empilhados; um br de teclas a pressionar pequeno; outro de
5:11		Ah. V ⁺	F estende a outra peça para P mas a olhar para os legos		
5:14		O_oh!		P olha F	
5:15		Pê. V ⁺	F pega num lego (1m) trá-lo a si e estende-o a P		
5:16		É_pê_pi V ⁺	P agarra-o e deixa-o cair um encaixe; apanha-o	F nariz franzido	
5:20			F pega noutro lego e estende-o a P		
5:26			P aceita mas deixa cair no chão.	P olha F, cara neutra	
5:29		Hi!	P agarra um lego solto e guarda-o entre as duas mãos, apertando-o.		
5:32	O que é?		F esticando-se alcança o br da vaquinha (encaixes de animais) e manipula-o (1m) abrindo a vaquinha; pega na parte superior da vaquinha e		

5:35	A vaquinha?	R ⁿ						
5:38								
5:40								
5:42	Olha.	V ⁺	Hu-uh					
5:45	Hum?	V ⁺	Hum.					
5:47								
5:48								
5:49								
5:51	Então?	R ⁿ						
5:53								
5:54	O pintainho?	R ⁿ						
5:55								
5:57								
6:00	O pintainho?	R ⁿ						
6:03								
6:07	O pintainho?	R ⁿ						
6:08								
6:11								
6:13								
6:14	E o porquinho?	R ⁿ						
6:16								
6:18								
6:20								

trá-la a si, depois estende-a a P já a olhar o encaixe seguinte
 P pousa o encaixe da vaquinha de frente para F
 F agarra o macaco e volta-o observando a parte de baixo; dá o macaco a P (2m) olhando os legos
 P aceita o macaco, abre-o;
 F agarra um lego (2m) aperta-o, estende-o a P
 F estende mais o lego a P que o aceita, sem largar o macaco aberto (vé-se o porquinho) na outra mão; deixa cair o lego; P encaixa o lego num outro já no chão; F pega na metade superior do macaco, que estava no chão; leva-a contra a barriga e olha atento;
 P pousa o macaco aberto à frente de F;
 F estende a metade superior do macaco a P
 P abre o porco e retira o pintainho;
 F pousa o macaco
 P vai para pousar o pintainho no encaixe do porco mas levanta-o
 F agarra o pintainho (2m) leva-o a si
 F olha um lego no chão
 F estende o pintainho para P que o agarra
 F estende a mão ao cesto e afasta-o
 F alcança os legos empilhados e afasta-os;
 P ajeita no chão o porquinho
 F estende o lego a P mas deixa-o cair antes de P apanhar
 F apanha outro lego; P ajeita 2 legos empilhados
 F leva a mão à pilha de legos de P; P retira as mãos;
 F tira um lego (1m) depois o outro com a outra

P sorri
 F olha os br de P
 P voz baixa
 P voz baixa
 P recosta a cabeça sobre uma mão (cotovelo apoiado no joelho) e olha o agir de F

Local: aspeto de gabinete clínico

teclas a pressionar grande, um livro em material plastificado e de fácil "folhear"
 Brinquedos adequados à idade de F.

DND























6:22							
6:26		Ah. V^+	M	mão;	P encaixa o macaco; F traz os legos para o seu regaço, um após outro; olha a outra pilha de legos ainda intacta	P pousa a cara sobre a mão fechada (cotovelo assente no joelho), olha o agir de F	
6:28		Essa. V^+	M		P aproxima de F a pilha de legos intacta		
6:33		Hum... V^+	M		P encaixa a vaquinha (com os outros elementos lá dentro); F traz para o seu regaço os legos, um após outro, desfazendo a pilha	P olha F	
6:35		Lá-lá V^+	M		F deixa encaixados 2 legos maiores e trá-los também ao seu regaço; P traz o último lego para a frente de F		
6:40					F ao apanhar o último lego deixa escorregar alguns do regaço		
6:43		Apá V^+	M		F apanha os legos mais pequenos; P apresenta a tampa da caixa dos legos a F; F olha a tampa		
6:45					P toca com o indicador uma reentrância da tampa; F olha;		
6:51	Olha. Mete aqui. R^+	Um V^+	M		P pega num lego e coloca-o dentro da reentrância		
	Assim. R^+	Abe V^+	M		F pega num lego e tenta noutra reentrância (não correspondente)		
	Um? V^+	É. V^+	M		P pega no lego de F e coloca-o dentro da reentrância adequada; P vai buscar outro lego		
6:55					F estende a P dois legos pequenos, um em cada mão; deixa-os cair;		
6:57					P encaixa mais legos		
6:59					F pega em dois legos, um em cada mão		
7:02					F bate com dois legos um contra o outro;	F olha o agir de P	
7:04		Ho_bó V^+	M		P encaixa um 4 lego (1ª linha do jogo completo) e ajeita os legos		

DND

ZDP

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_5P

7:08	Hum? 			
7:09		Ho..bó!  Hum  Abã... 	F continua a bater os legos um contra o outro; F olha o cesto P inicia a 2ª linha de encaixes de legos  F olha o agir de P e poussa os seus legos no chão sem os largar; com os legos assentes no chão segue com o olhar o agir de F 	P cara séria F olha fixamente a câmara F olha alguém atrás de P P olha F P olha F
7:12		Bu.. Bu  	P continua a construção de legos F observa a construção de P	
7:13		Aqui.  	F põe um dos seus legos sobre a tampa P agarra o lego e "constrói"	P olha F e depois desvia o olhar lateralmente, para o chão
7:15		Ubé.  Ubé. 	F leva mais um lego à caixa; P apanha e "constrói" F leva a mão ao cesto levanta a caixa dos legos (2m) e tira-a F estende a caixa a P; P aceita-a P cobre a sua construção com a caixa dos legos  F leva a mão ao cesto e levanta-o. 	F observa atento P poussa a cara sobre a mão fechada (cotovelo assente no joelho), olha o agir de F 
7:16				
7:17				
7:18				
7:20				
7:21				
7:23				
7:26				
7:27				
7:30				
7:32				
7:34		Apá. 	F estende o cesto a P que o agarra P poussa o cesto entre ambos (ao lado) F debruça-se sobre o cesto e tenta agarrar o papel autocolante do fundo do cesto; P retira a caixa de cima da construção P deposita a caixa dentro do cesto F pega num lego e coloca-o no regaço, depois outro, e depois outro	
7:36				
7:37				
7:38				
7:41				
7:43	Arruma. 	Umm...   	P dá a F as caixinhas de encaixe e toca no cesto F pega numa delas, movimenta-a	P olha F
7:44				
7:45	Põe estes agora aqui. 			
7:49				
7:51		E.. bi 		

Vídeo 83.

Interação Pai (P) – Filho (F)

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_5P

7:55	E_bé ✓+	F levanta a peça	P olha F	
7:59		F deixa cair a caixa olhando o chão (baixa a cabeça);		JEM
8:00	A_cum ✓+	F tira outra caixinha, levanta-a, estende-a para P sem olhar para ele; P aceita-a		
8:03		F levanta outra caixa e estende-a para P		
8:04		P encaixa os dois elementos		
8:05		P sacode as caixas (barulho);		Ouve-se uma campainha
8:09		F estende mais uma caixa a P, sem o olhar		
8:11		P encaixa o novo elemento nos anteriores;		
		P faz rodar uma aplicação da última caixa (barulho); F estende um lego grande a P		FIM

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
3:59	Assim, tira A^+	$\Delta\Delta$	M avança o camião para F	M voz aguda	Posição: M sentada no chão, reclinada sobre um braço
4:01	Sim, a outra A^+	$\Delta\Delta$	F tira uma pá do camião	F olha M – contato ocular	F sentada no chão sobre a carpete
4:04	Sim! A^+	$\Delta\Delta$	M aponta para a outra pá dentro do camião tocando-a	M acena com a cabeça que sim	
4:06	Não quer? Ó R^+	$\Delta\Delta$	F levanta a carpete; M retira a outra pá do camião e estende-a para F; F olha uma bola mais à frente que se moveu com o levantar da carpete;		
4:08	Ó R^+	$\Delta\Delta$	M bate levemente com a pá no camião; F olha para a pá e para M sorrindo	F-M contato ocular; M acena que sim com a cabeça	Distância: 1 braço
4:09	Tira! R^+	$\Delta\Delta$	F bate com a mão no camião fazendo cair as peças; M bate com a mão na sua perna.		Objetos em cima de uma carpete: 3 bolas pequenas, duas pás, um camião grande de plástico; um jogo onde se enfiam formas diferentes, um br com botões que ao carregar faz ouvir frases: até logo
4:10	Sim. R^+	$\Delta\Delta$	F leva a mão a uma peça e bate-lhe fazendo-a saltar para longe	F olha M sorrindo	
4:12	Ai caíram todas! (ri) R^+	$\Delta\Delta$	M aponta a caixa do camião	M voz tónica.	
4:14	Agora bota para dentro. R^+	$\Delta\Delta$	F olha a peça ao longe		
4:17	Bota R^+	$\Delta\Delta$	M levanta-se para ir buscar a peça, leva-a à frente de F		
4:19	Bota aqui. R^+	$\Delta\Delta$			
4:22	Mais ó, bota aqui. R^+	$\Delta\Delta$			
4:24	Ó, pega. R^+	$\Delta\Delta$			
4:28	Bota aqui R^+	$\Delta\Delta$	F olha uma bola mais longe e apoia-se num braço	<u>Toque M-F</u>	Alguns brinquedos não são adequados à idade de F (demasiado fáceis)
4:31	Não quer? R^+	$\Delta\Delta$	M coloca a peça dentro do camião e toca várias vezes no camião; F arrasta-se para se deslocar na direção da bola; olha as peças no chão		
4:32	Não quer? R^+	$\Delta\Delta$	M avança 3 bolas para junto de F;		
4:37	Bota as bolinhas. R^+	$\Delta\Delta$	F estica e encolhe as pernas	M tom de voz mais suave	
4:41	Hé! R^+	$\Delta\Delta$	F toca com uma perna no camião fazendo-o recuar	F olha M – contato ocular; M acena com a cabeça que sim	Local: salão de família
4:42	Ó: um... R^+	$\Delta\Delta$	M coloca uma pá frente a F e puxa o camião		
4:44		Um... R^+	M coloca a pá no camião		

ABND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_6M

4:45					
4:52	Tu não queres? (sussurrado)	R ⁺		F agarra uma pá, estica e encolhe as pernas, balança a pá e deixa-a cair	F olha M – contato ocular F olha a câmara sorrindo
4:55	Bota	R ⁺		F estica as pernas tocando os vários br no chão	M sorri F olha a câmara; <u>Toque M-F</u>
4:58	Ó, ó	R ⁺		M ampara F; aproxima o camião toca com o indicador fazendo saltar peças no interior, retira uma e mostra a F (que continua a olhar a câmara)	
5:01				F agarra na pá e bate com ela no chão; M aponta com o indicador para a caixa do camião	
5:05	Bota a outra	R ⁺		F estica e encolhe as pernas e sacode uma mão sobre a pá sem a agarrar	
5:11				F olha a pá, agarra-a, sacode-a, estende-a para a câmara (1m); passa-a para a outra mão e atira-a para o chão	F olha a câmara; M ri
5:13	Hum! (sussurrado)	R ⁺		M apanha a pá, toca com ela no camião e larga-a	
5:15	Mais. É?	R ⁺		F estica-se para apanhar uma bola (2m)	
5:19	A bola!	R ⁺			M voz tónica
5:19	É a bola.	R ⁺			F de costas para M
5:21	Diz: bola.	R ⁺		F lança a bola para o lado	
5:26	A bola.	R ⁺		M ajeita a sua própria posição no chão ficando com uma perna esticada ao lado de F	
5:28	Olha mais, ó.	R ⁺		F bate (1m) sobre 1 br no chão (perto das bolas)	F olha o pé de <u>M e toca-lhe na perna</u> ; M ajeita o seu cabelo
5:31	Vira-te para a mãe.	R ⁺		M retira uma bola que está à frente de F; ajeita a sua posição no chão, esticando a outra perna (fica com as pernas em V voltadas para F); F volta-se para trás (deixa de ver M)	
5:33				M pousa a bola e levanta F pelos braços sentando-o de frente para si.	M voz suave <u>M-F toque</u>
5:35	Olha a bola, ó. Tomás.	R ⁺		F volta-se para trás apoiando-se num braço, na direção das outras 2 bolas; M pega num braço de F para uma posição frente a frente; outra mão bate com a bola no chão;	
5:36	Não.	R ⁻			
5:36	Ó	R ⁺			
5:38	Vamos brincar.	R ⁺		F olha a bola levantando os braços; M ajeita mais	M-F toque

Abud

5:39	Hui! \checkmark^+		uma vez a sua posição no chão F bate com uma perna no chão, braços levantados, sorrindo e olhando a bola; M atira a bola a F; F agarra a bola e deita-a para o lado	F expressão de satisfação M voz alta.
5:42	Dá cá à mãe! R^+		M levanta-se, agarra na bola e nas outras duas trazendo-as para o centro; F levanta os braços	
5:43	Ó, eu sabia! R^+		M atira uma bola para F; F atira a bola a M	
5:45	Olha. R^+		M atira outra vez a bola para F;	M sorridente olha F
5:50	Hi! R^+		F não agarra a bola ao seu alcance	
5:50	Dá cá à mãe, dá. R^+		F agarra a bola (1m) e deita-a para o lado.	
5:54	Dá. R^+		M atira outra bola a F	
5:57	Dá à mãe. R^+		F agarra na bola (1m)	
5:57	Tens cá uma lata. R^+		F deita a bola para o lado.	
6:01	Olha, olha R^+		F afasta mais uma bola que ao seu lado rebolou para si; M levanta-se para apanhar uma bola e torna a lançar para F	
6:02	Dá cá. R^+	Hum.	M orienta F para o centro, puxando-o pelas pernas;	
6:05	Hoje não quer. R^+		F pega na bola e deita-a para o lado	
6:08	Ele hoje não quer. R^+		M toca outro br sorrindo	
6:09	Anda cá. R^+		M levanta F pelos braços	
6:09	Dá à mãe. (ri) R^+		F fica de pé à frente de M e avança dois passos sendo amparado pelos braços de M; F toca (2m) os braços de M;	
6:14	Ó, aqui. R^+		M abraça F que ri olhando para a câmara	F e M frente a frente
6:20	Sossegado R^+		M senta F sobre a sua perna.	
6:22	Vá. (ri) R^+		M põe o camião em cima dos seus joelhos	
6:24	Ai. \checkmark^+		F agarra no camião e levanta-o (1m) lançando-o para o lado; M levanta um braço	F sentado sobre a perna de M
6:27	Pronto. R^+			
6:27	Pó-pó R^+			
6:31				

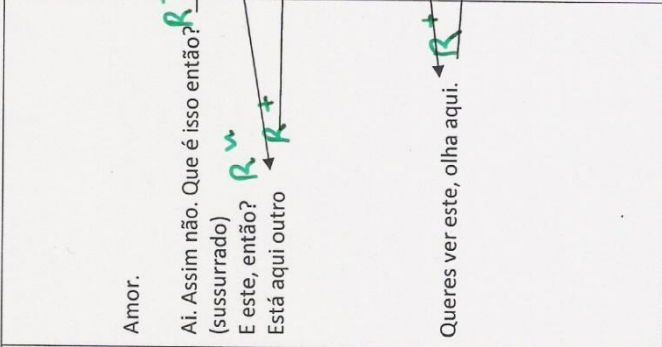
ABND

4:45	Tu não queres? (sussurrado)	R^+	F agarra uma pá, estica e encolhe as pernas, balança a pá e deixa-a cair	F olha M – contato ocular F olha a câmara sorrindo	M e F lado a lado (com uma perna de M por trás de F)
4:52	Bota	R^+	F estica as pernas tocando os vários br no chão	M sorri	
4:55	Ó, ó	R^+	M ampara F; aproxima o camião toca com o indicador fazendo saltar peças no interior, retira uma e mostra a F (que continua a olhar a câmara)	F olha a câmara; Toque M-F	
5:01	Bota a outra	R^+	F agarra na pá e bate com ela no chão; M aponta com o indicador para a caixa do camião		
5:05			F estica e encolhe as pernas e sacode uma mão sobre a pá sem a agarrar		
5:11	Hum! (sussurrado)	V^+	F olha a pá, agarra-a, sacode-a, estende-a para a câmara (1m); passa-a para a outra mão e atira-a para o chão	F olha a câmara; M ri	
5:13			M apanha a pá, toca com ela no camião e larga-a		
5:15	Mais. É?	R^+	F estica-se para apanhar uma bola (2m)	M voz tónica	F de costas para M
5:19	A bola!	R^+			
5:19	É a bola.	R^+			
5:21	Diz: bola.	R^+			
5:26	A bola.	R^+	F lança a bola para o lado	F de costas para M	
5:28	Olha mais, ó.	R^+	M ajeita a sua própria posição no chão ficando com uma perna esticada ao lado de F	F olha o pé de M e toca-lhe na perna; M ajeita o seu cabelo	
5:31	Vira-te para a mãe.	R^+	F bate (1m) sobre 1 br no chão (perto das bolas)		
5:33			M retira uma bola que está à frente de F; ajeita a sua posição no chão, esticando a outra perna (fica com as pernas em V voltadas para F); F volta-se para trás (deixa de ver M)	M voz suave	M-F frente a frente
5:35	Olha a bola, ó. Tomás.	R^+	M pousa a bola e levanta F pelos braços sentando-o de frente para si.	M-F toque	
5:36	Não. Ó	R^+	F volta-se para trás apoiando-se num braço, na direção das outras 2 bolas; M pega num braço de F para uma posição frente a frente; outra mão bate com a bola no chão;	M-F toque	
5:38	Vamos brincar.	R^+	F olha a bola levantando os braços; M ajeita mais		

Abud

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_6M

<p>6:36 6:37 6:39 6:42 6:44 6:47 6:49 6:52 6:54 6:55 6:57 6:58 <u>6:59</u></p>	<p>Amor. Ai. Assim não. Que é isso então? (sussurrado) E este, então? Está aqui outro Queres ver este, olha aqui.</p> 	<p>M agarra F pelos braços e senta-o no chão, de costas para a câmara; orienta-o para ficar de frente para M; F volta-se para trás olhando as bolas; M traz o camião para o meio dos dois F olha o camião; agarra-o (2m) e deita-o para trás de si; M estende outro br a F que não o agarra; M põe o br junto ao camião; M põe o br dos encaixes à frente de F; F bate (1m) no br dos encaixes, pousa as mãos em cima do br; M inclina o br à frente de F F volta-se para trás; bate no camião (1m) várias vezes; M agarra o br dos encaixes (2m) e fá-lo rodar à frente de F F olha o camião e continua a bater nele; M faz rodar uma peça no br; F volta-se para o br nas mãos de M deixando a mão sobre o camião</p>	<p><u>Toque M-F</u> M ajeita o cabelo e olha F M cara franzida F -M contato ocular F olha a câmara F e M sorriem F olha a câmara</p> <p style="text-align: center;">WC</p>	<p>FIM</p>
--	--	---	---	------------

ABND

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
0:47	Estas pilhas estão boas.				
0:49					
0:52	Heim! (muito baixinho) R+		P ajeita a posição de F de frente para a câmara	F sorri para a câmara	Posição: P sentado no chão, costas apoiadas num sofá
0:54			P aproxima de F o jogo das formas; toca num botão - música - <u>inclina o jogo para F</u>	F olha o jogo sorridente	
0:55			F bate no jogo (1m) e sorri para P	P inclina-se para olhar o rosto de F; F- P contato ocular;	F sentado no chão entre as pernas de P;
0:57			F levanta outro br - camião - passa-o pela frente de F e pouso no outro lado; F mantém uma mão apoiada no br da música; P mexe noutra br que está à frente de F enquanto F olha o camião	F sorri e olha a câmara	
0:59			P segura a mão de F e com ela bate várias vezes no br (1m); P larga F;		
1:02	Vá, vá lá. R+		F bate sozinha no br (1m) várias vezes e volta-se para P;	<u>Toque P-F</u>	Distância: as costas de F tocam a barriga de P
1:04			F para e olha o camião; P agarra uma bola e sai da posição que tinha afastando-se (~20cm);	F - P contato ocular; F sorri; P acena "não" com a cabeça	
1:05			F volta-se para P;	F - P contato ocular; P sorri	Objetos em cima de uma carpete: 3 bolas pequenas, uma pá, um camião grande de plástico; um jogo onde se enfiam formas diferentes, um br com botões que ao carregar faz ouvir frases: até logo
1:06	Está aqui a bolinha. R+		P afasta o br da música, estende para F uma bola	F continua a olhar P (boca aberta)	Alguns brinquedos são demasiado fáceis para a idade de F.
1:08	A bola, a bola? R+		F baixa a cabeça, olha a bola, não agarra	P sorri	
1:10	Toma uma. R+		P deixa cair a bola; agarra outra bola que atira devagarinho para F		
1:11	A bola? (sussurra) R+		F levanta o braço em direção a uma bola;		
1:13			P bate levemente com outra bola na testa de F;	F imóvel; Toque P-F indireto	
1:16	Uma cabeçadinha! R+		F olha outra bola no chão; inclina a cabeça para receber novamente as batidas da bola;	P inclina-se para ver a cara de F	Local: salão de família
1:19	Oh, ok (rindo). R+		P pouso a bola à frente de F	P ri; senta-se mais para o lado para ver melhor a cara de F;	
1:21			P desvia um br e reclinase sobre um braço;		
1:22					
1:24	Esta aqui R+				
1:26					Distância 1 braço; ângulo P-F de 90º

ABMP

1:28						
1:33	Psit, olha a bola	R ⁺				
1:34	Ah?	R ⁺				
1:42						
1:43	Olha este (sussurrado)	R ⁺				
1:48	Vá (sussurrado)	R ⁺				
1:51	Héh (riso)					
1:54						
1:56	Põe aqui	R ⁺				
2:00						
2:02	Olha (sussurrado)	R ⁺				
2:04	Quic...	R ⁺				
2:06						
2:08	Mete aqui dentro (sussurrado)	R ⁺				
2:13						
2:14	Mete este aqui	R ⁺				
2:15	Não	R ⁻				
2:20	Vá!	R ^w				
2:23						
2:24	Aqui.					

ABND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_6P

2:26	(sussurra algo)		P leva o br até ao colo de F	P "procura" br atrativo	
2:29			P carrega noutro botão (som de animal)	F olha alguém	
2:33	Psit! R+		P desloca o br para o chão e carrega noutro botão (som de animal); F olha br, imóvel.	F olha P	JEM
2:39			P levanta a pá, pausa-a, toca no braço de F.	F olha P – contato ocular;	
2:40			F toca (1m) o br e afasta-o	P sorri	
2:43			P aproxima o camião de F e olha o 1º br		
2:45	Olha (sussurrado) R+		P coloca o 1º br ao lado de F e põe-no a tocar	F olha alguém sorrindo; Toque	
2:51			P levanta F pelos braços colocando-o de pé	P-F direto	
2:55			F volta-se no sentido da câmara e apoia um braço em P; P dá uma mão a F e ampara-o por detrás com o braço; F dança ao som da música	F sorri para a câmara	
2:58			P apanha uma bola e dá a F		
3:00			F aceita a bola (1m) e atira para o chão	P e F sorriem	
3:02			P pausa a bola e senta F na sua perna	Toque P-F direto	
3:07			F estica as pernas		
3:09	Olha aqui. R+		P levanta F de costas para si de maneira a ele poder andar; F levanta as pernas em		
3:13	Não, um pontapé. (sussurrado) E+		desequilíbrio, sustentada pelos braços de P;		
3:15			F esboça um chuto na bola;		
3:19			P põe-se de joelhos e sustentando a marcha de F avança com ele que vai chutando as bolas		
3:21	É! R+		P segue o andar de F em direção a uma bola que foi longe (sustentando-a sempre pelos braços); P e F chutam a bola		
3:26	É com catano! R+		F marcha entusiasmado		
3:30			P apanha a bola que foi na direção da câmara;		
3:33	Assim, assim. R+		P traz F para o centro da "cena"		
3:35	Assim. R+		P tenta sentar F		

Vídeo 84

Interação (P) – Filho (F)

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_6P

3:37	Isso!			
3:39	Senta aqui.			
3:41			F faz alguma resistência ; senta-se	
3:44			P senta F e senta-se ao seu lado	
3:46			F olha os brinquedos	
3:48			P dá uma bola a F que a aceita (2m) e atira para o lado; P apanha a bola (ouve-se o jogo: até logo; és capaz; ...)	
3:52			F agarra na bola que P tem na mão e atira-a para o lado P vai buscar a bola.	
				P e F sentados; 90º
				F olha a câmara P olha F
				FIM

AVMD

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
00:08			M afasta o cesto; ajusta o br dos encaixes de peças	M voz entusiasta	Posição M: sentada
00:09	Ó, que giro!		frente a F; F toca o br (1m) a outra mão na cabeça	M olha F	paralelamente a F,
00:12			M estende a mão em forma de concha voltada para cima; F levanta ligeiramente o 1º encaixe e deixa-o cair; M espera com a mesma atitude	F olha o br; M voz meiga	face a face
00:13	Dá à mãe, dá. Dá.		F tem uma mão sobre o br e a outra na cabeça	F olha na direção da câmara	Posição F: sentada
00:16	Dá à mãe.		F arrasta um pouco para dentro o br na direção da perna	F olha alguém noutra direção	
00:18	Dá.		F levanta duas peças encaixadas (1m), retira a mão da cabeça e agarra (2m); M continua de mão estendida	F olha br; M olha F	Distância: ~60cm
00:20			F desenha as duas peças e volta a encaixá-las		Objetos: brinquedo de encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; jogo adequado à idade de F.
00:23	Ai que giro (sussurra)		M agarra nas duas outras e aproxima-as de F voltando-as para baixo; M levanta 1 peça e mostra a F. à altura dos seus olhos ~20 cm, de maneira a que F veja o fundo; F larga as duas peças que tinha na mão e observa o fundo da peça, retira-a das mãos de M (1m) e agarra-a (2m)		
00:25			M encaixa 2 peças já voltadas para baixo	F olha as duas outras peças nas mãos de M	
00:27	Ai o leão! R+		F observa o fundo da peça que tem nas mãos		
00:34			M roda um aplique que está em cima de uma peça fazendo barulho; F lambe a peça que tem nas mãos		
00:38			F observa o rodar do aplique; M levanta outra peça e sacode-a provocando barulho; F observa atenta, mantendo a sua peça nas mãos (2m);	F olha o exercício de M	
00:40	É o pluto? R+		M pousa esta peça sobre a outra, no chão;	M olha F	teclas para pressionar pequeno; outro de teclas para pressionar grande, um livro em material plastificado e de fácil "folhear")
00:45			F vai para pousar a sua peça (1m) à esquerda mas volta-a para ver o fundo; tenta encaixar a peça que	F olha em direção à câmara	adequados à idade de

00:47		tem na mão naquela mais pequena que largou anteriormente; M destaca a caixa dos legos que está no cesto e deixa a tampa em cima da caixa.	M olha F	F.
00:50		F larga a peça e inclina-se para o cesto	F olha na direção da câmara	Local: aspeto de gabinete clínico
00:54		M retira do cesto o br de enfiamentos; dispõe-no à frente de F	M espera	
00:57	Aqui. R ⁺	F agarra-o (2m) encolhe e estica as pernas para ficar mais confortável, bate com o pé no cesto e olha a vaquinha; M roda os enfiamentos	F olha o br	
		F pausa o br (apoiando-o sobre uma perna) e faz rodar os enfiamentos juntamente com M	F olha a câmara; M olha F	
		M faz pressão numa tecla provocando sons; retira a mão; F tenta pressionar a mesma tecla mas não provoca som; bate (1m) na tecla;	M voz baixinha e calma	
		M afasta um pouco a vaquinha; F olha a vaquinha e passeia o olhar sobre os outros br; bate novamente na tecla (1m);	M e F olham o br	
01:13		M faz pressão na tecla provocando sons		
01:19		F olha para o br das peças de encaixe (o anterior)		
01:20		F levanta o br pousando-o entre as pernas; faz rodar os enfiamentos; F estende a mão para o cesto e pega na tampa dos legos; M e F levantam a	F olha M; M olha F e ri	
01:25	Não tem mais. R ⁿ	caixa dos legos, cada uma com uma mão só; F mantém a outra mão sobre o br dos enfiamentos	F olha para o cesto (apesar de pegar na caixa); boca semiaberta; M olha F	
01:29		M levanta o cesto e mostra o fundo do mesmo	F olha atenta o fundo do cesto	
01:30	Olha. R ⁺	M pousa o cesto; F olha o br dos enfiamentos pega nele (2m) e sacode-o; M tira a tampa da caixa dos legos; F olha atenta	M e F olham os legos	
01:32	É os legos. R ⁺ (sussurrado)	M levanta um lego e mostra-o a F		
01:32		F guarda o br dos enfiamentos numa mão e dirige a		

ZDP

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_7M

01:37	Uns legos muito giros!	outra à caixa dos legos; retira um; M retira outro que coloca à frente de F; F leva à boca (1m) o lego que retirou da caixa.	M e F olham os legos F olha a câmara; M olha F	
01:38		F tira da boca o lego; observa-o;	M e F olham os br	JEM
01:43	É aqui, aqui ó	M pega noutro lego e monta-o sobre o anterior; F toca com o lego no chão e depois pausa-o sobre o br dos enfiamentos (ainda na sua outra mão); M monta mais um lego sobre os anteriores; F faz o gesto de montagem do lego sobre o br dos enfiamentos; M aponta com o indicador sobre as peças que ela já montou	F olha o encaixe de M	
01:49	Ó	F inicia o gesto de levar o lego à boca M faz nova montagem com outro lego	M olha F	
01:53	Ai, um beijinho	F larga o seu lego; pega na última montagem de M; levanta-a; tenta o encaixe; derruba a pilha; F beija o lego	F olha alguém	
01:55		F avança o lego até à montagem; F observa o lego (2m) e puxa a saliência; M tira outro lego da caixa e pausa-o no chão; F beija o lego erguendo-o (2m); F leva a mão ao lego que M pousou; M tira mais um lego da caixa; F beija o lego; M desvia o seu lego	Toque M-F M olha F; alguém ri na sala M ri (do beijinho);	NOTA: F nunca riu nem sorriu neste tempo de interação com M; guarda uma expressão muito atenta ao jogo e ao ambiente envolvente
01:59	Ai tantos beijinhos!	F bate as duas peças de lego que tem nas mãos, várias vezes; M faz mais um encaixe de legos	Risos na sala: irrmã?	
02:02			F olha alguém na sala: irrmã?	
02:04	Olha a vaquinha, olha.	F deixa cair um lego M dirige a mão à vaquinha;	M sorri; F olha a câmara	
02:05		M desfaz o encaixe da vaquinha;	M olha os dois legos ao batê-los um contra o outro	
02:06		F larga o outro lego; leva uma mão ao br das teclas (ao lado da vaquinha); pressiona as teclas (1m)		
02:07		M refaz o encaixe da vaquinha;		

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_7M

02:09	<p>Al uma vaquinha R^+</p>	F toca na vaca	F olha a vaquinha; M coça o nariz; F olha o br das teclas
02:13	<p>Como faz a vaquinha, como é?</p>	F tenta levantar a vaca (1m); M esboça um gesto de ajuda; F levanta a vaca (2m) observa-a;	Ouve-se na sala; Muuu! M voz entusiasta e doce
02:16	<p>R/ Não sei</p>	M toca no 2º encaixe -macaco-, roda-o no chão, para ver o que é; F volta o encaixe superior para	
02:19	<p>Al tantos beiji_nhos!</p>	ver por dentro, sacode-o, beija-o	
02:27	<p>Na vaqui_nha!</p>	M levanta o macaco e pausa-o no chão;	Irmã: isso é o quê?
02:27	<p>Ó, ó, vê o que é que está aqui</p>	F pausa a vaca no chão, voltada para si;	M voz doce e entusiasta
02:31	<p>Como é que faz o porco? Como é?</p>	M abre-o o macaco;	
02:31	<p>que faz o porco, como é?</p>	F toca os legos; M mostra o 3º encaixe -porco-;	
02:41	<p>Ainda tem mais um.</p>	F pega (2m) no porco, observa-o; sacode;	
02:41	<p>Dá, dá à mãe.</p>	M monta o macaco e mostra-o a F;	
02:41	<p>Ainda tem mais um.</p>	F bate e sacode vigorosamente o porco	
02:44	<p>Dá, dá à mãe.</p>	F afasta-o de M;	F olha a mão de M
02:44	<p>Ó, olha o piu-piu.</p>	M pousa o macaco, estende a mão em forma de concha para F; F dá o porco (1m);	
02:48	<p>Ó, olha o piu-piu.</p>	M abre o porco; vê o pintainho	
02:50	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	F agarra na base da vaca;	
02:50	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	M deixa cair o pintainho; F olha o pintainho	
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	M pega na metade superior do porco e mostra a F	
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	F pega na metade pintainho (1m); mantém a base da vaca na outra mão;	M sorri
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	F sacode a metade pintainho (1m); F larga a base da vaquinha;	
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	M pousa a metade do porco;	
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	F agarra (2m) a parte superior do pintainho	M olha F
03:04	<p>Não tem mais, não tem mais.</p>	M estende a base do pintainho a F;	

DND

03:07				
03:09				
03:13	É o porco! Como é que faz o porco? Como é que faz?	F agarra-a (1m) e volta-a, estica-se para a pousar sobre o grande brinquedo das teclas mas recolhe-a pousando-a a seu lado (entre si e M que recua as suas pernas) F pega (1m) no porco mantendo a parte superior do pintainho na outra mão; F sacode o porco; M tira-lhe o porco; F dá o pintainho a M que o aceita F olha o porco. M sacode o porco; F olha para a base do pintainho (no chão, ao seu lado); M agarra-a e monta o pintainho; F de mão assente sobre o porco olha M M pousa o pintainho; F olha os br à sua frente no chão; F entende o braço e pega (1m) num lego pela saliência M dá ligeiras pancadinhas na caixa dos legos; F olha a mão de M com o lego no ar F deita o lego na caixa, F retira-o, retira outro lego M dá pancadinhas na caixa dos legos	F olha M M olha F	
03:20				
03:22				
03:25	Arruma, arruma aqui.			
03:26	Aqui. Arruma.			
03:27	Arruma.			
03:29				
03:30				FIM

Narrativa_7P

Transcrição: Maria João Alves

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
03:34 03:35	É os peixinhos Ai lin_dos!		P mostra a F o quadro de enfiamentos de peixinhos F empurra ligeiramente o br, inclina-se para um grande br de teclas, pressionando umas teclas	P e F olham o br	Posição P: sentado, apoiado sobre um braço; 90º com F
03:39	Olha, está aí mais.		P pressiona várias vezes um pequeno br de teclas (barulho)		Posição F: sentada; as suas costas tocam as pernas de P
03:41 03:42	E o touro, como é que faz o touro? Como é que faz o touro?		F agarra (1m) no encaixe superior da vaca, leva-o junto à cara (2m) e olha o br F mostra a vaca ao pai, junto à cara dele (1m)	F-P contato ocular; P acena com a cabeça; voz entusiasta e viva	Objetos: sobre o tapete muitos br espalhados; legos e respetiva caixa, um quadro de enfiamentos de peixinhos;
03:44 03:45	diz ao papai como é que faz o touro?	Aaa	P pega no encaixe vaca, afasta-a da cara; F olha um br no chão; P toca duas vezes, ao de leve, o braço de F	F olha a câmara; Toque P-F	legos e respetiva caixa, um quadro de enfiamentos de peixinhos;
03:48	Ah, não tem nada.	Ah_a V+	F pega numa peça de encaixe (1m) e na caixa dos legos com a outra mão - levanta-a pousa-a no colo e espreita o fundo da caixa		quadro de enfiamentos de peixinhos;
03:50			F esboça o gesto de colocar a peça de encaixe na caixa, mas recua o braço	Irmã (!): arruma, arruma	brinquedos de encaixe (estilo matroskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca - macaco - porco - pintainho; um br de teclas a pressionar; um livro em material plastificado e de fácil "folhear"
03:54	Ó, vai tudo para dentro!		P coloca um lego na caixa e pousa o encaixe vaca		
03:58	Ai, lin_do!		F olha o br da irmã, guarda a caixa numa mão e uma peça de encaixe na outra	I pega no grande jogo das teclas e diz: ó P olha F	
04:00	Ó, ó, ó. Faz		P coloca uma peça de encaixe na caixa F retira da caixa a peça de encaixe (que P largou) e faz rodar um elemento (barulho); F mantém a sua peça de encaixe nas mãos mas olha atenta a peça que P lhe estende (a que fez barulho)	P voz contida, doce	
04:02 04:03	Mete o dedinho, ó. Mete		F pega na peça de P (1m), coloca-a na caixa, guarda a sua peça de encaixe inicial (1m)	F olha de relance o jogo de l	

Narrativa_7P

Transcrição: Maria João Alves

04:07	Há aqui mais, ó		P sacode um encaixe (barulho); F volta a cara, olha demoradamente. F agarra o encaixe, sacode-o, larga-o na caixa (1m); guarda sempre a peça de encaixe inicial (1m)	F olha de relance o jogo de l quando l o reposiciona no chão l estica-se e alcança o livro: olha!; P e F olham o br de l	adequados à idade de F. Local: aspeto de gabinete clínico
04:10	Arruma.		F estica o braço na direção do br de l mas P interpõe um novo encaixe que faz barulho e prende a sua atenção;	I: Olha.	
04:11	Arruma.		F agarra o encaixe (1m) e coloca-o na caixa (olha o br de l); P com um br -porco- na mão dá um ligeiro toque contra o braço de F	P e F olham o br de l 2º	
04:12	Está aqui mais.		P sacode o porco frente à cara de F	P-F toque indireto	Nota: Está presente uma irmã da criança; inicialmente sentada; ~60cm de F
04:16	Arruma		F agarra-o, coloca-o no cesto (olha o livro de l)	I: Olha	
04:19			P agarra o porquinho e sacode-o	I: Ai que lindo!	
04:22	Olha o porquinho, ó, como é que o porquinho faz?		F estica o braço para o livro, tenta agarrar, retira o braço levando-o à cabeça; a outra mão está dentro da caixa	P e F contato ocular	
04:25	Hah, não dizes nada hoje?		P mostra o porquinho; F olha o porquinho	Toque indireto F-P	
04:27	Ai que lindo!		F retira da caixa a peça de encaixe (1m) e observa-a de perto ~10cm;		
04:31	Dá cá ao pai		F manipula a peça (2m) e oferece-a a P (1m)		
04:35	Arruma		F levanta alto a peça na direção de P que a aceita;	F olha o fundo do cesto	
04:39	Ah lindo		F leva a mão à cabeça		
04:45	Arruma!		P dá "bruscamente" a peça a F;		
04:46			F põe de imediato a peça na caixa;		
04:47	Olha a vaquinha		F olha de relance a tampa de l e pega nela		I mostra o cesto vazio: Não tem mais!
04:52	Ai Jesus!		P encaixa a vaquinha;		
04:57	Aa (sussurrado)		F puxa o livro, agarra uma peça solta que lá está dentro (1m)	P olha F	
04:59	Ai que lindo		P mostra a F a vaca; F olha a vaca	F recebe um br de l	
			F olha o br que l apresenta, agarra-o (2m), beija-o	P sorri	
			P recolhe a vaca;		

Narrativa_7P

Transcrição: Maria João Alves

05:03	Ai que lindo, olha, olha. R^+				
05:05	Olha aqui, ó R^+				
05:07	(P fala entre os dentes para I)				
05:18	Já viste R^+				
05:19					
05:20					
05:29					
05:32					
05:36	Está para aí, não sei (R/ a I) R''				
05:39	Vê se não está aí dentro dessa caixa (R/ a I) R''				
05:45					
05:47	Então não sei (R/ a I) R''				
05:53					

F volta o br e espregueia o interior
 F leva o br à boca; F olha a vaca demoradamente.
 P pelas costas de F agarra o pintainho;
 F olha o pintainho, larga a peça que tinha
 F torna a agarrar a peça que largou; larga-a
 P volta uma pág. do livro;
 F toca o livro e pega numa peça solta;
 P tenta encaixar uma peça no livro
 F agarra uma peça do pintainho e larga; estica-se e
 toca o grande br de teclas com o indicador,
 pressiona uma tecla; olha a tampa da caixa dos
 legos;
 P levanta a tampa da caixa dos legos;
 F agarra-a
 P apresenta a F o br pequeno de teclas pousando-o
 longe no chão;
 F estica o braço em direção ao br das teclas;
 P coloca o porco em cima da tampa dos legos mas
 este cai;
 F estica o braço para alcançar o br das teclas
 P levanta o quadro de enfiamentos dos peixinhos e
 bate com ele no chão (barulho) sem o largar;
 F agarra e aproxima o br das teclas; olha o br que P
 tem na mão;
 P pouso o br no chão
 F passeia o olhar pelo chão à sua volta (exploração)
 F levanta o br das teclas que tem à sua frente,
 observa-o
 F olha novamente em seu redor

I retira a caixa dos legos
 P olha os gestos de F
 P e F atentos ao livro
 P e F olham I (que pergunta algo a P); P passeia o olhar no chão
 P olha a caixa dos legos
 P vare os br com o olhar
 P voz contida
 P voz contida

I interpõe um br no campo de visão de F: olha ali Nôô.

JEM

APND

Narrativa_7P

Transcrição: Maria João Alves

05:50				
05:53	Está aí (R/ a l) R ⁺	ni	F agarra a parte de cima do porco (1m) e com a outra mão toca o br das teclas; P afasta a tampa dos legos; F pousa a metade do porco; a outra mão continua em cima do br das teclas; F agarra um lego e leva-o à boca; P levanta br à procura da metade do pintainho; levanta metade da vaca e pousa-a; F chucha o lego; olha para l	P voz calma
05:55	Ah? Não está debaixo deste, aqui?			P voz firme olha F; F olha no ar; P tom de voz de aprovação
05:58	Não mete na boca!	ni	F tira da boca o lego	
05:59			P levanta metade do macaco e pousa-a	
05:60	Isso!	ni	F estica-se para alcançar (1m) o quadro de enfiamentos de peixinhos, toca-o; enfia a mão numa concavidade da tampa dos legos;	
06:01	(incompreensível: R/ a l)		F levanta a tampa e desvia-a para o lado; agarra a metade da vaca que leva em direção à boca – concha sobre a boca;	P voz entusiasta e calma; olha F
06:02			F pousa a vaca; olha atenta os encaixes nas mãos de l	F olha a câmara
06:08	Ai tanta coi__sa!	ni	F inclina-se para l, recua	P fala ao ouvido de F; F olha para br de l P olha a câmara enquanto imita
06:11	Oh! Como é que o touro faz, como é que o touro faz? Como é que é?	ni		
06:12	Faz um bocadinho, faz.	Uuuu		
06:13	Uuuu	Uuuu		
06:15	Chama o touro, chama	Uuuu		
06:19	Hei tou_ro!	ni		
06:20				
06:21				
06:23		Aaa	F apanha o br pequeno das teclas pela alça, movimento-o no ar com interesse visual e larga-o junto do pai;	F olha l; I avança a metade da vaca
06:25	Canta a canção da Joana, canta	Abu	F esboça um movimento de alcance da vaca	I sacode a metade da vaca; F olha l fixamente; P olha a interação I-F
06:28	A__ja__ail	ni	F estica-se e levanta-se ligeiramente do chão para alcançar a metade da vaca na mão de l; tenta agarrá-lo mas l não os larga;	
06:30	Canta. R+	ni		
06:31	Canta a marcha. R+	ni		
06:33	Olha o corpo da galinha, tu (fala R+)	Aaa (baixinho)		

ABND

BND

ABND

Vídeo 81

Interação Pai (P) – Filha (F)

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_7P

06:36	para I).		F senta-se e olha a metade da vaca; P estende a I o corpo da galinha; F olha a transação e presta atenção ao jogo de I; F inclina-se e tenta retirar os encaixes da mão de I, que os retém; observa demoradamente o jogo de I; F agarra num lego, leva-o à boca (2m), beija-o várias vezes; suga-o e morde-o olhando I a jogar. FIM	P e F observam I a jogar Toque P-F no braço (2 vezes) para chamar a sua atenção e inclina-se para ela	JEM
06:38	Canta a marcha da Joana, canta.	A+			
06:40	Ainda falta um aí (R/ a I)				
06:50	Ah? Ainda falta uma caixinha.	A+			

ABND

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
5:00	Hou!	↔	F tira para longe uma bola de peluche (1m)	M voz expressiva	Posição: M sentada no chão
5:03	Queres aquela?	(grita)	F inclina-se sobre um braço para se levantar;	M voz tónica	F sentado no chão sobre um tapete
5:04		(geme)	M estende a F outra bola de peluche; F olha, estica e enrolhe as pernas;	F cara zangada	
5:06		(tosse)	M aponta para outro br; F acena que não com a cabeça; F estica e enrolhe as pernas		Distância: as costas de F apoiadas no peito de M
5:08	Esta?		<u>M levanta-se para ir buscar o outro br</u>		
5:11		(geme)	M traz a F uma bola de peluche; senta-se de novo atrás de F; F olha e sacode o braço para desviar o br, desequilibra-se, torna a sentar-se		Objetos no chão: 4 bolas pequenas, 2 rígidas e 2 em peluche, 2 bonecos de peluche (tipo McDonald's); uma estrutura de plástico grande onde se enfiam formas diferentes, um br com botões que ao carregar faz ouvir frases: até logo.
5:13	Não? R ⁿ	(geme)	M tira uma bola rígida da caixa e estende-a a F; F olha-a; aperta as pernas, uma contra a outra;		À exceção dos peluches os brinquedos são adequados à idade de F
5:14	(sussurro inaudível)	(geme)	M pousa a bola junto à perna de F;		
5:18		Hum!	F pega na bola rígida que M pousou (1m) olha-a no chão;		
5:20			F deixa cair a bola que rebola na direção da câmara.	F voz de protesto; olha para bola que rebolou para longe	
5:21			F pega noutra bola (1m) e roda-a no chão.	M voz alta	
5:23	Oh!		M coloca uma das bolas de peluche na caixa;		
5:24	Ah! Olha a bola.		estica-se sobre os br para alcançar outra bola de peluche e coloca-la na caixa.		
5:25	Vem cá bola. Vem cá.		F sentado, sempre com a bola na mão, imóvel.	F cara contrariada ("olhar de testa")	
5:28	Diz: bo_la!				
5:30	Bo-la!				
5:31	Diz: bo_la!				
5:32	Diz: vem cá.				
5:33	Anda. Diz.				
5:36	Dá a bola à mamã.				

ABND

JM m JFC

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_8M

5:37	Queres que a mamã vá buscar a bola?	Hum... (sussurrado)	M faz um gesto a alguém para atirar a bola.	Local: salão de família
5:38	Queres que a mamã vá buscar a bola?		M põe-se de gatas para ir buscar a bola;	M e F lado a lado
5:39	Queres que a mamã vá buscar a bola?		M para e repete a pergunta olhando para F	
5:41	Queres, queres?		F olha a caixa com outras bolas;	
5:42				
5:43	Queres que a mamã vá buscar a bola?		M levanta-se; F bate no chão com a bola que tem na mão e olha atento na direção de M (afastada)	M longe de F (junto à câmara); posição frente a frente ~1,5m
5:47	Tu_u!		M atira a bola para as pernas de F	
5:49	Dá à mamã.		F agarra na bola (1m) sem largar a outra;	
5:50	Hou!		F atira a bola para o lado oposto, que rebola para longe e bate num armário	
5:52	Oh!	Hum... (gemido)	F inclina-se sobre si mesmo agarrando um pé, sem largar a bola; M aponta com o indicador a bola que F tem na mão; F olha a caixa dos br ao lado dele	
5:54	Dá essa, dá essa à mãe.		F põe a bola debaixo da perna;	M longe de F; frente a frente
5:56			M inclina-se para apanhar a bola que foi para junto ao armário e atira-a para as pernas de F	
5:58	Esta que tens na mão.	Ai! (grito)	F empurra a nova bola para M e agita as pernas alternadamente (estica e encolhe)	
6:00	Está muito birrinha,		M atira a bola para as mãos de F que logo a "defende" (1m) e fica debruçado sobre si mesmo com a outra bola sempre na mão	
6:01	birrinha parvoeta (comentário)		M atira novamente a bola para as pernas de F	M longe de F, frente a frente
6:02			F pega na bola (1m); levanta-a em simultâneo com a outra bola na outra mão	
6:03	Houps!	A_a (gritinho)	M aproxima as mãos em concha;	
6:04	A_a_a!	É_é (gemido)		
6:07	Hé_hé. (riso)			
6:10	Vá!			
6:13	Dá à mãe.	Hu_uu... (gemido)		
6:12	Atira a bola.			
6:16	Atira			

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_8M

6:17	Is_so.				M bate palmas; F sorriso feliz.
6:19	Viva! Viva o Pedro! <i>Elojio</i>				F "fecha" o sorriso
6:20	Dá a outra à mãe, dá. <i>R⁺</i>				M-F contato ocular
6:22	Olha! <i>A⁺</i>				M sorriso aberto;
6:23	Olha! Sou um grande <i>R⁺</i>				F cara séria
6:25	desconfiãdo, a olhar para a menina <i>R⁺</i>				M-F contato ocular;
6:27	Dá à mãe. <i>R⁺</i>				M voz simpática
6:30	Dá. <i>R⁺</i>				M sorriso aberto
6:31	Esta? Toma. <i>R⁺</i>				F voz de pedido
6:32	Oh! <i>V⁻</i>				M voz de decepção
6:33	Oh! <i>V⁻</i>				M voz de agrado
6:34	Duas! <i>R⁺</i>				F sorri
6:35	Uma, duas. <i>R⁺</i>				M olhos abertos e sobrancelhas arqueadas
6:37	Hé! <i>V⁺</i>				M longe ~1,5m; frente a F
6:38	Hé! <i>V⁺</i>				
6:39	Oh! <i>V⁻</i>				
6:41	O Pedro vai buscar aquela <i>R⁺</i>				F cara séria
6:43	A mãe vai buscar esta, <i>R⁺</i>				M cara expressiva/admirada
6:44	está bem? <i>R⁺</i>				F sério, expectante
6:47	O Pedro vai buscar aquela? <i>R⁺</i>				F sério, expectante
6:53	Ah! (contente) <i>V⁺</i>				F sorri abertamente ao ver aparecer a mãe com a bola
6:54					F para o sorriso olha M a rir
6:55	(M fala com alguém baixinho)				

AGND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_8M

7:35	Viva o meu Pedro!				
7:38	Ah! Viva!	<i>Elogio</i>			
7:40	Ai que linda	<i>R+</i>			
7:41	Oh!	<i>R+</i>			
7:42					
7:43	Ó, ó, olha aqui. (sussurrado)	<i>R+</i>			
7:46	Olha ali!	<i>R+</i>			
7:48	Pronto, pronto...	<i>R+</i>			
7:53	Eu vou buscar.	<i>R+</i>			
7:55					
7:57	Bolas!	<i>R+</i>			
8:00	Vai buscar bolas!	<i>R+</i>			
8:03	É!	<i>R+</i>			
8:03	É!	<i>R+</i>			
8:05	É, duas!	<i>R+</i>			
8:05	Duas bolas!	<i>R+</i>			
8:06	Jogar à bola. Hipá!	<i>R+</i>			
8:08	Que forte!	<i>Elogio</i>			

ABND

F balança os braços e põem-nos atrás das costas;
 F corre para M; M recebe-o de braços abertos,
 com uma bola numa das mãos, sorriso aberto;
 F pega na bola
 F atira a bola para longe;
 F e M olham para onde foi a bola
 M pega na bola e atira para cima do sofá
 M aponta para a bola;
 F volta-se para o sofá;
 F senta-se no chão e inclina-se sobre si mesmo.
 M aproxima-se de gatas e F para de chorar;
 F levanta a cabeça e olha a bola no sofá
 F levanta-se e vira-se, tenta subir para o sofá
 F apanha a bola, volta-se para M
 F mostra a bola M, avança com 2 bolas erguidas,
 uma em cada mão
 F atira com força as duas bolas para M
 M vai buscar as bolas longe

M voz tónica e alta; sorriso aberto; F sorri abertamente para M durante contato ocular F de pé; sorri para alguém. M voz carinhosa; sorriso aberto M sentada sobre os calcanhares

M voz baixinha; F olha M F cara franzida; M olha alguém e olha F; M voz alta M voz meiga

F voz satisfeita F-M contato ocular

M voz viva; sorridente F-M contato ocular; F sorri M bate as mãos; voz alta e entusiasmada

FIM

Tem po	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
8:08	Olha a bolinha.		P faz andar um carro ao lado de F	P voz suave	Posição: P sentado no chão sobre um tapete
8:11	Estás a ver a bolinha, estás?		F observa o rodar da bolinha sobre o carro	F cara séria; atento segue com o olhar o andar do carrinho	F sentado no chão
8:17	Estás a ver? Ó.		P levanta-se e faz andar o carro à frente de F	F sentado de pernas abertas	
8:19	Brum...		P aproxima o carro das mãos de F (apoiadas no chão); F imóvel		Distância: 1 braço
8:21			P faz andar o carro para trás e continua a demonstração à frente das pernas de F		Posição 90º
8:23			P leva o carro junto às mãos de F e larga-o		Objetos no chão: 1 carro que ao andar faz rodar uma bola, 1 bola grande, 1 bola pequena; uma grande estrutura de plástico onde se enfiavam formas diferentes fazendo ouvir frases; um xilofone; Brinquedos adequados à idade de F
8:25	Mexe, mexe.		F não reage logo, depois empurra o carro (1m) para longe, seguindo-o com o olhar (o carro fica perto da câmara de filmar)	P voz suave	
8:27	Brinca		F avança de gatas para ir buscar o carro	F sorriso tímido	
8:27	Como é?		F para a meio do percurso e olha para P	F cara satisfeita	
8:30	E agora?	(suspiro)	F baixa o olhar;	F cara franzida; P voz viva	
8:30	Vai buscar!	(gemido)	P vai buscar o carrinho, puxa-o para junto das pernas de F que não o agarra;	P voz firme; P-F contato ocular	
8:31	Vai buscar o carrinho.	Her! (sussurrado)	F esboça um gesto para agarrar o carrinho	Alguém ri na sala	
8:33	Vai buscar o carrinho.		P pega no carrinho e fá-lo rodar e senta-se, larga o carrinho	F sorri	
8:35			F estica-se e tira a bola do carro		
8:38			F levanta a bola para P		
8:40			F pousa a bola no encaixe do carro		
8:42	Lindo!		F empurra o carro para longe; senta-se	P olha F (que olha o carrinho)	Local: salão de família
8:43	É!		F vai de gatas buscar o carro	F-P contato ocular	
8:46	Mete, mete aí				
8:48	Ai_que_lin_do!				
8:49		(murmúrio)			
8:50	Vai buscar.				
8:51					

ABND

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_8P

Time	Transcription	Interaction Diagram	Context / Action	Participant Action	Observation / Note
8:52	Olha!	P → F	F empurra novamente o carro, para mais longe	F olha atento a pessoa/o carro	Alguém mexe no carro e lança-o para o meio da sala
8:55			F aproxima-se do carro		
8:57			P apanha o carro ainda em movimento e fá-lo andar a 1m de distância de F		
8:58			F senta-se		
8:59			P inclina-se e acende a televisão		
9:00	Vamos ver se esta Sra. trabalha?	P → F	F olha P fixamente	P olha F	Barulho da TV
9:05	Lindo!	F → P	P faz rodar o carro; F segue o movimento do carro e depois olha para a bola grande (+longe)		
9:06			P bate com a mão no tapete para indicar outro lugar para F se sentar	P voz calma	
9:09	Anda cá Pedro.	P → F	F acena que não com a cabeça, agita o corpo, volta-se e esperneia; deita-se no chão de barriga para baixo; P faz tocar um objeto	P voz viva	F: Expressão zangada/contrariada
9:12	Anda cá.	P → F	F levanta a cabeça em direção a P	P voz mais alta e firme; provoca um barulho (com um br?)	
9:13	Anda aqui.	P → F	F ainda deitado, apoiado nos braços, olha P.	P-F contato ocular	
9:13	Anda aqui!	P → F	F de gatas		
9:15	Anda aqui, ó!	P → F	P faz andar o carro. F senta-se.	P ri; F riso contrariado	
9:16	Não te lembras?	P → F	P estende a bola do carro para F	P-F contato ocular	
9:18			F remexe-se no seu lugar	P cara séria	
9:20	Tchil	F → P	F senta-se afastado		
9:21	Olha aqui, aqui.	F → P	P levanta-se e estende os braços para pegar em F	P voz calma olha F	
9:22	Pega a bolinha, pega.	F → P	F braceja;	F olha o tapete/bolinha no chão? P sempre a olhar F	
9:24			P pega F pelos braços, levanta-o, firma-o bem em pé;	P-F toque	
9:25	Assim não, anda cá.	P → F	P senta-se sem largar F por um dos braços	F faz beicinho?	
9:26	Anda cá ao pai.	P → F	P puxa F conta si (encosta-o à sua perna)		
9:27	Anda cá (sussurrado)	P → F	F oferece alguma resistência a ficar junto de P		
9:29	Anda pra lá. Vamos, vamos	P → F	P apresenta a bola a F (F preso pela outra mão		
9:30	Vamos para lá	P → F			
9:31	Assim. Rá	P → F			
9:31	Olha aqui	F → P			
9:35	Esse beicinho!	P → F			
9:35	Olha lá, pega	P → F			
9:37	Pega amor	P → F			

ABND

9:38	Não queres brincar? <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	contra a perna de P); F sacode a bola (1m), alça a perna para o colo de P e atira-se contra P; P envolve o corpo de F com um braço	P-F abraço
9:39	Não queres? Ó! <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	F deita-se de barriga para baixo no colo de P;	
9:40		<i>Ni</i>	P envolve F com os braços	
9:41		<i>Ni</i>	P coloca a bola no cesto da estrutura de plástico;	F posição de abraço a P
9:42		<i>Ni</i>	F acompanha a atividade abraçada a P	2°
9:43		<i>Ni</i>	F endireita-se para olhar a bola que caiu do cesto	P deixa o braço à volta de F; P e F riem (não há contato ocular)
9:46	Huo! <i>V⁺</i>	<i>Ni</i>	P vai para colocar a bola no cesto – F senta-se – P mostra-lhe a bola; F sentado olha de relance a câmara; P pega noutra bola	<i>—witemento</i> P e F contato físico
9:47		<i>Ni</i>	F olha a estrutura onde a bola entrou;	
9:48		<i>Ni</i>	P enfia a bola na estrutura mas esta não desce	
9:49		<i>Ni</i>	F observa. P envia outra bola em cima da 1ª e pressiona suavemente fazendo cair as duas bolas	
9:50		<i>Ni</i>	F sentado observa as duas bolas no chão	
9:51		<i>Ni</i>	P apanha uma bola; recosta-se sobre um braço	
9:52		<i>Ni</i>	F olha a bola na mão de P	
9:53		<i>Ni</i>	P estende uma bola para F	
9:54	É! <i>V⁺</i>	<i>Ni</i>	F olha a câmara	
9:55		<i>Ni</i>	F olha a bola nas mãos da P	
9:56		<i>Ni</i>	P pousa a bola (no chão estão 2 bolas)	
9:59	Mete a bolinha. Mete a bolinha ali dentro. <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	F sacode as bolas para longe	
10:00	Pedro. Mete a bolinha. <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	F junta as mãos no colo	
10:01		<i>Ni</i>	P enfia uma bola na estrutura.	
10:02	Mete a bolinha. <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	F olha a bola que caiu.	
10:03	Mete a bolinha aqui. Ó. <i>R⁺</i>	<i>Ni</i>	P apanha a bola; P puxa outro br	
10:04		<i>Ni</i>		
10:05		<i>Ni</i>		
10:07	(tosse)	<i>Ni</i>		
10:08	(tosse)	<i>Ni</i>		

ABND

JEM

V-

10:09					
10:10					
10:11					
10:12	Olha aqui, ó.	R+			Tom de voz: calmo
10:13	Olha aqui do Nody!	R+			F geme
10:14					
10:15					
10:16					
10:17					P olha para F P-E toque de F
10:19					
10:20	É do Nody!	R+			Tom de voz suave e entusiasta
10:21					P-E toque
10:22	Dá cá. Assim	R+			
10:24					
10:30	Faz lá	R+ AC			P-E toque; F atento ao br/brincadeira
10:32	Devagarinho no som.	R+			
10:33	Devagarinho, ó.	R+			P-E toque
10:38					
10:39					
10:40	Assim.	R+			
10:45	Faz assim.	R+			
10:48	Toca Devagarinho. Vá devagarinho	R+			F olha a estrutura de plástico
10:50	Isso. Ah lindo!	R+ Elogio			P voz suave
10:54	Devagarinho!	R+			P-E toque

ZDP

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_8P

10:55	Assim: up!				
11:02	Up! (...)	$R^+ V^+$			
11:03	Agora assim (...)	V^+			
11:08	Não sejas mau!	R^-			
11:12	É devagarinho, assim	R^+			
11:13	Devagarinho!	R^+			
11:15	Não queres?	R^+			
11:16	Olha aqui o martelo.	R^+			
11:17					

FIM

várias vezes

P larga a mão de F

F toca sozinho, com alguma força

F larga o pau (ou deixa cair o pau?)

P agarra o pau e toca novamente sozinho

P põe o pau na mão de F que o aceita

F corre as teclas com o pau várias vezes

F para de tocar e esperneia

P recosta-se sobre o braço, agarra o martelo

P apresenta o martelo a F

FIM

P voz calma

Toque P-F

F grita

F sempre encostado a P

53

40

2DP

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
03:14	O Mickey Mousse, é? O Mickey Mousse?		M mostra a F uma forma de encaixe, com a aplicação virada para cima (Mickey); pausa-a e aponta sobre a aplicação; F leva a mão a dois br com teclas de encaixe, toca num e depois no outro; F leva as mãos ao cesto para agarrar uma caixa grande;	M voz suave; olha F	Posição M: sentada no chão a ~45º com F; Posição F: sentado no chão
03:16	E a vaca, hum? Qué da vaquinha?		F larga-a; volta-se para duas peças de encaixe no tapete, ao lado de M, olha à sua volta		Distância: os corpos tocam-se
03:18	Hum?		F olha os br das teclas, volta-se mais para trás e vê a vaca;	M voz baixinha	Objetos: várias formas de encaixe umas nas outras; dois br de teclas para pressionar; um brinquedo de encaixe (tipo matrioskas russas)
03:21	Qué da vaquinha?		F toca-a (1m)	F sorri; M sorri	com vários animais; um cesto com br: um quadro com enfiamentos de peças; uma caixa plástica com legos grandes; um quadro com enfiamentos de animais. Todos os br são adequados à idade de F.
03:24	Ah!...A vaquinha!		F agarra a vaca (2m), levanta-a, volta-se e mostra-a a M; M aceita com as duas mãos		
03:25	Como é que ela faz?		F volta-se para os br das teclas, olha atrás de si os encaixes	M sorri; olha F	
03:26	Como é que a vaquinha faz?		M pausa a vaquinha		
03:28			F pega num encaixe, trá-lo a si e toca a aplicação com os dedos	F de costas para M	
03:29			M "espreita" a peça nas mãos de F; F olha outro encaixe atrás de si; volta a manipular a peça de encaixe que tem nas mãos	M inclinada para F	
03:31	Hum!		F volta-se e apanha o outro encaixe (1m); arrasta o encaixe para si; M pega num encaixe maior		
03:34	Hu...hu...(chamada de atenção)		F levanta o encaixe (1m) e sacode-o (barulho)	F olha a câmara; sorri	Local: aspeto de gabinete clínico
03:35			M põe um encaixe maior à frente de F	M inclina-se para F (riso)	
03:38			F sacode os dois encaixes, um em cada mão		
03:40					
03:46					
03:47					
03:49					

			contido)
03:53			
03:54			
03:55	E a vaquinha como é que faz?	F ainda a sacudir dirige o olhar para a vaca e depois para os outros encaixes no chão	
03:56			
03:57			
04:00			
04:03			M observa
04:05			
04:09			
04:11			
04:14	O que foi Marco, ah?	F quase imóvel	F olha a câmara F olha demoradamente para a câmara (de alto a baixo) M voz calma; sorri
04:17	O que é que o Marco está a ver, ah?		
04:18	O que foi Marco? É uma senhora, é?		
04:22	O Marco não quer brincar, não?		
04:24			
04:26			
04:27	Ah!		
04:28	A vaquinha's..		
04:33			
04:34	O Mikey Mousse, é?		
04:35			
04:36	O Mikey Mousse?		
04:37			F sentado de costas para M

Vídeo 40

Transcrição: Maria João Alves

Interação (M) – Filho (F)

Narrativa_9M

<p>04:39 04:40</p>	<p>O Mickey Mouse R^+ Ah!... V^+</p>	<p>M roda a aplicação (barulho); F observa a ação de M e depois a aplicação do encaixe que ele próprio tem na mão (a mesma aplicação)</p>	<p>M ajeita a sua própria posição no chão (recolhe a perna)</p>	
<p>04:47</p>		<p>F pousa o seu encaixe, olha o pé de M e depois o cesto dos br; F olha os br de teclas à sua frente M ajeita os encaixes no chão</p>		
<p>04:49</p>		<p>F pressiona as teclas de um br (1m) mantendo um encaixe na outra mão; pressiona as teclas do outro br de modo mais energético</p>	<p>M observa, cara séria</p>	
<p>04:50</p>		<p>F agarra um br de teclas; F estende o br a M, que o aceita M pousa-o no chão</p>		
<p>04:53</p>		<p>F pressiona várias vezes uma tecla com o indicador (sons); guarda ainda um encaixe na outra mão</p>		
<p>04:54</p>	<p>(solução?) E é! V^+</p>	<p>F olha para o outro br de teclas (que não tem música!)</p>		
<p>04:55</p>	<p>Vamos ver. R^+</p>	<p>F pressiona (1m) as teclas de um outro br</p>		
<p>04:57</p>	<p>Hum! R^+</p>	<p>F agarra (2m) a peça de encaixe que tinha; observa atentamente; sacode o encaixe (barulho)</p>		
<p>04:58</p>	<p>Eina! R^+</p>	<p>F olha o br de teclas</p>	<p>M observa</p>	
<p>04:59</p>		<p>F olha o encaixe nas mãos; movimenta os dedos em cima da aplicação; leva o br para o lado e larga-o enquanto olha outro br das teclas (ou um outro encaixe?); M endireita um encaixe que caiu (barulho)</p>		
<p>05:00</p>	<p>Tem música. R^+</p>	<p>F toca num outro encaixe; olha o encaixe que M posicionou e esboça o gesto de o tocar mas recua; avança novamente a mão mas M também o agarra e agita (barulho)</p>	<p>M passa a mão no rosto</p>	
<p>05:03</p>				
<p>05:05</p>				
<p>05:06</p>				
<p>05:08</p>				
<p>05:09</p>				
<p>05:11</p>				
<p>05:12</p>				
<p>05:13</p>				
<p>05:14</p>				
<p>05:15</p>				
<p>05:16</p>				
<p>05:17</p>			<p>M-F toque</p>	

JEM

MND

05:18		M		As mãos de M e F tocam-se	
05:22			M põe o encaixe à frente de F		
05:24			F toca no encaixe, movimenta os dedos sobre a aplicação o que movimenta também a peça (barulho)		
05:25			F toca na aplicação de outro encaixe e movimenta os dedos em cima da aplicação	M observa	
05:27			F olha outro encaixe mais longe, estica-se e tenta apanhá-lo com a outra mão mas apenas volta a peça;	F olha a câmara	
05:28			F toca no br das teclas e pressiona várias vezes com a palma da mão;		
05:31			M pega na peça de encaixe que estava longe e mostra-a a F (~15cm dos olhos); F continua a bater nas teclas; desvia o olhar para o br das teclas;	F olha M	
05:33	Não quer?	M	M vai para pousar o br mas mostra-o novamente a F; F olha e ri	F e M sorriso aberto	JEM
05:34			F pressiona o br das teclas; M pouso o encaixe		
05:35	Ah, ah (ri)	M	F continua a pressionar as teclas do br (2m)		
05:36	É o bebé Elogio	M	F agarra o br das teclas (2m); pressiona de novo (2m)		
05:41			F toca a caixa dos legos dentro do cesto, puxa-a para a tirar do cesto (2m)	F continua de costas para M	
05:44			F tira a tampa da caixa dos legos e dá a M		
05:46			M aceita a tampa e observa-a		
05:47			F esprieta dentro da caixa dos legos		
05:48	Olha!	M	F "retira-se" do cesto e olha o br das teclas		
05:49			M pouso a tampa (barulho)		
05:50			F pressiona as teclas do br; volta-se para ver a		
05:53					
05:55					
05:57					

Vídeo 40

Interação (M) – Filho (F)

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_9M

05:59				
06:00			tampa;	M ar pensativo
06:01			F leva a mão à caixa dos legos, retira do cesto, pousa-a sobre o br das teclas, olha a caixa	
06:03			F pressiona as teclas e olha um encaixe	
06:04			F debruça-se sobre o encaixe, observa a aplicação e percorre-a com o indicador	
06:06			F levanta o encaixe (1m) e olha outro encaixe	
06:07			mais pequeno ao lado, inclina-se sobre ele para ver a aplicação; olha para a aplicação do encaixe maior e pousa-o	
06:08			F pressiona as teclas do br	
06:09			F olha o cesto	
06:13		(suspira)	F pega em 2 legos encaixados e levanta-os; tenta desmontar os encaixes (sem sucesso); larga-os dentro da caixa; olha os br no chão com a mão	
06:14			dentro da caixa dos legos; tira novamente a peça que tinha pousado mas que agora sai sem o outro lego encaixado; larga-a	
06:17			FIM	M coça a cara

JFM

DND

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
00:10			F tem um br de encaixe entre as pernas; leva a mão ao cesto (a seu lado) para tirar um br; não consegue levantá-lo;	O braço de P está atrás das costas de F	Posição P: sentado no chão a ~45º com F; Posição F: sentado no chão
00:12	Olha aqui		P bate com o dedo no br de encaixe (vaca)	P olha F	Distância: os corpos tocam-se
00:13			F tira outro br do cesto: um br de teclas		Objetos: um brinquedo de encaixe (tipo matrisokas russas) com vários animais; dois br de teclas a pressionar;
00:15	Este é igual ao teu ó?	É	F traz a si o br; P ajuda F a pousar o br no chão	F olha a atividade de P	um cesto com br: um quadro com enfiamentos de peças; uma caixa plástica com legos grandes; várias formas de encaixe umas nas outras; um quadro com enfiamentos de animais. Todos os br são adequados à idade de F.
00:22			F puxa outro br do cesto, com força, arrastando o cesto para si;		
00:23			P pressiona uma tecla do br		
00:24			F puxa novamente o outro br de dentro do cesto		
00:25			P pressiona várias teclas do 1º br (sons)		
00:27			F não consegue levantar o br do cesto; P toca outras teclas (sons); F olha atento o br de P		
00:28		Hum!	F levanta o br de encaixe que tem entre as pernas; endireita-se, olha de relance o br de P		
00:29			F fixa o olhar no seu br (a vaca) fazendo-o rodar entre as mãos;	P olha o br de encaixe de F	
00:30	É uma vaquinha preta?		F pousa a vaca com cuidado;		
00:31	É!		F toca no br de teclas inicial; apoia uma tecla com a palma da mão, sem sucesso;	F afasta-se um pouco (distância 1 braço); P esboça um movimento de ajuda	
00:32			F inclinado sobre o br apoia várias teclas sem sucesso; endireita-se, leva a mão ao cesto; toca o br que não conseguiu tirar antes; pega noutro puxando com força (arrasta o cesto)		
00:36			P apoia o br para o desencaixar;		
00:38			F agarra-o, levanta-o, roda-o no ar (1m)	F olha a câmara	
00:39	Tira (sussurrado)				
00:40					
00:41					
00:43	Chiça!			F olha a câmara; P sorri	
00:44					
00:47					
00:49			F agarra o br (2m), olha de relance o cesto; roda o	F olha P – contato ocular	Local: aspeto de gabinete clínico

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_9P

00:51	Chiaça! A^+	Hum, hum!	br entra as mãos; P senta-se na cadeira	Distância: mais de um braço
00:53	O que é que foi filho? R^+	Hum.	F olha atento o br entre as mãos;	F olha a câmara
00:59	(tosse)	Hum!	F olha algures	
01:03	Ó! R^+		F bate numa tecla do outro br que faz barulho	F sorri para a câmara
	Tim! R^+		F agarra (2m) o br	
	Tim-tlom! R^+		F bate novamente nas teclas produzindo sons (1m); guarda o outro br numa mão	F olha a câmara
01:08	Devagar R^+		F bate com força numa tecla e sorri para P	F-P contato ocular
	Devagar!		F sorridente olha o tapete à sua volta	F-P contato ocular
01:12	Dá o outro. R^v		P aponta para outro br no cesto	
01:15	Dá aquele verde, ao pai. R^v		F bate noutra tecla	
01:16			F toca na vaca	
01:18				
01:23	Isso é a vaquinha! R^+	Hum!	F acena ligeiramente um "não" com a cabeça	
01:24	Como é que faz a vaquinha? R^+		F toca um br das teclas (dos sons) e depois o outro (que não produz sons)	
01:25	Hum? Como é que é? R^+		F toca na vaquinha (1m); na outra mantem o outro br (uma peça de encaixe vermelha)	
01:26			F pressiona uma tecla do br dos sons e outra tecla do outro br;	
01:28	Faz muu! R^+		F faz pressão na vaquinha (como para ela dar som); leva a mão ao br das teclas sem o tocar; pressiona a vaca com força	F olha ao lado da câmara
01:29	Muu! R^+			F olha a câmara
01:32				F olha a porta
01:35		Ah... (do esforço)		F olha o cimo da parede da sala
01:40				P olha o cimo da parede da sala
01:43	Ei! V^+		P abre as mãos (sobre os joelhos) para F	
01:44	Filho! R^+			
01:45	Então? R^v			
01:46				

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_9P

01:47					
01:50	Estás a ver o relógio, é?	R ⁺			F olha P; P olha F e ri
01:51	É!	R ⁺			F olha o cimo da parede da sala
01:52					P e F olham o relógio
01:54	Olha!	R ⁺			P olha de sosiaio a câmara; mexe-se na cadeira
01:57	Olha aquele, olha aquele jogo.	R ⁺			P voz calma
01:59	Olha o jogo.	R ⁺			
02:01	Olha o outro jogo.	R ⁺			
02:02					F olha algures no chão
02:04	Há mais jogos filho!	R ⁺			F-P contato ocular
02:05					F olha o teto
02:08	Estás todo envergonhado hoje!	R ⁺			F olha P; P voz mais entoada; ri
02:13	Está todo envergonhado o bebé!	R ⁺			F-P contato ocular – riem -
02:15					
02:17					
02:18	O bebé está muito envergonhado, hoje	R ⁺			
02:23	Não é? Então?	R ⁺			P coça a barba
02:26					
02:28					
02:30					F passeia o olhar sobre os br
02:33	Não tem mais, não?	R ⁺			F-P contato ocular
02:34					P continua sentado na cadeira

9P

JEM

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_9P

02:36	Qu' é dos outros? R+			F olha P
02:38	Olha outro bonito ali, ó! R+			
02:40	O ursinho. R+			
02:42	O ursinho, o coelhinho. R+			
02:46				
02:48				
02:49				
02:50	Mickey Mouse R+			
02:53				
02:54	Mickey Mouse R+			
02:55				
02:58	E este? R+			P "espreita" para ver o br
03:03				
03:05				
03:06				
03:07				
03:08	Olha! R+			
03:09	Olha. R+			P voz calma
03:09	Olha. R+			
03:12				

F espreita para dentro do cesto; mãos apoiadas nos br anteriores
 F leva a mão ao cesto e retira um encaixe grande; caem os encaixes (os menores)
 F observa a aplicação em cima do encaixe (~15cm dos olhos); agarra com 2 mãos e sacode (barulhinhos);
 F volta o br, olha por dentro, pausa-o com cuidado ao seu lado (vê-se a aplicação)
 F leva a mão ao cesto
 F retira um encaixe que tinha caído, agarra com 2 mãos, observa a aplicação (~15cm dos olhos), roda e volta-o para ver por dentro,
 F pausa o br sem olhar onde pois já olha para o cesto e tira outro encaixe (1m); levanta-o
 F olha para o novo encaixe numa mão e para o anterior na outra; hesita onde posar o encaixe anterior e pausa-o;

F agarra o novo encaixe (2m), observa de perto a aplicação que tem em cima (~15cm dos olhos), roda-o

FIM

DND

JEM

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
19:17	É uma cor-de-rosa não é?		F tem um br de teclas nas mãos apoiado sobre os joelhos; levanta o br e manuseia;	M voz calma e suave	Posição M: lateral com F, sentada
19:20	É! Faz barulho esse?	A cau V ⁺	F apoia o br sobre os joelhos e pressiona as teclas com o polegar (provoca sons)	M voz entusiasta	Posição F: de joelhos Distância: ~20cm
19:21	Ó faz!	R ⁺	F toca uma peça saliente (dedos)	M voz decepcionada	Objetos: um jogo de teclas que emitem sons ao serem pressionadas; cesto com brinquedos
19:24	Hum?	R ⁺	F pressiona cuidadosamente essa peça saliente (sem a conseguir prender);	M observa atenta	vários: encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco – porco – pintainho; um quadro com enfiamentos de peças; um livro em material plastificado e de fácil “folhear”
19:25	Oh, não faz barulho esse!...	R ⁺	F pressiona outra peça saliente (sem êxito);	M atrás de F, reclinada; fala “ao ouvido” de F (muito próxima)	brinquedos adequados à idade de F.
19:27	Hum!	R ⁺	F torna a pressionar a peça anterior	M fica perpendicular a F; fala “ao ouvido” de F (muito próxima) com voz suave	
19:28	Ai que lindo! (sussurrado)	R ⁺	F puxa a última peça com cuidado		
19:29	Assim.	R ⁺	F pressiona várias vezes as diferentes peças, sempre com cuidado (dedos) mas sem êxito		
19:30	Hum!	R ⁺	M muda de posição para ver melhor/alcánçar o br ; F continua a pressionar as peças		
19:31		R ⁺	M ajeitar-se no chão (sentada)		
19:33		R ⁺	F olha o cesto dos br à sua frente; M inclina-se sobre F;		
19:38	Mostra à mãe	R ⁺	F toca uma tecla (polegar), mas sem força para produzir sons		
19:39	Ai esse não faz barulho!	R ⁺	F retorna as peças salientes pressionando: uma fica presa outra não; passa os dedos em torno de uma peça presa		
19:40	Onde é que faz barulho, onde é que faz?	R ⁺	F toca uma peça presa (que acaba por soltar-se) e ergue um pouco o br		
19:42	Onde é que faz o som?	R ⁺	F pressiona a mesma peça que não prende		
19:43	Ai é difícil!	R ⁺			
19:46	Essa está presa, está?	R ⁺			
19:53	Hum?	R ⁺			
19:54	Essa também está presa.	R ⁺			
20:00	Ah despegou	R ⁺			

Nota: M olha F mas não há contato ocular visível (a posição de F não permite ver); também só se consegue ver um sorriso de F

Transcrição: Maria João Alves

Narrativa_10M

20:02	E a outra está presa. $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$	F levanta o br à altura os olhos e toca a peça com o polegar	M voz compadecida
20:03		$R^+ \rightarrow$	F passa os dedos em torno da peça que não ficou presa (br a ~10 cm dos olhos) toca suavemente as teclas (sem produzir sons); descai um pouco o br	
20:04	A outra ficou sempre para baixo foi?	$R^+ \rightarrow$	E contempla	
20:05		$R^+ \rightarrow$	F pressiona devagar e com firmeza uma tecla sem som; passa o indicador à roda da peça; a peça solta-se	
20:06	Hum! $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$	F pausa o br; pressiona com a palma da mão a peça, sem sucesso; contempla o br	
20:07		$R^+ \rightarrow$		
20:09	Hum. $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$		
20:10		$R^+ \rightarrow$		
20:12	Olha! Voltou para cima. $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$		
20:14		$R^+ \rightarrow$		
20:15	Hum? $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$		
20:16		$R^+ \rightarrow$	M retira a vaca (br de encaixes) do cesto	M ajeta-se no chão
20:18		$R^+ \rightarrow$	M observa a vaca; F passa os dedos sobre as peças;	
20:20		$R^+ \rightarrow$	M manipula a vaca causando barulho; F volta-se para M para ver a vaca (mão em cima do br das teclas)	
20:21		$R^+ \rightarrow$	M tenta abrir a vaca	
20:22		$R^+ \rightarrow$	F levanta-se ligeiramente; toca a vaca	
20:23	É para abrir? Será? $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$	M abre a vaca	
20:24		$R^+ \rightarrow$	M oferece o br aberto a F (vê-se outro br dentro)	M voz suave
20:25	O_hi $R^+ \rightarrow$	$R^+ \rightarrow$	F larga o br das teclas e tenta pegar o br encaixado dentro da vaca (2m), sem sucesso	M voz sussurrada
20:26		$R^+ \rightarrow$	F agarra a metade da vaca com o br dentro	
20:28	Temos aqui uma surpresa!	$R^+ \rightarrow$	F pausa o br sobre os joelhos	
20:30	Que surpresa!	$R^+ \rightarrow$	F volta o br	
20:31	L_sso!	$R^+ \rightarrow$	(cai o outro encaixe que estava dentro)	
20:33	Hum?	$R^+ \rightarrow$	F levanta a metade da vaca (o outro br rola para longe)	F voz entusiasta
20:36	Olha, outro!	$R^+ \rightarrow$		
20:37		$R^+ \rightarrow$		

Nota: M olha F mas não há contato ocular visível (a posição de F não permite ver); também só se consegue ver um sorriso de F

20:38 20:39				F olha o br que rolou mantendo as metades da vaca nas mãos	M voz assertiva
20:41	Diz adeus! (ri)	Oh... Pá. Ue.		F levanta-se um pouco sobre os joelhos F olha para alguém atrás de si	M ri
20:42 20:43	Ó pai			F agita um pouco as pernas (dobradas por baixo de si)	M ri para alguém (pai) e acena com a cabeça como dizendo para ir buscar o br; ri de novo.
20:45	Ah?			F olha atento a metade da vaca que tem na mão F vai para pousar a metade da vaca que observava mas deixa-a cair;	Alguém vai buscar os br que rolaram para longe de F
20:48	Obrigada.			F apanha a metade da vaca	M sorridente
20:49				F larga a metade da vaca para apanhar o br que lhe foi trazido; a metade da vaca rola para longe	
20:50				F tenta agarrar o br (1m) que lhe escorrega	
20:51				F observa o br que balança	
20:52	Hum?			F agarra o br (1m) mantendo a metade da vaca na outra mão	F fixa o olhar na "câmara"
20:53				F arrasta o br para si	M sorridente
20:54	Obrigado.				
20:55				F olha no chão o br das teclas	
20:56				F pousa ao seu lado a metade da vaca	
20:57				F arrasta o br (1m) e depois agarra-o (2m) mantendo-o assente no chão	
21:05				F roda o br e coloca-o sobre os joelhos, torna a rodar para ver a base	
21:06				F aponta para a metade da vaca;	
21:07	É.	Agá, agué		F acena com a cabeça que sim	
21:09	Aquele?			M estica-se e alcança a metade da vaca	
21:10	Ó, vê se tem mais algum aí.			F mantém o outro br nas mãos	

Nota: M olha F mas não há contato ocular visível (a posição de F não permite ver); também só se consegue ver um sorriso de F

Vídeo 41

Transcrição: Maria João Alves

Interação (M) – Filho (F)

Narrativa_10M

21:12	dentro. Vê se tem mais algum. R+	F observa o br que tem nas mãos	
21:13	Vê se tem mais surpresas R+	roda o br	
21:14	Como é que se abre? R+	observa por baixo	
21:15	Como é que se abre? R+	F apoia o br nas pernas e puxa para abrir	
21:18	Vê se consegue abrir. R+	F levanta o br (1m) e tenta puxar com a outra mão	
21:20	Up força. Força R+	F volta-se e agarra outro br - metade da vaca	
21:23	É difícil? Espera. R+	M agarra no br que F não conseguiu abrir e estende uma metade voltada para ele; F olha	
21:24	Olha. R+	F tem nas mãos a metade da vaca;	
21:25	Força R+	M abre o br mas junta as metades mostrando a F ainda fechado; F fixa o br e toca-o	M voz entusiasmada
21:27	Ah! V+	F agarra (2m) o br largando a metade da vaca (M aceita a metade da vaca)	
21:30	Vá lá. R+	F roda o br, olha-o atentamente	
21:31	Puxa, puxa a cabeça R+	F (ou M ?) tira a cabeça e vê-se outro br dentro	M voz suave
21:32	Ai! R+	F guarda a metade anterior numa mão e toca o novo br com a outra mão	M voz entusiasmada, melódica, sorridente
21:34	Um porqui_nho! R+		
21:35	Ah? R+		
21:36	Ai o porquinho! Ro_ro_ro R+	F apanha (1m) o novo br; retira-o do encaixe (1m)	
21:37	Ro_ro_ro_ro R+	F pouso o porco no encaixe (ainda nas mãos de M)	
21:39	Hum! Ro_ro_ro R+	F retira o porco e volta-o para ver por baixo; volta a pousar (1m) no encaixe; aproxima a metade do encaixe anterior	
21:40	Como é que faz o porquinho... R+	F cobre o porquinho com a metade do encaixe anterior (o br está nas mãos de M)	
21:42	Ro_ro_ro_ro R+	F observa o seu "encaixe"	
21:42	Hum? R+		

Nota: M olha F mas não há contato ocular visível (a posição de F não permite ver); também só se consegue ver um sorriso de F

Vídeo 41

Transcrição: Maria João Alves

Interação (M) – Filho (F)

Narrativa_10M

21:47	Hum? V^+	Ro_ro_ro_ro V^+	F destapa novamente o br e observa	
21:49	Ah? E a vaquinha, como é que faz a vaquinha? R^+		F mantém o encaixe na mão; M mantém o porco na mão	
21:50	Hum? R^+		F coloca a sua metade sobre o porco, retira, pega no porco (1m);	
21:51	E o patinho? Não tem nenhum patinho? R^+		F observa o porco	
21:55	Olha! R^+		M sacode o porco junto ao ouvido (barulho)	
21:58	Tem mais uma surpresa. R^+		F guarda a metade do porco numa mão; olha para a metade da vaca que está no chão;	
22:00	Abre a surpresa. Abre. R^+		M estende o porco a F. F pouisa a sua metade F agarra no porco (2m) e puxa; M não larga o br	M voz melodiosa e entusiasta
22:02	Vá. Abre. Força, R^+		M abre o encaixe mas deixa F retirar a tampa	
22:07	Isto é muito difícil! Força. Ah! R^+		M mostra a galinha a F levantando-a um pouco acima da base anterior; F olha fixamente e toca a galinha;	M ri
22:10	Oh! Olha a galinha! R^+		F olha a metade do encaixe porco e aproxima da galinha em posição de encaixe	F sorri
22:11	Como é que faz a galinha? R^+		F retira o encaixe porco	M ri
22:12	Ah? V^+		F agarra com a outra mão a galinha	
22:14	Ah, a galinha está doida Simão? R^+		F larga o encaixe porco e pega na galinha	M canta
22:17	Doidas, doidas .. R^+			
22:19				
22:20				FIM

Nota: M olha F mas não há contato ocular visível (a posição de F não permite ver); também só se consegue ver um sorriso de F

Tempo	Vocalizações do adulto	Vocalizações da criança	Ações	Afetos	Contexto
22:21			P tem na mão um br de teclas e F toca nele	P olha F	Posição P: 95º com F, recostado sobre um braço
22:22			P toca uma tecla que provoca a saída de uma peça em cima; P leva a mão à boca	P expressão de "surpresa"	Posição F: de joelhos
22:23			F olha o br e pressiona uma tecla (de baixo)		Distância: ~20cm
22:24			P pressiona uma tecla duas vezes (de baixo)		Objetos: dois jogos de teclas que emitem sons ao serem pressionadas; cesto com brinquedos
22:25			P pressiona as 4 peças de cima, uma após outra e apresenta o br a F		vários: encaixes (estilo matrioskas russas), com quatro peças de plástico relativamente grandes, fáceis de manusear: vaca – macaco - porco – pintainho; um quadro com enfiamentos de peças; um livro em material plastificado e de fácil "folhear"
22:26					brinquedos adequados à idade de F.
22:28	Estás a ver?		F pressiona um botão com o indicador, várias vezes; mantém o dedo sobre ele		Local: aspeto de gabinete clínico
22:29	Carrega lá, carrega para veres o que aquilo faz!		P aponta tocando uma tecla para F pressionar		
22:30	Força, força.		F pressiona uma peça de um outro br de teclas que está no chão, ao seu lado;		
22:33	Carrega neste.		F retoma o br que está na mão de P (2m) pressiona uma tecla com êxito, depois outra também com êxito		
22:34	Carrega neste que este aqui vai dar				
22:37	Esse é mais fácil!				
22:38	Ah! Estás a ver! Eina, pimba! Tumba!		F olha satisfeito para o br	P olha F	
22:39			F aperta (pinça) uma das peças que levantou		
22:41			F pressiona essa peça		
22:44			F pressiona, em simultâneo, com o outro indicador, outra peça; P indica uma tecla		
22:46			F retira os dedos: só uma peça ficou presa		
22:48			F pressiona uma tecla cuja peça de cima está solta; P indica outra tecla a F; P prende a peça correspondente à tecla que F pressionou	P ri com satisfação; olha F demoradamente	
22:49	Carrega, carrega neste botão aqui		F agarra no br (1m) e pressiona uma tecla		
22:50	É além		F passava os dedos pelo cimo das peças que estão		
22:52	É o outro ali				
22:56	Faz tu.				
22:58					

23:02 23:03			presas; F pressiona a peça que está solta, sem êxito P limpa a boca de F (com a mão); F desvia-se um pouco para continuar a ver as peças que está a pressionar	P olha F
23:05 23:06 23:07	R+ Já viste! Já viste! Tão giro!		F pressiona com a mão duas teclas, obtendo êxito P olha o cesto dos br; F toca nas teclas P retira do cesto o br dos enfiamentos	P olha F; tom de voz entusiasmante; sorri "orgulhoso"
23:08 23:09 23:11 23:12 23:13 23:14			F para e olha o novo br que P coloca ao lado do seu; F ergue-se um pouco sobre as pernas P apoia o br dos enfiamentos contra o cesto F ergue-se completamente sobre as pernas e inclina-se para o novo br; P estende para F o br e pressiona um botão que causa barulho; F senta-se novamente, agarra o br (2m) F observa demoradamente o novo br, pausa-o (2m) sem o largar F faz rodar os enfiamentos com os dedos de ambas as mãos (em alternância) F aproxima da cara o novo br e observa	P olha F, com cara de "espanto" devido ao barulho
23:16 23:17 23:19 23:20 23:23	V+ Ah!		P pressiona teclas do br anterior	P sorri "orgulhoso"
23:24 23:25	Olha aqui.		P levanta o br das teclas e faz barulho a pressionar as teclas à vista de F; F olha o br de P e baixa o br dos enfiamentos F olha o br dos enfiamentos; P orienta o br das teclas para F, com as teclas todas presas F estende o indicador e pressiona uma tecla com êxito; F estende o indicador e pressiona outra tecla sem êxito P olha a ação de F depois o cesto dos br e alcança	P olha F; cara séria
23:27 23:30 23:32 23:33 23:34				P olha F; sorri "orgulhoso"

A6ND devido a P!

23:35	O que é que temos mais aqui? <i>R+</i>		uma caixa de legos grandes; F continua a pressionar a tecla "difícil"	
23:36		<i>ni</i>		
23:37	O que é que temos mais aqui? <i>R+</i>	<i>ni</i>	F olha para P que tenta retirar outro br	
23:38		<i>ni</i>	P provoca algum barulho a retirar o br; F observa a ação de P	JEM
23:39			P entrega a F o br: encaixes de plástico; F aceita (2m) e pousa por cima do br dos enfiamentos	
23:40			F retira (1m) o encaixe mais pequeno e leva-o para o seu lado; P retira o encaixe intermédio e observa por dentro e por fora; F sem pousar o encaixe leva-o para o outro lado (entre si e P)	
23:42	Lá, lá, lá! Faz. <i>Rw</i>	<i>ni</i>		
23:46	Faz, faz!	<i>ni</i>		
23:47				
23:50	Lá, lá. <i>Rw</i>	<i>ni</i>		4°
23:51			F pega (1m) noutro br (metade inferior da galinha) que estava pousado nesse lado; tem um encaixe em cada mão; larga o 1º e pega (2m) no 2º	JEM
23:53	O que é que vais meter ali agora? <i>Rw</i>	<i>ni</i>		
23:57	Não tem nada aí dentro? <i>Rw</i>	<i>ni</i>		
24:02		(tosse) » »	P põe a mão à frente da boca de F	
24:04	Pronto! <i>R+</i>	<i>ni</i>		
24:05	É. Santinho!	<i>ni</i>	F olha na direção da câmara	P olha F
24:06			F olha a metade da galinha	P sorri
24:07	Ah? <i>V+</i> <i>R+</i>	<i>ni</i>		
24:09	Faz assim, ó. <i>R+</i>	<i>ni</i>	P agarra na metade do porco; pousa-a	
24:11	Como é que isto faz? <i>Rw</i>	<i>ni</i>	P agarra num encaixe e sacode (barulho)	P olha F
24:13	Como é que a gente faz? <i>!</i> Lá, lá, lá. <i>!</i>	<i>ni</i>	P roda a aplicação do encaixe P põe o encaixe à frente da boca e fala para	

24:14	Lá, lá				Folha P – contato ocular <u>Toque individual P-F</u> P sorri para F
24:16					
24:17					
24:20	Hum?				
24:22	Olha, o que é que está aqui, diz ao pai.				
24:24	O Mickey?				
24:25	É?				
24:26					
24:27					
24:29					
24:30					
24:31					
24:33					
24:37					
24:38	Ai lin_do!				P olha F
24:40					
24:41					
24:43	O que queres fazer?				P tom de voz "apagada"
24:45	Hum				«
24:46	Encaixa aqui, olha				«
24:47					
24:49					
24:50					
24:52	Vê se consegues encaixar. Faz.				

JEM

22A

24:55				
24:57			F sacode os dois encaixes ao mesmo tempo (barulho); F sacode de novo os encaixes	P sorri; arqueia as sobrancelhas
24:59			P coloca por baixo de um encaixe de F o seu encaixe maior; F observa	P riso contido
25:00			F tenta o encaixe (não consegue)	
25:01			F volta os 2 encaixes, olha para dentro; P levanta a tampa da caixa dos legos, espregueia, pausa-a; F bate com os encaixes um no outro; depois tenta encaixá-los	
25:04	É?		F olha a parede (?); roça os encaixes um no outro	P sorri
25:06	(riso aberto) V+			F olha a câmara; P ri e olha a câmara; F sorriso tímido
25:10	Faz comigo; R ^W			F – P contato ocular
25:12	Lá, lá, lá ;		P limpa a boca de F (com a mão); F bate com os encaixes um no outro, olha o teto	
25:15			F olha o teto em redor, roça os encaixes um no outro	P olha F
25:18	O que é que foi? O que estás a ver?		P olha para o teto; F olha os encaixes e roça-os um no outro	
25:20	Ah?		F observa as aplicações dos encaixes	
25:21	Ah?		F sacode os encaixes	
25:23	Olha. R+		F bate os encaixes um no outro	
25:26	O que é que está aqui? Quem é? R+		P mostra a F a aplicação do encaixe maior (que tem na mão); F observa; P eleva o encaixe à altura dos olhos de F	
25:30	Ah? Quem é que está aqui?		P volta a aplicação para si; F olha a ação de P	
			P volta a aplicação para F, à altura dos olhos de F	

Anexo 3 - Sínteses Analíticas

PROTOCOLO 1

(Vide Caso ilustrativo; 1M p. 67; 1P p.79)

PROTOCOLO 2

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 2M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 4

Distância M-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filha sentadas no chão, em ângulo reto, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, a mãe está atenta mas pouco expressiva (expressões faciais e tom de voz), a criança tem uma atitude calma e atenta.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		0	4
Encerramento	Desinteresse	1	1
	Mudança de atividade	0	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	15	20	Simple (ação-reação linear)	10	43
Interrompidas (ação-reação desviada)	3	3	Interrompidas (ação-reação desviada)	9	21

Expansivas (ação-reação de reformulação)	5	10	Expansivas (ação-reação de reformulação)	5	14
Extensivas (ação-reação de extensão)	9	18	Extensivas (ação-reação de extensão)	4	17

Afetos verbais - M a Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	2
Reforço positivo	10
Reforço negativo	0
Reforço neutro	3

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	12	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	168	0
Toque positivo	21	0
Toque negativo	0	0
Toque indirecto	0	0
Vocalização positiva	1	5
Vocalização negativa ou discrepante	0	4
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	131	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	49	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	113
		Exploração do mundo	67

Observações: Na categoria afetos não verbais, apesar da expressão facial atenta e genuína, com atenção partilhada, só existe um sorriso da mãe (00:35) mas ocorrido durante um contato ocular. Ainda devido à pouca expressividade facial não é possível cotar muitas das expressões verbais enquanto reforços.

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 2P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 5

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai e filha sentados no chão, lado a lado, a cerca de 30 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, pai e filha estão atentos e interessados na atividade.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		2	3
Encerramento	Desinteresse	1	2
	Mudança de atividade	3	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	22	28	Simple (ação-reação linear)	13	22
Interrompidas (ação-reação desviada)	17	32	Interrompidas (ação-reação desviada)	9	18
Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	4	Expansivas (ação-reação de reformulação)	4	18
Extensivas (ação-reação de extensão)	21	33	Extensivas (ação-reação de extensão)	2	5

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	24
Reforço negativo	1
Reforço neutro	7

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	20	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	160	0
Toque positivo	2	1
Toque negativo	0	0
Toque indirecto	6	4
Vocalização positiva	2	8
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	115	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	65	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	85
		Exploração do mundo	95

PROTOCOLO 3

DÍADE MÃE-FILHA

Síntese Analítica 3M

Tempo de interação: 3min
 Nº de episódios verbais: 9

Distância M-Cç: 1 braço
 Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

No pátio de uma casa, mãe e filha sentadas no chão sobre uma manta. Sobre a manta estão vários brinquedos espalhados, uns adequados à idade da criança, outros abaixo do seu nível etário. Ao

longo da interação lúdica, mãe e filha estão atentas e sorridentes. A criança tem uma atitude agitada.

Durante a interação ocorrem duas interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		5	4
Encerramento	Desinteresse	0	5
	Mudança de atividade	2	2

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	49	51	Simple (ação-reação linear)	2	5
Interrompidas (ação-reação desviada)	19	20	Interrompidas (ação-reação desviada)	11	14
Expansivas (ação-reação de reformulação)	9	10	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	5	11	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	30
Reforço negativo	2
Reforço neutro	4

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	124	178
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	56	2
Toque positivo	3	1
Toque negativo	2	0
Toque indirecto	3	1
Vocalização positiva	2	10
Vocalização negativa ou discrepante	2	8
Fuga ou evitamento	1	3

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	63	Simbólico	15
Abaixo do nível de desenvolvimento	117	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	175

DÍADE PAI-FILHA

Síntese Analítica 3P

Tempo de interação: 3min
 Nº de episódios verbais: 8

Distância P-Cç: 1 braço
 Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

No pátio de uma casa, pai e filha sentados no chão sobre uma manta. Sobre a manta estão vários brinquedos espalhados, uns adequados à idade da criança, outros abaixo do seu nível etário.

Ao longo da interação lúdica, pai e filha estão atentos e sorridentes. A criança tem uma atitude agitada.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		7	1
Encerramento	Desinteresse	0	5
	Mudança de atividade	1	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simples (ação-reação linear)	41	52	Simples (ação-reação linear)	5	9
Interrompidas (ação-reação desviada)	23	25	Interrompidas (ação-reação desviada)	7	9
Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	3	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	2	8	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	5

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	57
Reforço negativo	10
Reforço neutro	4

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	141	177
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	39	3
Toque positivo	3	1
Toque negativo	16	1
Toque indirecto	7	4
Vocalização positiva	1	25
Vocalização negativa ou discrepante	0	9
Fuga ou evitamento	0	19

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	69	Simbólico	18
Abaixo do nível de desenvolvimento	111	Movimento	71
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	91

PROTOCOLO 4

DÍADE MÃE-FILHA

Síntese Analítica 4M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 3

Distância M-Cç: encostadas
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Numa sala familiar a mãe está sentada no sofá e a filha de pé ao seu lado. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança.

Ao longo da interação lúdica, mãe e filha estão atentas e satisfeitas.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		2	1
Encerramento	Desinteresse	0	1
	Mudança de atividade	0	3

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	44	72	Simple (ação-reação linear)	5	10
Interrompidas (ação-reação desviada)	22	45	Interrompidas (ação-reação desviada)	2	4
Expansivas (ação-reação de reformulação)	7	10	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	7	14	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M – Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	2
Reforço positivo	87
Reforço negativo	9
Reforço neutro	0

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	0
Toque positivo	7	0
Toque negativo	4	0
Toque indirecto	5	0
Vocalização positiva	5	6
Vocalização negativa ou discrepante	0	1
Fuga ou evitamento	0	4

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	65	Simbólico	35
Abaixo do nível de desenvolvimento	115	Movimento	133
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	11

Observações: F passa grande parte da interação encostada a M (não foi cotado enquanto toque)

DÍADE PAI-FILHA

Síntese Analítica 4P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 2

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num salão de família pai e filho estão sentados no chão com as costas apoiadas num sofá. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança.

Ao longo da interação lúdica, pai e filha estão atentos e satisfeitos.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		1	2
Encerramento	Desinteresse	0	2
	Mudança de atividade	1	0

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	33	53	Simple (ação-reação linear)	8	0
Interrompidas (ação-reação desviada)	33	51	Interrompidas (ação-reação desviada)	9	15
Expansivas (ação-reação de reformulação)	5	10	Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	5
Extensivas (ação-reação de extensão)	5	11	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	3

Afetos verbais – P a Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	3
Reforço positivo	38
Reforço negativo	8
Reforço neutro	9

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	96	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	84	0
Toque positivo	10	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	2	2
Vocalização positiva	2	3
Vocalização negativa ou discrepante	0	19
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	75	Expressivo ou comunicativo	13
Dentro do nível de desenvolvimento	0	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	105	Movimento	167
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	0

PROTOCOLO 5

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 5M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 3

Distância M-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filho sentados no chão, em ângulo reto, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, a mãe mantém uma atitude sorridente e atenta, a criança uma atitude calma e atenta.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		1	2
Encerramento	Desinteresse	0	1
	Mudança de atividade	2	0

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	46	64	Simple (ação-reação linear)	1	1
Interrompidas (ação-reação desviada)	7	10	Interrompidas (ação-reação desviada)	5	8
Expansivas (ação-reação de reformulação)	12	25	Expansivas (ação-reação de reformulação)	1	2
Extensivas (ação-reação de extensão)	21	40	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	8

Afetos verbais – M - Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	69
Reforço negativo	0
Reforço neutro	2

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	168
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	12
Toque positivo	1	0
Toque negativo	0	0

Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	3	28
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	78	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	102	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 5P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 4

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai sentado sobre as pernas fletidas e filho sentados no chão, frente a frente, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, o pai mantém uma atitude atenta, mais de observador e apoiante às ações do filho. A criança manifesta-se entusiasmada, e atenta.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		0	4
Encerramento	Desinteresse	2	0
	Mudança de atividade	0	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	23	44	Simple (ação-reação linear)	10	24
Interrompidas (ação-reação desviada)	6	12	Interrompidas (ação-reação desviada)	7	23
Expansivas (ação-reação de reformulação)	6	9	Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	11
Extensivas (ação-reação de extensão)	6	15	Extensivas (ação-reação de extensão)	8	28

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	2
Reforço negativo	0
Reforço neutro	10

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	8	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	172	0
Toque positivo	0	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	3	43
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	90	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	90	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	42
		Exploração do mundo	148

Observações: O pai mantém uma cara neutra ao longo da interação (sorri 1 vez) e a tonalidade de voz é sempre baixa e sem modulação.

PROTOCOLO 6

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 6M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 1

Distância M-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num salão familiar, mãe e filho sentados no chão, sobre uma carpete, a uma distância de cerca de 60 cm. Em cima da carpete estão várias bolas pequenas, alguns brinquedos de praia (e.g. pá, ancinho) e um camião grande. Mais à frente uma estrutura em plástico onde se enfiam objectos de forma diferente, e com botões de som. Apenas este último brinquedo é adequado à idade da criança, os outros estão abaixo do seu nível de desenvolvimento).

Ao longo da interação a mãe mantém uma atitude entusiasta e alegre, o filho sorridente. Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		1	0
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	0	1

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	55	95	Simple (ação-reação linear)	3	0
Interrompidas (ação-reação desviada)	16	42	Interrompidas (ação-reação desviada)	3	9
Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	1	2	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	63
Reforço negativo	1
Reforço neutro	10

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	0
Toque positivo	11	2
Toque negativo	2	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	4	5
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	0	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	180	Movimento	180
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	0

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 6P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 3

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num salão familiar, pai e filho sentados no chão, o pai recostado num sofá e o filho entre as suas pernas (encostado ao pai). No chão estão várias bolas pequenas, alguns brinquedos de praia (e.g. pá, ancinho) e um camião grande. Mais à frente uma estrutura em plástico onde se enfiam objectos de forma diferente, e com botões de som. Apenas este último brinquedo é adequado à idade da criança, os outros estão abaixo do seu nível de desenvolvimento).

Ao longo da interação o pai mantém uma atitude entusiasta e alegre, o filho sorridente.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		3	0
Encerramento	Desinteresse	0	2
	Mudança de atividade	0	1

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	28	61	Simple (ação-reação linear)	10	30
Interrompidas (ação-reação desviada)	10	30	Interrompidas (ação-reação desviada)	3	8
Expansivas (ação-reação de reformulação)	3	7	Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	6
Extensivas (ação-reação de extensão)	2	5	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	2

Afetos verbais – P a Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	33
Reforço negativo	1
Reforço neutro	4

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	150	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	30	0
Toque positivo	49	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	10	0
Vocalização positiva	1	2
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	0	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	180	Movimento	107
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	73

PROTOCOLO 7

DÍADE MÃE-FILHA

Síntese Analítica 7M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 2

Distância M-Cç:
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filha sentadas no chão, lado a lado, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, a mãe mantém uma atitude entusiasta e atenta, a criança está calma e atenta.

Durante a interação não ocorrem ligeiras interferências exteriores causadas por uma irmã mais velha presente no gabinete.

Episódios		M	Cç
Início		2	0
Encerramento	Desinteresse	0	1
	Mudança de atividade	1	0

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	24	27	Simple (ação-reação linear)	4	13
Interrompidas (ação-reação desviada)	14	24	Interrompidas (ação-reação desviada)	8	18
Expansivas (ação-reação de reformulação)	12	28	Expansivas (ação-reação de reformulação)	4	15
Extensivas (ação-reação de extensão)	5	17	Extensivas (ação-reação de extensão)	3	6

Afetos verbais – M - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	30
Reforço negativo	2
Reforço neutro	1

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	135	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	45	0
Toque positivo	1	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	0	1
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	75	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	94	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	11	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

DÍADE PAI-FILHA

Síntese Analítica 7P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 3

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai e filha sentados no chão, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos. Presente no gabinete está uma irmã (mais velha) que não intervém *directamente* no jogo. Ao longo da interação lúdica, a filha está atenta e interessada na atividade. O pai tem momentos em que partilha a sua atenção com a filha mais velha

Episódios		P	Cç
Início		1	2
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	1	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	20	33	Simple (ação-reação linear)	5	15
Interrompidas (ação-reação desviada)	21	46	Interrompidas (ação-reação desviada)	11	29
Expansivas (ação-reação de reformulação)	7	22	Expansivas (ação-reação de reformulação)	3	9
Extensivas (ação-reação de extensão)	6	13	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	2

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	41
Reforço negativo	2
Reforço neutro	13

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	2	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	178	0
Toque positivo	2	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	3	8
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	22	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	158	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

PROTOCOLO 8

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 8M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais:

Distância M-Cç:
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num salão de família, mãe e filho sentados no chão, ele encostado à mãe. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança.

Ao longo da interação lúdica, a mãe mantém-se entusiasmada e sorridente, enquanto o filho manifesta-se por vezes contrariado

Episódios		M	Cç
Início		1	0
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	1	0

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	59	81	Simple (ação-reação linear)	2	3
Interrompidas (ação-reação desviada)	17	25	Interrompidas (ação-reação desviada)	1	2
Expansivas (ação-reação de reformulação)	8	16	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	11	23	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M - Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	5
Reforço positivo	71
Reforço negativo	0
Reforço neutro	8

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	34
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	146
Toque positivo	2	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	8	6
Vocalização negativa ou discrepante	0	14
Fuga ou evitamento	0	2

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	0	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	180	Movimento	180
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	0

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 8P

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 4

Distância P-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num salão de família, pai e filho sentados no chão, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança.

Ao longo da interação lúdica, o pai mantém-se calmo e sorridente, enquanto o filho está a maior parte do tempo contrariado/zangado.

Muitas interações ocorrem em situação de contato corporal (ex.: o filho no colo do pai).

Episódios		P	Cç
Início		4	0
Encerramento	Desinteresse	0	3
	Mudança de atividade	1	0

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	36	44	Simple (ação-reação linear)	15	31
Interrompidas (ação-reação desviada)	19	29	Interrompidas (ação-reação desviada)	6	9
Expansivas (ação-reação de reformulação)	4	7	Expansivas (ação-reação de reformulação)	1	4
Extensivas (ação-reação de extensão)	12	29	Extensivas (ação-reação de extensão)	1	2

Afetos verbais – P a Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	2
Reforço positivo	61
Reforço negativo	7
Reforço neutro	3

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	8	70
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	172	110
Toque positivo	34	18
Toque negativo	5	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	6	2
Vocalização negativa ou discrepante	0	14
Fuga ou evitamento	0	3

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	66	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	0	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	114	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

PROTOCOLO 9

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 9M

Tempo de interação: 3min
 Nº de episódios verbais: 1

Distância M-Cç: 1 braço
 Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filho sentados no chão, em ângulo de 45°, os corpos tocam-se. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao fim da interação lúdica, a mãe simplesmente observa o filho a brincar. A criança mantém uma atitude calma e atenta ao longo da interação.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		0	1
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	0	1

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	29	46	Simple (ação-reação linear)	6	17
Interrompidas (ação-reação desviada)	11	26	Interrompidas (ação-reação desviada)	5	14
Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	5	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	1	2	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M a Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	2
Reforço positivo	22
Reforço negativo	2
Reforço neutro	16

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	12	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	168	0
Toque positivo	3	3
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	3	6
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	180	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 9P

Tempo de interação: 3min
 Nº de episódios verbais: 1

Distância P-Cç: 1 braço
 Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai e filho sentados no chão, os corpos tocam-se. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, pai e filho estão atentos e interessados na atividade. Porém o pai senta-se numa cadeira a partir dos 37 segundos de jogo ficando ainda assim perto (distância 1 braço) e inclinado para a criança.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		1	0
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	0	1

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	38	71	Simple (ação-reação linear)	4	13
Interrompidas (ação-reação desviada)	17	41	Interrompidas (ação-reação desviada)	4	10
Expansivas (ação-reação de reformulação)	6	8	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	7	8	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	42
Reforço negativo	0
Reforço neutro	13

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	17	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	163	0
Toque positivo	0	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	0	0
Vocalização positiva	1	9
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	0	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	180	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	0
		Exploração do mundo	180

PROTOCOLO 10

DÍADE MÃE-FILHO

Síntese Analítica 10M

Tempo de interação: 3min
Nº de episódios verbais: 2

Distância M-Cç: 1 braço
Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, mãe e filho sentados no chão, em ângulo reto, a cerca de 60 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos. Ao longo da interação lúdica, a mãe mantém uma atitude sorridente e atenta, a criança uma atitude calma e atenta.

Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		M	Cç
Início		1	1
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	1	1

Sequências verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (M-Cç ou Cç-M)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	53	88	Simple (ação-reação linear)	3	5
Interrompidas (ação-reação desviada)	4	5	Interrompidas (ação-reação desviada)	2	2
Expansivas (ação-reação de reformulação)	8	10	Expansivas (ação-reação de reformulação)	0	0
Extensivas (ação-reação de extensão)	34	47	Extensivas (ação-reação de extensão)	0	0

Afetos verbais – M a Cç	Ocorrências registadas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	81
Reforço negativo	0
Reforço neutro	0

Afetos não-verbais	M	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	0
Toque positivo	0	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	1	1
Vocalização positiva	6	9
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	146	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	34	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	0	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	125
		Exploração do mundo	55

DÍADE PAI-FILHO

Síntese Analítica 10P

Tempo de interação: 3min
 Nº de episódios verbais: 5

Distância P-Cç: 1 braço
 Nº de episódios não-verbais: 0

Contexto interativo

Num gabinete clínico, pai e filho sentados no chão, frente a frente, a cerca de 80 cm de distância. No chão estão vários brinquedos adequados à idade da criança e mais à frente um cesto com mais brinquedos.

Ao longo da interação lúdica, pai e filho estão atentos e interessados na atividade. Durante a interação não ocorrem interferências exteriores.

Episódios		P	Cç
Início		4	1
Encerramento	Desinteresse	0	0
	Mudança de atividade	3	2

Sequências verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado	Sequências não-verbais interativas (P-Cç ou Cç-P)	Total de ocorrências	Tempo aproximado
Simple (ação-reação linear)	25	58	Simple (ação-reação linear)	4	8
Interrompidas (ação-reação desviada)	10	21	Interrompidas (ação-reação desviada)	11	28
Expansivas (ação-reação de reformulação)	1	4	Expansivas (ação-reação de reformulação)	2	8
Extensivas (ação-reação de extensão)	17	40	Extensivas (ação-reação de extensão)	4	6

Afetos verbais – P - Cç	Ocorrências registradas em segundos no total da interação
Elogio	0
Reforço positivo	50
Reforço negativo	0
Reforço neutro	18

Afetos não-verbais	P	Cç
	Ocorrências (em segundos)	Ocorrências (em segundos)
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	180	180
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	0	0
Toque positivo	0	0
Toque negativo	0	0
Toque indireto	2	0
Vocalização positiva	5	1
Vocalização negativa ou discrepante	0	0
Fuga ou evitamento	0	0

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)
Na zona proximal de desenvolvimento	66	Expressivo ou comunicativo	0
Dentro do nível de desenvolvimento	72	Simbólico	0
Abaixo do nível de desenvolvimento	42	Movimento	0
Acima do nível de desenvolvimento	0	Lógico matemático	40
		Exploração do mundo	140

Anexo 4 - Síntese quantitativa das interações mãe-filho(a): médias

Tempo de interação: 3min

Distância Mãe-Criança: 1 braço

Nº de episódios verbais: 3

Nº de episódios não-verbais: 0

Episódios		Mãe	Criança
Início		1.5	1.5
Encerramento	Desinteresse	0.1	1
	Mudança de atividade	0.9	1.1

Sequências verbais interativas	Total de ocorrências	Tempo aproximado	% do tempo	Sequências não-verbais interativas	Total de ocorrências	Tempo aproximado	% do tempo
Simple (ação-reação linear)	44.2	62.7	34.83	Simple (ação-reação linear)	3.9	10.3	5.72
Interrompidas (ação-reação desviada)	12.7	22.3	12.38	Interrompidas (ação-reação desviada)	4.7	9.3	5.16
Expansivas (ação-reação de reformulação)	6.4	11.6	6.44	Expansivas (ação-reação de reformulação)	1	3.1	1.72
Extensivas (ação-reação de extensão)	10.7	19.5	10.83	Extensivas (ação-reação de extensão)	0.9	3.1	1.72

Afetos verbais Mãe - Criança	Ocorrências registradas em segundos no total da interação	% do tempo
Elogio	1.1	0.61
Reforço positivo	50.8	28.2
Reforço negativo	2.1	11.72
Reforço neutro	4.6	2.55

Afetos não-verbais	Mãe	% do tempo	Criança	% do tempo
	Ocorrências (em segundos)		Ocorrências (em segundos)	
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	135	75	164	91.1
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	63.5	35.27	16	8.88
Toque positivo	5.1	2.83	0.7	0.38
Toque negativo	0.8	0.44	0	0
Toque indireto	1.4	0.77	0.4	0.22
Vocalização positiva	3.4	1.88	8.6	4.77
Vocalização negativa ou discrepante	0.2	0.11	1.7	0.94
Fuga ou evitamento	0	0	0.4	0.22

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	% do tempo	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)	% do tempo
Na zona proximal de desenvolvimento	55	30.5	Expressivo ou comunicativo	2.4	1.33
Dentro do nível de desenvolvimento	64.7	35.94	Simbólico	5	2.77
Abaixo do nível de desenvolvimento	60.3	33.5	Movimento	49.3	27.38
Acima do nível de desenvolvimento		0	Lógico matemático	32.5	18
			Exploração do mundo	91.7	50.94

Anexo 5 - Síntese quantitativa das interações pai-filho(a): médias

Tempo de interação: 3min

Distância Pai - Criança: 1 braço

Nº de episódios verbais: 4.1

Nº de episódios não-verbais: 0

Episódios		Pai	Criança
Início		2.5	1.7
Encerramento	Desinteresse	0.3	1.4
	Mudança de atividade	1.3	1.5

Sequências verbais interativas	Total de ocorrências	Tempo aproximado	% do tempo	Sequências não-verbais interativas	Total de ocorrências	Tempo aproximado	% do tempo
Simple (ação-reação linear)	32	51.4	28.38	Simple (ação-reação linear)	7.9	15.9	8.83
Interrompidas (ação-reação desviada)	17.3	30.9	17.16	Interrompidas (ação-reação desviada)	7.1	15.6	8.66
Expansivas (ação-reação de reformulação)	4.3	8.8	4.88	Expansivas (ação-reação de reformulação)	1.6	6.1	3.38
Extensivas (ação-reação de extensão)	9.4	20.6	12.55	Extensivas (ação-reação de extensão)	1.9	5.3	2.94

Afetos verbais Pai - Criança	Ocorrências registradas em segundos no total da interação	% do tempo
Elogio	0.7	0.38
Reforço positivo	38.4	21.33
Reforço negativo	3.9	2.16
Reforço neutro	8.5	4.72

Afetos não-verbais	Pai	% do tempo	Criança	% do tempo
	Ocorrências (em segundos)		Ocorrências (em segundos)	
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	77.2	42.88	168.7	93.72
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	102.8	57.1	11.3	6.27
Toque positivo	10.2	5.66	2	1.11
Toque negativo	2.1	1.16	0.1	0.05
Toque indireto	2.9	1.61	1.1	0.61
Vocalização positiva	2.9	1.61	11	6.11
Vocalização negativa ou discrepante	0	0	4.2	2.33
Fuga ou evitamento	0	0	1.9	1.05

Dimensões do Jogo	Ocorrências (em segundos)	% do tempo	Tipo de Jogo	Ocorrências (em segundos)	% do tempo
Na zona proximal de desenvolvimento	54.3	30.16	Expressivo ou comunicativo	3.8	2.11
Dentro do nível de desenvolvimento	54.7	30.38	Simbólico	1.8	1
Abaixo do nível de desenvolvimento	71	39.44	Movimento	34.5	19.16
Acima do nível de desenvolvimento	0	0	Lógico matemático	19.3	10.72
			Exploração do mundo	120.6	67

Anexo 6 - Gráficos comparativos das interações Mãe-Filho(a) e Pai-Filho(a)

